

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**"ENTRA AÍ PRA COMPLETÁ": NARRATIVAS DE
JOGADORAS DO FUTSAL FEMININO EM SANTA
MARIA - RS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS/UFSM

Cláudia Samuel Kessler

Santa Maria, RS, Brasil

2010

**"ENTRA AÍ PRA COMPLETÁ": NARRATIVAS DE
JOGADORAS DO FUTSAL FEMININO EM SANTA MARIA -
RS**

por

Cláudia Samuel Kessler

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria como parte dos requisitos para obtenção do grau de **Mestre em Ciências Sociais**.

Orientadora: Prof^a Maria Catarina Chitolina Zanini

Santa Maria, RS, Brasil

2010

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a dissertação

**"ENTRA AÍ PRA COMPLETÁ": NARRATIVAS DE JOGADORAS DO
FUTSAL FEMININO EM SANTA MARIA – RS**

elaborada por
Cláudia Samuel Kessler

como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Ciências Sociais.

Comissão Examinadora

**Profª Drª Maria Catarina Chitolina Zanini -UFSM
(Presidente/Orientadora)**

Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo - UFSCAR

Profª Drª Silvana Vilodre Goellner - UFRGS

Santa Maria – RS, 03 de março de 2010.

AGRADECIMENTOS

Um dos momentos mais especiais da dissertação, para mim, é este aqui. Em um mundo de correria, com pouco tempo para tudo, este é o momento de parar e agradecer. Agradecer pela transformação pela qual passamos neste processo de aprendizagem que é escrever um trabalho que exige dedicação, meditação e disciplina. Agradecer pelo tempo e dedicação que outras pessoas também doaram a este trabalho. Pessoas que por vezes afirmavam pensar que suas contribuições não seriam suficientes ou valorosas, mas que deram a vida e o tom deste trabalho. Não me refiro apenas às minhas entrevistadas, que abriram a porta de suas casas e arquivos pessoais, mas me refiro também aos amigos e às pessoas que nas conversas diárias faziam indagações, lançavam um desafio ou sugeriam alguma alteração.

Há certas coisas na vida que nos são tão marcantes que o agradecimento não fica impresso apenas em folhas brancas ou marcado em palavras proferidas; ele fica guardado mesmo que discretamente dentro do nosso coração. Ter a oportunidade de participar da primeira turma de mestrado do curso de Ciências Sociais da UFSM é algo que fica impresso em meu coração. Mais ainda por ter tido a oportunidade de trabalhar com uma pessoa de excelente reputação, ética exemplar, conhecimentos invejáveis e dedicação incondicional: minha orientadora. Os adjetivos são muitos, e todos merecidos. Com atenção e seriedade, imprimiu uma dinâmica que fez este estudo ganhar muito em termos de fôlego e de qualidade.

Aproveito este espaço também para agradecer a outra pessoa especial - além de Deus, de meu pai e minha mãe - basilares para a minha existência e que me dão o verdadeiro significado do que é ter fé e prosseguir em frente. Agradeço imensamente à minha irmã, pessoa que me inspira, me apoia e incentiva a todo momento. Agradeço também o apoio, cuidado e proteção do Da Costa, amigo e fiel escudeiro das tantas jornadas futebolísticas e da vida. Agradeço ao Lisandro pelas novidades recém "saídas do forno" e à Patricia por sua

compreensão fundamental. O carinho de vocês significa muito para mim.

Agradeço a Deus pela oportunidade de ter feito o curso de Ciências Sociais e ver o crescimento deste curso como um referencial no decorrer dos anos, impulsionado por pessoas de fibra e muita disposição, como minha orientadora e o professor João Vicente Barroso. Agradeço o apoio e a prontidão do auxílio da Jane, na secretaria da pós graduação. Agradeço também aos demais professores do curso pelas leituras indicadas, pelos ensinamentos proferidos e pelos momentos dentro e fora da sala de aula. Em especial, agradeço às indicações de leituras sobre gênero das professoras Zulmira e Fátima, bem como de minha colega, e agora mestre, Carolina Colvero.

Aproveito este espaço também para cordialmente agradecer aos professores da banca por virem de suas cidades para contribuir com este trabalho.

Agradeço também a quem mais se interessar a ler este trabalho. Espero que tenha uma ótima leitura! :)

Receita de Felicidade

Pegue uns pedacinhos de afeto e de ilusão;
Misture com um pouquinho de amizade;
Junte com carinho uma pontinha de paixão
E uma pitadinha de saudade.

Pegue o dom divino maternal de uma mulher
E um sorriso limpo de criança;
Junte a ingenuidade de um primeiro amor
qualquer
Com o eterno brilho da esperança.

Peça emprestada a ternura de um casal
E a luz da estrada dos que amam pra valer;
Tenha sempre muito amor,
Que o amor nunca faz mal.
Pinte a vida com o arco-íris do prazer;
Sonhe, pois sonhar ainda é fundamental
E um sonho sempre pode acontecer.

(Toquinho)

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
Universidade Federal de Santa Maria

"ENTRA AÍ PRA COMPLETÁ": NARRATIVAS DE JOGADORAS DO FUTSAL FEMININO EM SANTA MARIA – RS

Autora: Cláudia Samuel Kessler
Orientadora: Prof^ª Dr^ª Maria Catarina Chitolina Zanini
Data e local da defesa: Santa Maria, 3 de março de 2010.

Partindo de uma etnografia das práticas desportivas, o presente trabalho procurou mapear a constituição do futsal feminino em Santa Maria – RS, bem como entender a importância que este esporte possui na trajetória de vida das 18 jogadoras entrevistadas para esta pesquisa. Inicialmente impedidas de jogar, devido a proibições familiares e até mesmo governamentais, as mulheres passaram de torcedoras a praticantes, empoderando-se por meio da expressão de sua subjetividade. Com a execução de suas artes de fazer (e pode-se também entender que o jogo era uma arte mostrada por elas), estas mulheres subverteram a hegemonia dominante que afirmava discursos sexistas e essencialistas, referentes à questão reprodutiva e à ligação do feminino ao mundo doméstico. Estas mulheres desafiaram imposições relativas à centralidade de padrões sexuais e comportamentais, adentrando numa arena de predominância masculina. No decorrer de algumas décadas, desde 1980, ocuparam espaços dentro dos campos de futebol santa-marienses e, posteriormente, as quadras de futsal da cidade.

Palavras-chave: etnografia; mulheres; futsal.

ABSTRACT

Final Thesis
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
Universidade Federal de Santa Maria

"COME ON IN TO PLAY": WOMEN FUTSAL PLAYER'S NARRATIVES IN SANTA MARIA - RS

Author: Cláudia Samuel Kessler
Advisor: Prof. Dr. Maria Catarina Chitolina Zanini
Date and place of defense: Santa Maria, March 3, 2010.

Based on an ethnography of sporting activities, this study intended to map the formation of futsal in Santa Maria – RS (Brazil), and understand the importance that this sport has in the lives of 18 players interviewed in this research. Initially barred from playing, due to familiar and governmental prohibitions, women went from fan to players, getting empowered through the expression of their subjectivities. With the implementation of their gear to do (and can also be understood that the game was an art displayed by them), these women subverted the dominant hegemony that pronounced sexist and essentialist discourses, relating to reproductive issues and that linked the feminine to private spaces, like home. These women challenged the centrality of sexual standards and behavior, entering a male-dominated arena. Over a few decades, since 1980, they occupied spaces in the soccer fields of Santa Maria, and after they started to play futsal.

Keywords: ethnography; women; futsal.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quadro com as equipes campeãs do Estadual Feminino. Disponível em: < http://www.futsalrs.com.br/historico_estadual.asp >.....	39
Tabela 2 – Equipes campeãs do Citadino de Liga Santamariense de Futebol de Salão. Informações de Fernando Panela.....	45
Tabela 3 – Equipes campeãs do Citadino promovido pela Liga de Futsal Feminino de Santa Maria. Informações de Lurdez Rodrigues Ruas.....	46

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1 – Mapa que indica a localização de Santa Maria - RS, Brasil.....	14
Fig. 2 – Posicionamento tático de jogadores em campo de futebol.....	90
Fig. 3 – Esquema de posicionamento tático de jogadores em quadra	95

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Recorte do jornal Correio do Povo, de 1981 (arquivo pessoal de entrevistada)....	40
Foto 2 – Jogadoras reunidas para foto, antes de jogo, na década de 1980 (arquivo de entrevistada)	43
Foto 3 – Matéria veiculada no jornal A Razão, sobre o Citadino de 1984 (arquivo de entrevistada)	44
Foto 4 – Equipe santa-mariense que jogou o JIRGS de 1997 (arquivo de entrevistada)....	47
Foto 5 – Matéria veiculada no jornal A Razão de 1/12/1983 (arquivo pessoal de entrevistada).....	70
Foto 6 – Jogadora no Citadino 2009, aguardando na lateral para realizar substituição.....	74
Foto 7 – O futebol de salão era praticado em quadras de cimento, na década de 1980.....	81
Foto 8 – Jogadoras sentadas no banco de reservas no futsal, próximo à lateral da quadra de futsal.....	86
Foto 9 – Entrevistada mostra balde onde são guardados livros, fotos e diversos materiais	107
Foto 10 – Álbuns de fotos guardadas em um baú. Entre as memórias de aniversários e outros eventos sociais, havia também fotos dos tempos do futebol.....	113
Foto 11 – Sala de troféus de equipe. Foi reservada toda uma peça, exclusiva para as premiações.....	114

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. O CAMPO, A QUADRA E MUITAS DÚVIDAS – A ETNOGRAFIA DAS PRÁTICAS ESPORTIVAS NO FUTSAL FEMININO SANTA-MARIENSE.....	21
2. NO “PAÍS DO FUTEBOL” TAMBÉM SE JOGA FUTSAL.....	30
2.1 O início do futsal no Brasil e no Rio Grande do Sul.....	37
2.2 Breve histórico do futsal em Santa Maria.....	42
3. CENAS DE UM JOGO PROIBIDO.....	49
3.1 Notas sobre uma “Taffarel de saias” e as Martinhas de Santa Maria.....	60
3.2 “Vamo batê uma bolinha?” - o futebol de salão como uma alternativa.....	80
3.3 A organização da modalidade em Santa Maria.....	87
4. ARQUIVOS DE SI: MEMÓRIAS EM PLÁSTICOS, CAIXAS DE SAPATO, BALDES OU ESTANTES	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	118

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem por objetivo analisar o surgimento de um campo¹ esportivo na cidade de Santa Maria-RS, partindo de pesquisa etnográfica desenvolvida de 2008 a 2009. Foram analisados nesta pesquisa os materiais resultantes de entrevistas e observação participante realizada entre jogadoras do futsal feminino local. Trata-se de um estudo que intenciona analisar a trajetória de constituição deste esporte na cidade, com a existência de agentes que disputam prestígios, interesses, reconhecimento e outros variados bens. Entende-se que registrar e analisar parte deste processo é algo importante para o conhecimento sócio-histórico local que, por vezes, desprestigia as mulheres como agentes e sujeitos de suas escolhas. A prática esportiva realizada por mulheres sofreu diversos cerceamentos no decorrer da história, e nas páginas a seguir algumas destas adversidades serão relatadas, ilustrando os percalços percorridos nas trajetórias esportivas (e de vida)² das jogadoras.

Santa Maria possui cerca de 263.403 habitantes³, sendo a cidade mais populosa e urbanizada da região central do Estado. Devido a sua localização, possui muitos quartéis e estabelecimentos de ensino, o que propicia a um grande número de pessoas residirem na cidade, mesmo que temporariamente. Algumas das entrevistadas deste trabalho, por exemplo, nasceram em cidades próximas e se mudaram para Santa Maria com suas famílias em busca de melhores condições de estudo e de trabalho.

1 A noção de campo social representa uma estrutura objetiva de primeira ordem, um espaço social delimitado e ocupado por agentes. O campo social é permeado por conflitos, dominação, hierarquias e regras próprias de organização. Pode-se afirmar que a noção de campo “(...) funciona como um sinal que lembra o que há que fazer, a saber, verificar que o objeto em questão não está isolado de um conjunto de relações de que retira o essencial das suas propriedades” (BOURDIEU, 2007, p. 27).

2 Conforme a conceituação de trajetória para Bourdieu (2000, p. 189), "Ela conduz à construção de trajetória como série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações". O conceito de trajetória entende o agente social como inserido dentro de um espaço, contrapondo-se a uma sujeição ante as estruturas.

3 Dados do levantamento censitário realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em abril de 2007, totalizando 5 435 municípios brasileiros.



Fig.1 – Mapa que indica a localização de Santa Maria – RS, Brasil. Fonte: *Google Maps*.

Esta pesquisa se desenvolveu por meio de uma rede de relações que se constituiu antes de eu ter iniciado o Ensino Superior na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Cabe esclarecer, portanto, que, antes de ver as entrevistadas na situação de jogadoras e representantes de uma primeira geração do futsal feminino santa-mariense⁴, as conheci como dirigentes das equipes, por meio da prática do futsal e participação em campeonatos da modalidade.

Quando iniciei minha trajetória como jogadora de futsal em nível de competição, em 1999, pela equipe Garra Futsal Feminino, sequer imaginava as complexidades e os questionamentos que viriam pela frente. Voltar a ter o contato com as jogadoras foi um agradável encontro com questões com as quais eu me deparei durante minha trajetória de jogadora de futsal. Refletir sobre as minhas próprias vivências e as vivências destas jogadoras

4 A concepção de que há distinção entre as gerações do futsal feminino de Santa Maria é uma ideia por mim desenvolvida para melhor distinguir os diferentes agentes, os quais são diferentes não apenas em termos de idades, mas principalmente com relação ao comportamento, atitude e significações, a serem apresentados no decorrer deste trabalho. Para argumentar sobre esta distinção entre gerações no futsal, apoio-me na seguinte afirmação: “Quando um período deixa de interessar ao período seguinte, não é um mesmo grupo que esquece uma parte de seu passado: há, na realidade, dois grupos que se sucedem.” (HALBWACHS, 1990, p. 82). No caso das gerações do futsal feminino santa-mariense, ela fica aparente nas afirmações das próprias jogadoras, ao se considerarem mais velhas, e também por questões relativas a comportamento, uso de materiais esportivos, idade, socialização, ídolos, apoio dos pais e familiares, patrimônio das equipes, uniformes, igualdade entre equipes, rivalidades, honra, prestígio, liderança, visibilidade, vestimentas, modo de vida etc.

fez-me procurar os diversos ângulos existentes em histórias vividas e a mim narradas nesta pesquisa.

A curiosidade em conhecer a trajetória existente em um campo esportivo do qual participei foi um dos motores desta pesquisa. Procurei entender como se constituiu esta prática que era tão importante para as jogadoras que entrevistei e que era a razão de elas “escantear”⁵ muitas outras atividades, priorizando o compromisso assumido com os grupos⁶ dos quais faziam parte. Entendo, portanto, como Zamboni e Gusmão (2001, p. 145), que “a escolha do tema diz respeito a nossa própria história de vida, ele se inscreve em nossa subjetividade como desafio que queremos responder”. Diria que, mais do que isso, trata-se, também, de uma tentativa de compreender a narrativa do outro e da nossa própria experiência de vida em dados momentos. Neste sentido, afirma Peirano (1995, p. 9) que:

Na antropologia, a pesquisa depende, entre outras coisas, da biografia do pesquisador, das opções teóricas da disciplina em determinado momento, do contexto histórico mais amplo e, não menos, das imprevisíveis situações que se configuram no dia-a-dia no local da pesquisa, entre pesquisador e pesquisados (PEIRANO, 1995, p. 9).

Em meu entendimento, faz parte do trabalho do pesquisador a observação, experimentação, conhecimento e (por que não?) uma possível transformação⁷. Mais do que apenas ir e voltar a campo, trazemos um pouquinho dele sempre conosco e deixamos um pouco de nós também em inquietações, perguntas, silêncios. Há alterações tanto no campo pesquisado quanto no pesquisador. Dessa forma, "a escritura etnográfica adquire nuances para, por fim, dela resgatar-se o privilégio da ambigüidade do pensamento antropológico, inscrevendo a conduta do etnógrafo no plano do Mesmo, e não apenas da alteridade face ao outro" (ROCHA e ECKERT, 2002, p. 13). O “Outro” não se torna imprescindivelmente uma

5 “Escantear” algo é deixar algo de lado. Quando alguém é “escanteadado”, ele é jogado para o canto, excluído.

6 Grupo é uma expressão nativa que também é utilizada como referência às equipes, aos times.

7 Para exemplificar tal afirmação, pode-se lembrar a pesquisa realizada por Loïc Wacquant em *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*, a qual tinha por objetivo analisar o ligamento de jovens com a academia de boxe de Woodlawn (em Chicago), chamada de *Gym Boy and Girls Club of Woodlawn*. A metodologia adotada por Wacquant é uma inversão da tradicional fórmula “observação participante”, tornando o método uma “participação observante”. O envolvimento do pesquisador com a modalidade foi tão grande que fez com que Wacquant (2002, p. 20) confessasse que “(...) na embriaguez do mergulho, durante algum tempo, cheguei a pensar em interromper minha carreira universitária para 'passar para o lado' dos profissionais e, assim, permanecer junto a meus amigos do *gym* e ao técnico, DeeDee Armour, que se tornou para mim um segundo pai”. Tal afirmação demonstra a dificuldade de o pesquisador conseguir um olhar distanciado, de realizar o exercício de se afastar de seu objeto de estudo, demonstrando o grande grau de dificuldade existente na realização do ato de estranhamento e até mesmo sobre o sofrimento e a angústia carregados pelo pesquisador. Dessa forma, o pesquisador pode não apenas assistir ao grupo estudado, mas participar de maneira mais efetiva.

presença externa e distante do pesquisador, pois o próprio cientista carrega consigo elementos das narrativas que lhes são transmitidas. Há um processo reflexivo em curso, o qual transita por diferentes esferas e suscita diferentes percepções. Segundo Rocha e Eckert (2002), as formas culturais do comportamento nativo são internalizadas pelo antropólogo, o qual sintetiza por meio de símbolos gráficos as narrativas orais. Entendo, assim, que o maior desafio é o de tentar assumir da melhor maneira possível um papel de intermediação entre ambos os papéis: tanto o de pesquisadora quanto o de jogadora, utilizando os métodos e instrumentos disponíveis entre aproximação e distanciamento.

Conforme Geertz (2002), o modo de enunciar atitudes, objetos e pessoas, bem como a presença do pesquisador dentro do texto (ou a introdução de nossa presença representacional), são elementos que atormentam o trabalho do antropólogo há muito tempo. Existe, para Geertz (2002, p. 21), "(...) um problema epistemológico, uma questão de como impedir que visões subjetivas distorçam fatos objetivos". Há, assim, um choque entre como as coisas se apresentam e como elas são apresentadas pelo pesquisador. O entendimento do pesquisador acerca dos fatos pode até mesmo se assemelhar ao que lhe foi passado, porém nunca reproduzirá o fato em si. Devemos lembrar que as nossas considerações serão sempre interpretações de interpretações (GEERTZ, 1989).

A construção do trabalho do antropólogo é um processo que possui seus caprichos, a necessidade de constantes idas e voltas na escrita para encontrar o lugar certo, a expressão mais apropriada para enunciar o pesquisado. E é por isso que concordo que o ato de escrever para o antropólogo é algo de extrema relevância (vide Clifford, 1998). Trata-se do momento em que traduzimos para as matrizes discursivas da disciplina o universo do outro com o qual entramos em contato face a face.⁸ Estamos assim ligados ao discurso literário. Somos autores e, de certa forma, também somos protagonistas na obtenção de nossos “dados”⁹. Isso porque a Antropologia trata de personagens reais, de atores sociais, de trajetórias de vida, de fatos e versões. Ela mistura subjetividade e objetividade, de tal modo a fazer perambular por uma frágil linha que sutilmente separa as considerações entre o que é de interesse ou não da

8 Para Goellner, “tecer a trama a partir dos vestígios escolhidos para serem analisados resulta de um processo minucioso e árduo que envolve a tarefa de delimitar uma temática de investigação, de vasculhar o maior número possível de fontes e fazê-las dialogar, de mergulhar nas análises, de garimpar as palavras para produzir a escrita, de reunir condições e argumentos para dar a ver e de instigar a imaginação, porque imaginar não significa, simplesmente, fantasiar (GOELLNER, 2007, p. 22-23).

9 Considera-se como dado antropológico, neste trabalho, um produto estabelecido por meio da interação com as entrevistadas, fruto do processo de pesquisa. Os dados, portanto, são construções.

pesquisa, entre a especulação e a confirmação, entre o delírio e a certeza.

Lidamos com a construção sobre os fatos, com a relevância que estes assumem na vida das pessoas. Temos a inquietante obrigação de selecionar o que entendemos como sendo algo importante na vida dos outros e hierarquizar fatos que, por vezes, não fazem parte do nosso repertório de vivências. Tal ação demanda um rigoroso bom senso, pois em algumas situações lá não estivemos presentes para sentir, para saborear ou experimentar o que foi vivido. Não fomos agentes daquela história, mas participamos dela ao fazê-la ecoar em nossa escrita. A atenção e o cuidado ao escrever, mais do que pensamos, é uma atitude importante neste processo de transmissão, pois “a indiferença do antropólogo para com as coisas que lhe são narradas, ao seu lugar de ouvinte, pode, assim gerar a morte da figura do narrador na sua própria pessoa e, conseqüentemente, a morte das vidas vividas do Outro” (ROCHA e ECKERT, 2002, p. 18).

Creio que tal reflexão sobre o trabalho antropológico se mostra pertinente neste processo, pois o pesquisador tem o poder de transformar as experiências vividas em palavras impressas nas folhas que antes eram de tonalidade branca. Somos responsáveis por tingir o branco com símbolos pretos que recheiam a lauda que antes estava alva, sem nada testemunhar. E este testemunho carrega consigo aspectos inteiramente subjetivos, cheiros, cores, sabores, tato... É um aguçar das diversas percepções humanas, as quais afloram durante aqueles momentos que consigo carregam vários outros instantes e, por vezes, anos de muitas experiências que são resumidos em algumas palavras.

Ao realizar este trabalho, na tentativa de conhecer o campo esportivo santa-mariense, nele procurei as estruturas de significado presentes, bem como sua constituição ao longo do tempo. Esta análise interpretativa do campo esportivo santa-mariense teve como *locus* os espaços públicos esportivos da cidade, e como grupo investigado as jogadoras de futebol de campo e de salão. São utilizados registros sobre a vida cotidiana das mulheres em treinos e competições, os embates, as adversidades, as disputas, as mediações e intermediações existentes na prática de uma atividade esportiva.

As narrativas das jogadoras não apenas versavam sobre um passado distante, mas também estavam relacionadas com a vida presente (HALBWACHS, 1990), pois os sentidos atribuídos ao vivido eram desta extraídos e partilhados. A importância que o esporte ainda assume na vida delas está relacionada com suas trajetórias e compromissos sociais atuais. O

jogo semanal, as conversas com algumas das amigas conhecidas em jogos e a participação em eventos esportivos ainda marcam espaço na agenda de algumas destas mulheres. A particularidade de seus discursos tem relação com construções elaboradas no presente, sobre o passado e sobre o processo de constituição de um campo esportivo na cidade de Santa Maria. Trata-se de trajetórias que, ao serem narradas, enfatizam certa noção de continuidade temporal que, neste campo, conforme será visto, também é uma construção.

Como jogadora e pesquisadora, a questão que me propunha era a de procurar um distanciamento possível acerca das narrativas de construção deste campo esportivo local. Procurara alargar meus conhecimentos sobre as práticas, os significados e o universo do "Outro", o que para Da Matta (1978, p. 28, grifos do autor), é um empreendimento que requer muita atenção, pois "(...) vestir a capa de etnólogo é aprender a realizar uma dupla tarefa que pode ser grosseiramente contida nas seguintes fórmulas: (a) *transformar o exótico no familiar* e/ou (b) *transformar o familiar em exótico*". A necessidade de transformar o familiar em exótico me fez perceber que há diversas gírias, expressões, comportamentos e até mesmo a própria lógica do jogo¹⁰ que devem ser esclarecidos ao público leitor. Há quem sequer conheça o futebol ou futsal feminino e a grande diversidade existente dentro deste campo esportivo. Para estas pessoas, a ausência de tais explicações pode gerar dúvidas e a desvalorização de aspectos que podem ser relevantes para o entendimento e elaboração de suas estruturas de significado internas.

Em diversas situações, ao ter a oportunidade de falar sobre o desenvolvimento deste trabalho para outras pessoas em eventos ou em conversas diárias, muitas ficaram surpresas em saber da existência de times femininos de futsal em Santa Maria. Mesmo sendo moradoras santa-marienses há vários anos, algumas disseram que não apenas desconheciam a existência da modalidade feminina, como também não sabiam que elas possuem atividades iniciadas há mais de 30 anos atrás.

O objetivo desta pesquisa é, em suma, compreender e conhecer, por meio da fala e pesquisa etnográfica, como se construiu o que pode ser denominado de *campo do futsal*

10 Segundo Retondar (2003), o jogo é capaz de estabelecer uma relação de êxtase e transcendência do jogador consigo mesmo. São experiências e prazeres que divertem e que são inexplicáveis. São componentes de uma ordem cultural imaterial que está relacionada com sentidos que não se exaurem em uma dada materialidade (dinheiro, prêmio, *status*...), mesmo que ela seja necessária para deflagrar o jogo. Dessa forma, para o autor, "(...) o ato de jogar não se esgota e não se explica em sua totalidade a partir deste quadro de referência externa ao próprio jogo", há de se perceber a ligação entre "o mistério, o indeterminado, o invisível" (RETONDAR, 2003, p. 117).

feminino de Santa Maria e que é considerado pelas próprias atletas como parte de suas trajetórias de vida. Tal problema foi construído devido à necessidade de entender os processos de constituição do futsal feminino amador da cidade, o qual é ainda desconhecido por grande parcela da população. Entendeu-se que a valorização das narrativas constituidoras deste campo deveriam ser analisadas, pois as jogadoras que vivenciaram esta fase estão se afastando da prática competitiva por diversos motivos. Halbwachs (1990) explica a importância de trabalhar com grupos como este, que podem ser considerados “à margem”, afirmando que,

Quando a memória de uma seqüência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo, aquele mesmo em que esteve engajada ou que dela suportou as conseqüências, que lhe assistiu ou dela recebeu um relato vivo dos primeiros atores e espectadores, quando ela se dispersa por entre alguns espíritos individuais, perdidos em novas sociedades para as quais esses fatos não interessam mais porque lhes são decididamente exteriores, então o único meio de salvar tais lembranças, é fixá-las por escrito em uma narrativa ainda uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem (HALBWACHS, 1990, p. 80-81).

No futsal feminino santa-mariense, cada equipe possui sua própria maneira de lidar com as atletas, de cobrar resultados e de manter financeiramente as atividades dos grupos. Enfim, os grupos são bastante heterogêneos, possuindo suas próprias regras e códigos de conduta. Meu desafio específico nesta pesquisa foi desnaturalizar os conhecimentos adquiridos com o tempo e me abrir para outras realidades existentes no interior deste campo não mais como jogadora, mas sim como estudiosa. Para isso, além das entrevistadas que já havia conhecido, contatei outras mulheres que também haviam sido jogadoras, com versões diferentes e que já demonstram (no presente) um afastamento de mais tempo da prática esportiva.

A seguir, no Primeiro Capítulo, são apresentados alguns apontamentos sobre a metodologia, as dificuldades e as facilidades na execução das entrevistas. Como se observa, o fazer etnográfico é um processo repleto de reflexividades e de complexidades que, por vezes, tornam-se alimento de nossas indagações epistemológicas. Neste capítulo, pontuo algumas questões relacionadas com minha inserção em campo e a transformação de jogadora a pesquisadora, processo este difícil, complexo e sempre inacabado.

No segundo capítulo, são tratadas questões sobre o desenvolvimento do esporte, o futebol e o futsal. Inicialmente são abordadas questões mais abrangentes e universalizantes para, posteriormente, tratar das questões locais. Tenta-se, neste capítulo, mapear espaço-

temporalmente este campo esportivo, ampliando para outras considerações acerca da constituição do futsal feminino em âmbito local.

Já no Terceiro Capítulo, são expostas as dificuldades da prática esportiva para as jogadoras, bem como questões sobre o desenvolvimento dos modelos relacionados ao futsal santa-mariense. Este Capítulo apresenta as falas nativas, enunciando as adversidades vividas por elas na inserção da prática, bem como questões etnográficas sobre a organização da modalidade. Ainda neste Capítulo, inscrevem-se como questões relacionadas com gênero, masculinidades e feminilidades que estiveram presentes nas falas.

No Quarto e último Capítulo, são apresentados elementos relacionados com os arquivos de si, ou seja, lembranças materiais ou imateriais das jogadoras. Este Capítulo descreve algumas dificuldades para rememorar os fatos vividos, não apenas por serem distantes temporalmente, mas alguns também por serem difíceis e complexos de serem traduzidos em palavras. Para o antropólogo, a questão crucial a ser feita a estes acervos é: por que guardar recortes de jornais, fotografias, troféus, medalhas, uniformes, entre tantos outros objetos encontrados? Neste capítulo, por meio das falas das jogadoras, melhor se compreenderá o significado desta prática.

Por entender que as complexidades do campo não conseguirão ser todas abordadas nesta dissertação, ressalto que este trabalho é um estudo ainda incompleto e limitado. Incompleto porque no decorrer da pesquisa percebeu-se a infinidade de temáticas e questões que poderiam ser ainda abordadas. Limitado porque, mesmo com outras questões bastante relevantes ainda a serem trabalhadas, este estudo procurou atender ao recorte enunciado anteriormente nesta introdução e as potencialidades deste campo esportivo são infinitamente maiores.

1. O CAMPO, A QUADRA E MUITAS DÚVIDAS – A ETNOGRAFIA DAS PRÁTICAS ESPORTIVAS NO FUTSAL FEMININO SANTA-MARIENSE

Segundo Toledo e Costa (2009, p. 14), "há décadas as ciências sociais, particularmente a antropologia, olham o esporte e o movimento daqueles que se aventuram no jogar". Estas "visões de jogo", ou visões sobre os agentes que participam dos jogos, baseadas no exercício etnográfico ou em outras metodologias, auxiliam na composição de variadas percepções e abordagens sobre o esporte. O olhar antropológico analisa de maneira profunda e cuidadosa, adentrando na esfera dos simbolismos, das identidades e das classificações do microuniverso analítico. Partindo deste pressuposto, esta dissertação realiza uma etnografia de práticas esportivas realizadas por mulheres que jogam futsal em Santa Maria – RS.

Fundamentando-se no conceito de "antropologia das práticas esportivas" (TOLEDO E COSTA, 2009), em vez de "antropologia dos esportes", centrar-se-á não apenas nos aspectos relativos a práticas de alta performance, mas também nas representações que alcançam aspectos lúdicos e de sociabilidade destas jogadoras.

Conforme afirmação de Stigger (2009), as atividades de lazer estão ligadas aos processos de socialização de que participam os agentes de uma determinada sociedade. São elementos culturais que auxiliam no mapeamento do mundo e do lugar que essas pessoas assumem dentro deste. Este processo de socialização é assim, também, uma forma de educação do mundo social em que os agentes vivem. A atuação na esfera esportiva é mais uma atuação na vida social. Como toda atuação, ela é envolvida por lutas, conflitos e relações de poder que também podem ser vistos na vida cotidiana. Stigger (2009) considera, assim, o esporte como uma extensão desta vida cotidiana, e algo que demanda investigação científica.

Trabalhos acadêmicos realizados por mulheres, sobre mulheres e com temáticas que saiam do eixo das que são convencionalmente pesquisadas demoraram um bom tempo para começar a ser aceitas no ambiente acadêmico. Dominado majoritariamente por homens, o

universo da academia ainda possui diversas reservas, assim como o próprio campo esportivo futebolístico. Segundo Correa (2001), há ainda um mal-estar gerado pelo interesse de pesquisa centrado nas mulheres, o qual possui como antídoto a realização de mais pesquisas sobre esta temática. Talvez possamos até mesmo falar que uma familiarização com o exótico é uma aproximação com o feminino, que por diversas vezes foi distanciado do masculino como forma de reafirmação da masculinidade, exotizando e segregando o não-masculino.

Devido a uma larga tradição de centralizar esforços para pesquisas "sérias" e "importantes" para a sociedade, as demais são costumeiramente empurradas à margem, unindo-se às pesquisas consideradas "sem expressividade". Porém, quais são os critérios de definição da seriedade ou de relevância? Não seriam estes aspectos subjetivos e influenciados segundo os interesses e conveniências desta ou daquela sociedade? Cabe lembrar também que, no campo das Ciências Sociais, "mais além, a sociologia tendeu a limitar-se aos aspectos 'sérios' e 'racionais' da vida, resultado do qual a diversão, o prazer, o jogo, as emoções e as tendências 'irracionais' e 'inconscientes' de homens e mulheres recebem escassa atenção na teoria de investigação sociológica" (ELIAS E DUNNING, 1995, p. 12-13).

Esta luta por poder e espaço no campo acadêmico não se dá apenas no campo dos estudos sobre mulheres, mas, durante muito tempo, também pairou sobre as esferas sociológicas de estudo sobre o campo esportivo. Assim,

(...) o esporte não era - ou talvez, para dizer com mais exatidão, os 'pais fundadores' não consideraram que era - o *locus* de problemas sociais sérios na época em que se estava definindo os perfis básicos da sociologia moderna. Ainda, muitos alegariam que tampouco constitui uma propriedade básica nem universal dos 'sistemas sociais' (ELIAS E DUNNING, 1995, p. 12).

Porém, segundo Elias e Dunning (1995), as grandes repercussões que o esporte teve em termos de mudanças na vida das pessoas, alterando seus hábitos e sua maneira de viver, fizeram com que os pesquisadores o percebessem como uma importante esfera para a análise do comportamento social. Dessa forma, estudos sobre essa área começaram a ser realizados ao perceber que os avanços sociais repercutiam na esfera esportiva e que, tal como as festas e rituais outrora realizados, os fenômenos esportivos refletem diversos elementos culturais de sua época. Sobre os estudos realizados em épocas anteriores, deve-se entender que havia uma luta no estabelecimento de campo de conhecimento¹¹.

11 Conforme livre tradução de Elias e Dunning (1995, p. 32), pode-se afirmar que "os cientistas naturais, junto com alguns filósofos da ciência profundamente convencidos de que as ciências naturais gozam de primazia

Sendo resultado de nosso meio, somos um produto cultural, entrelaçados pelas "teias de significação" (GEERTZ, 1978) que perpassam todo nosso ser e nossa existência. Entende-se então que

Nossas idéias, nossos valores, nossos atos, até mesmo nossas emoções são, como nosso próprio sistema nervoso, produtos culturais - na verdade, produtos manufaturados a partir de tendências, capacidades e disposições com as quais nascemos, e não obstante, manufaturados (GEERTZ, 1978, p. 62).

Somos construídos num tempo particular, por uma sociedade particular. Somos, segundo Geertz (1978), artefatos culturais, os quais o antropólogo procura desvendar por meio do entendimento das simbologias, dos significados e do que está subjacente à complexa teia de significações. Cabe ao pesquisador procurar as interpretações, os pergaminhos a serem lidos e as pessoas a serem conhecidas, observadas e escutadas. A fim de melhor analisar os aspectos culturais, é importante que o cientista procure não utilizar suas próprias "lentes de ver o mundo" como se fossem as mais verdadeiras, superiores ou mais importantes¹².

Fazer pesquisa é lembrar que a ciência não é neutra, assim como não somos neutros. Somos seres educados conforme nossa cultura, com visões de mundo diferentes (DUMONT, 2000). O cientista social deve, portanto, relativizar e perceber que *cada caso é um caso*, e que "mediante sua prática profissional, os agentes sociais aprendem a desconfiar de fórmulas pré-fabricadas." (FONSECA, 1999, p. 58). Instigados por nossa curiosidade, vamos à busca da riqueza do detalhe, do extraordinário presente no cotidiano e, ao mesmo tempo, do familiar à condição humana, porque dotado de significados.

Ao trabalhar com etnografia¹³, pude perceber as dificuldades que o contato com o grupo aflora. Além de evidenciar fatores benéficos, conhecer o grupo e as entrevistadas foi também um empecilho. Inicialmente, a inserção neste campo foi realizada sem o objetivo

sobre as demais porque são como leis, utilizaram toda a sua força intelectual e seu poder social para convencer os demais de que o 'método' das ciências naturais, e em particular o da física clássica, é o único método legítimo de descobrimento científico".

12 Dessa forma, "afirma-se ser preciso que o pesquisador veja com olhos imparciais a realidade, evitando envolvimento que possam obscurecer ou deformar seus julgamentos e conclusões. Uma das possíveis decorrências deste raciocínio seria a valorização de métodos quantitativos que seriam 'por natureza' mais neutros e científicos" (VELHO, 1987, p. 123).

13 A etnografia é um processo de autoquestionamento, em que as ações e as coletas abrem ao pesquisador acesso a portas para um processo muito mais rico de reflexividade sobre o que se está produzindo. Conforme define Geertz (1989), "(...) praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma 'descrição densa', tomando emprestada uma noção de Gilbert Ryle" (GEERTZ, 1989, p. 15).

intencional de realização de pesquisa. O início da prática do futsal feminino surgiu como uma atividade de recreação e de participação que assumia um papel de atividade diferente do ambiente escolar. Ainda no Ensino Médio, iniciei a jogar na “escolinha”¹⁴ de futsal do Clube Atlético Corinthians (situado na rua General Neto, nº 121), em treinos semanais. Deve-se pontuar sobre este clube, tradicional na cidade, pois ele foi o primeiro em que ocorreu a prática do futsal em quadras fechadas na cidade, conforme Piber (2008)¹⁵. Posteriormente, ingressei na equipe amadora¹⁶ Garra Futebol Feminino.

O contato inicial com jogadoras de várias equipes, mesmo que breve - em torneios com duração de apenas um dia ou na participação do Campeonato Citadino - facilitou uma posterior aceitação em campo, devido ao reconhecimento de que também sou jogadora e “estou no meio” do futsal¹⁷. Ao longo da trajetória da pesquisa, este conhecimento prévio das entrevistadas foi positivo, em outros, foi um obstáculo. O favorável foi que algumas jogadoras se sentiram mais confortáveis de narrar determinadas questões para alguém que sabiam que já havia passado por algo semelhante. Por outro lado, outras tiveram o receio de se posicionar em determinadas questões, por temerem que estas informações fossem repassadas a outras pessoas do próprio grupo e que pudessem gerar constrangimentos e mal-entendidos, embora eu tivesse exposto todo o procedimento ético da pesquisa e como as informações seriam trabalhadas.

14 Há autores da Educação Física que se posicionam contra a utilização do termo “escolinha”, porém, no período em que me iniciei na prática esportiva era esta a denominação dada, e desta forma faço o uso da denominação corriqueira para estas escolas de ensino-aprendizagem de futsal.

15 Segundo Piber (2008), o início do futsal em Santa Maria foi em 25 de abril de 1956, no Corinthians Atlético Clube, no qual predominava a prática do basquete. Porém, naquela época, a quadra desta agremiação era situada nos fundos do Clube Caixeiral Santamariense, na rua do Acampamento – principal rua comercial da cidade. Carlos José Arosteguy Lopes, popularmente conhecido como Carlinhos, foi um dos principais incentivadores na formação de times e na adesão do futebol de salão pelos clubes sociais da cidade. Este pioneiro, segundo Piber (2008), afirmou que o futebol de salão não era bem visto pelos dirigentes, pois estava fazendo com que jogadores do basquete migrassem para o futebol. Além disso, indica que o futebol de salão não progrediu mais devido à falta de incentivos e, principalmente, de ginásios para treinar. Foram citadas apenas as quadras do Corinthians, do Atlético, do Dorés e do Avenida Tênis Clube, clubes sociais da cidade. Afirma também que, posteriormente, a quadra do ginásio São José, na faixa de São Sepé, foi palco de grandes jogos que impulsionaram o futebol de salão em Santa Maria.

16 A utilização do termo “amador” está relacionada à inserção desta equipe em práticas competitivas e recreacionais, existindo uma parcela de praticantes que visavam à alta performance e outra que visava apenas à participação. O caráter amador não pode ser afirmado pela qualidade do jogo, mas sim pelo fato de que mesmo com ideias divergentes com relação à dedicação da prática, elas realizavam vários investimentos financeiros para praticar a modalidade, sem poder se sustentar com o jogo. Os patrocínios recebidos apenas custeavam despesas, não servindo como remuneração pela dedicação empreendida.

17 “Estar no meio do futebol” é uma expressão utilizada pelas jogadoras para expressar que a pessoa a que se referem é uma jogadora ou acompanhante da modalidade (auxiliar ou torcedor). É uma pessoa que participa deste campo esportivo, que já foi ou ainda é integrante de alguma equipe.

Pelos motivos já explicitados, optou-se por utilizar, neste trabalho, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A utilização deste procedimento foi baseada no entendimento da necessidade de utilizar um mecanismo que atualmente tem sido bem aceito nas pesquisas com seres humanos e que fornece uma sensação de segurança e respeito tanto ao pesquisador quanto aos entrevistados. Dessa forma, tanto os entrevistados são informados sobre os objetivos da pesquisa, como o próprio pesquisador se compromete em utilizar aqueles depoimentos apenas com finalidade acadêmica e com os objetivos acordados na pesquisa.

Devido à minha inserção no futsal amador desde 1999 e por ter a oportunidade de encontrar outras equipes em horários anteriores ou posteriores aos treinamentos, pude ter um melhor conhecimento sobre como a modalidade está estruturada hoje. Comentários aqui ou ali vão informando sobre como são as jogadoras, seus interesses, seus hábitos, seus objetivos. Estes conhecimentos são acessados com maior facilidade devido ao contato em eventos esportivos, porém não há a pretensão de um conhecimento integral sobre tudo e sobre todas as equipes. Minhas considerações, dessa forma, são baseadas em observações participantes e nos relatos das jogadoras, técnicos e pessoas “do meio” com as quais tive contato.

Com a criação de nossa própria equipe (devido ao término da equipe Garra Futebol Feminino), tivemos que aprender a lidar com as diferenças de um grupo bastante heterogêneo tanto em seus entendimentos sobre a vida, como em suas trajetórias. No Atlântico Futsal Feminino, havia garotas que se identificavam como de classe média e de classe média baixa.¹⁸ Este desafio de formar uma equipe foi encarado como um projeto inovador e rendeu-nos alegrias e decepções entre os anos de 2002 e 2004.

Muito do que as jogadoras que entrevistei me contaram era apenas um reflexo sobre algumas das situações que também passei na minha trajetória pelo futsal. Conhecer o modo como cada uma delas lidou com as adversidades é algo que não apenas demonstra a particularidade destas trajetórias, como também salienta que há um universo de desafios conjuntos a serem pensados na prática esportiva realizada por mulheres.

Tendo em vista a necessidade de que o grupo entrevistado pudesse responder aos questionamentos sobre o início da prática do futsal feminino em Santa Maria, delimitou-se o

18 Nesta dissertação me utilizo da noção de classe conforme Bourdieu (1983), para quem a classe é sempre uma relação entre posições no interior de uma estrutura. Assim, respeitei a autoidentificação das entrevistadas quando se posicionavam comparativamente enquanto membros de uma determinada classe social.

grupo a ser entrevistado em uma fase que abrangeria as pessoas que fizeram parte tanto do futebol de campo santa-mariense quanto do futebol de salão¹⁹. Tal escolha foi realizada após a percepção de que as jogadoras que participaram dessa época possuíam uma visão não apenas do princípio do futsal feminino, mas faziam parte de um mesmo grupo de amigas que "migrou" dos campos de futebol para as quadras²⁰.

As idades das jogadoras são as mais variadas, o que tem também relação com a idade em que iniciaram a prática do futebol. A entrevistada mais nova possuía 39 anos, e a mais velha 51. Elas viveram uma mesma época que se pode chamar de “áurea” do futebol de campo de Santa Maria, época em que se buscava o reconhecimento do futebol feminino - quando da existência dos departamentos femininos do Esporte Clube Internacional de Santa Maria²¹ e do Riograndense Futebol Clube²². Posteriormente, estas jogadoras migraram dos gramados para as quadras de futsal. As jogadoras dessa época foram enquadradas no que considero como a Primeira Geração do futsal feminino de Santa Maria. Elas participaram da última fase do futebol de campo, bem como de uma fase intermediária de futebol sete e do início do futsal. Tal escolha metodológica teve como objetivo abranger um grupo de jogadoras que pudesse responder às indagações desta pesquisa, compreendendo um maior período de participação na prática esportiva local.

Foram analisadas as entrevistas de 18 jogadoras²³, realizadas entre os anos de 2008 e de 2009. Esta pesquisa privilegiou a realização de entrevistas gravadas com equipamento digital, pois desta forma a riqueza de seus relatos poderia ser melhor preservada. Em sua maioria, as entrevistas foram realizadas na residência das jogadoras, em horário e local que foram sugeridos por elas mesmas. Tal abordagem favoreceu em muito a pesquisa, pois muitas das entrevistadas se sentiram mais confortáveis em relação ao tempo de duração da entrevista

19 Que posteriormente passou a ser chamado de futsal, conforme explicações expostas no Segundo Capítulo.

20 Sobre a transição dos campos para as quadras, bem como a inserção de mulheres na prática esportiva, vide também Kessler (2009).

21 O Esporte Clube Internacional de Santa Maria, carinhosamente conhecido como Interzinho ou Coloradinho, foi fundado em 16 de maio de 1928. Como curiosidade, podemos afirmar que este foi o primeiro clube profissional de futebol no Brasil a eleger uma mulher como sua presidenta. Sirlei Dalla Lana foi eleita em 26 de março de 1985.

22 O Estádio dos Eucaliptos, sede do Riograndense Futebol Clube foi inaugurado no dia 14 de julho de 1935, na partida amistosa entre o time da casa e o time porto-alegrense do *Sport Club Internacional*.

23 A fim de manter o anonimato da pesquisa, o nome das jogadoras santa-marienses foi substituído por nomes de integrantes da seleção brasileira de futebol feminino. Não há a intenção de fazer uma comparação entre as jogadoras entrevistadas e as jogadoras da seleção, mas sim, de prestar homenagem às jogadoras santa-marienses que não tiveram as mesmas oportunidades. Foram, assim, utilizados os nomes das atletas: Roseli, Tânia Maranhão, Cristiane, Rosana, Érika, Kátia Cilene, Formiga, Estér, Maycon, Marta, Renata Costa, Simone Jatobá, Aline Pellegrino, Andréia, Pretinha, Maurine, Daniela e Bárbara.

e a necessidade de mais tempo para discorrer sobre o conteúdo de suas narrativas.

Ao entrevistar 18 jogadoras, pude então perceber o quanto as trajetórias são repensadas e reescritas, com frases como “hoje em dia eu já entendo melhor por que fizeram aquilo, mas é que na época eu não tinha essa consciência”, enunciado por uma das entrevistadas em conversa informal e registrada em diário de campo. O trabalho não apenas baseou-se em conversas informais, mas também em entrevistas com questionário semiestruturado, realizadas em locais escolhidos pelas entrevistadas e duração variável, conforme suas disponibilidades. A delimitação de 18 entrevistadas está ligada à necessidade de abranger o maior número possível de pontos de vista, pois havia atletas que passaram por diversas equipes e carregam consigo as impressões do tempo vivido entre estes grupos. Tive a oportunidade de neste trabalho utilizar a rede de relações estabelecida entre as jogadoras, sendo sugeridas outras entrevistadas, bem como um contato atualizado. Com relação à quantidade de entrevistas realizadas, pode-se dizer que a delimitação foi baseada na percepção de um ponto de saturação de informações.

Por entender que cada equipe possuía um funcionamento diferente, não apenas em termos de regras e cobranças, mas também na questão de dificuldades em termos de quantidade de participantes e situações financeiras, procurei explorar esta diversidade, entrevistando jogadoras de diversas equipes. Em termos geográficos, cabe salientar que a pesquisa foi limitada a jogadoras residentes apenas em Santa Maria e na região.

Com relação ao método utilizado neste trabalho, além da prática etnográfica como referenciada nas Ciências Sociais (MALINOWSKI, 1984; GEERTZ, 1978; CARDOSO DE OLIVEIRA, 1993; entre inúmeros outros), com observação participante e convivência, foi realizada uma adaptação do método proposto por Goellner et al. (2007c) em trabalhos com memórias. Dessa forma, foram primeiramente realizadas três entrevistas-piloto (realizando adaptações no roteiro de perguntas), reformulação do questionário, aplicação das demais entrevistas, transcrição, impressão e devolução às entrevistadas²⁴. A ordem das perguntas era alterada conforme o rumo da conversação, bem como algumas questões eram acrescentadas no momento, caso se percebesse a necessidade de aprofundar ainda mais um assunto.

A devolução das entrevistas teve como característica não apenas servir de *feedback* às entrevistadas, mas também foi um momento para realizar outros questionamentos, esclarecer dúvidas e devolver materiais que haviam sido emprestados. Contudo, ressalto que esta é uma

²⁴ Este procedimento visou a dar maior transparência à metodologia e também ser um retorno às entrevistadas.

pesquisa que privilegiou a prática etnográfica e também todo o conhecimento que o pesquisador adquire quando, ao conviver, sente-se apto a traduzir as estruturas de significado e diferenciar o significado das diferentes “piscadelas” (vide Geertz, 1978).

Com relação à interpretação realizada após o contato com a população nativa, Castro (2008) questiona a fidelidade das traduções realizadas pelo antropólogo (*fieldworker*). Ele indaga a profundidade do entendimento do pesquisador acerca das diversas construções identitárias e sociais existentes nos grupos. Conforme este autor, a tradução do que é visto e presenciado pelo pesquisador é expressa por palavras na escritura etnográfica. Porém, a seleção dos elementos é realizada pelo próprio antropólogo: a ele cabe o papel de juiz de si próprio. Dessa forma, entre o dado e o significado, existe a interpretação do autor. Assim, na transmissão das "verdades do Outro", estas são entendidas como verdades ou mentiras, como importantes ou desimportantes na escolha entre uma palavra e outra, na supressão de um elemento ou na elevação de outro.

Há antropólogos como Evans-Pritchard (2005, p. 245) que afirmam que "a batalha decisiva não se trava no campo, mas depois da volta". Devido à proximidade cultural, pode-se erroneamente pensar haver facilidade na atribuição de sentido lógico às ações. Porém, a volta do campo é também um processo de negociação interna do pesquisador, com a elaboração, exclusão ou destaque dos elementos fundamentais conforme seu próprio julgamento. Balizado por princípios éticos, deve responder às próprias inquietações que o motivaram a realizar a pesquisa, assim como também deve procurar atender aos desafios de seus pares acadêmicos.

Nesta busca pelo sentido das experiências, há as percepções e interpretações de forma a “expor sua normalidade sem reduzir sua particularidade” (GEERTZ, 1989, p. 24). Conforme Clifford (1998), a escrita etnográfica é uma tradução do que se viveu no plano empírico, das experiências presenciadas pelo antropólogo. Clifford (1998, p. 21) afirma que "o processo é complicado pela ação de múltiplas subjetividades e constrangimentos políticos que estão acima do controle do escritor. Em resposta a estas forças, a escrita etnográfica encena uma estratégia específica de autoridade". Esta autoridade está vinculada com o sentido de verdade que se pretende acionar no leitor. O leitor deve sentir que realmente o antropólogo "esteve lá" (GEERTZ, 1989), e de lá retorna “transformando as ambiguidades e diversidades de significado (...) num retrato integrado” (CLIFFORD, 1998, p. 42). Neste

processo, portanto,

Torna-se necessário conceber a etnografia não como a experiência e a interpretação de uma 'outra' realidade circunscrita, mas sim como uma negociação construtiva envolvendo pelo menos dois, e muitas vezes mais, sujeitos conscientes e politicamente significativos (CLIFFORD, 1998, p. 43).

Somos mediadores, entre o Outro e o *self*, ou também, como afirma Rocha e Eckert (2002, p. 16), somos tradutores que podem dar vida ou fazer morrer as narrativas compartilhadas, de tal forma que a ação de "escutar a palavra enunciada desdobra-se, portanto, num compromisso oculto com ela, isto é, conservar coesa sua força de germinação, propagando-a no tempo". Não apenas colher a palavra, mas dialogar com ela e com o grupo, exige discernimento e compreensão sobre o grupo escolhido. A escrita, desta forma, na prova de que "estivemos lá", legitima e concede ao pesquisador autoridade etnográfica (CLIFFORD, 1998). Nesta mediação, procuro entender os aspectos relevantes para as jogadoras daquela época, uma época bastante diferente da atual, segundo elas, e que possuía também muitos estigmas e entraves.

Acima de tudo, há um exercício de uma "dimensão auto-reflexiva" (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1993), em que, como pesquisadora, procuro entender minha participação ou pertencimento, mas também dialogo com outras esferas que se relacionam com este empreendimento em campo. Tanto emocional como analítico, o envolvimento antropológico equaciona os problemas de diferentes esferas de entendimento. Desta forma, compreende-se que, em meio a demandas de ordem pessoal, nativas e acadêmicas (e em alguns casos também demandas mercadológicas), há acima de tudo um diálogo. O diálogo entre as diferentes esferas é tão perigoso quanto delicado, exigindo a defesa de posicionamentos e interpretações que não são nem certos, nem errados, e muito menos neutros ou vazios de significado.

Meu convívio com algumas jogadoras se reduziu apenas às entrevistas realizadas. Outras jogadoras eram encontradas frequentemente em competições e jogos, e com estas convivi mais proximamente. Conforme a disponibilidade delas e minha, aproveitei a oportunidade para conversarmos mais sobre algumas questões. No capítulo a seguir, pontuo as questões referentes à prática esportiva, adentrando em um território conhecido pelas jogadoras entrevistadas: os campos de futebol e as quadras.

2. NO “PAÍS DO FUTEBOL” TAMBÉM SE JOGA FUTSAL

Futebol. Eis uma das grandes instituições culturais, que constrói e consolida identidades nacionais em todo o mundo. Para Giulianotti (2002, p. 96), não apenas o futebol está ligado a sentimentos nacionalistas, mas também “para a maioria dos jogadores que desfrutam do jogo, entrar no espaço do futebol é uma experiência familiar, topofílica, não importa onde estão jogando”.

Este capítulo procura situar o leitor com relação ao desenvolvimento do esporte como processo civilizatório ocidental, bem como apresentar algumas questões históricas referentes à prática do futebol e do futsal. Estas questões servem como suporte para o entendimento de como se deu o início das práticas esportivas pelas mulheres e, principalmente, como foram constituídos os *locus* de predominância masculina, como o futebol. Ao abordar a temática esportiva, não podemos deixar de lado o contexto histórico em que estão inseridas mudanças de hábitos e costumes nas diversas sociedades. A atual perspectiva esportiva pode ser entendida, assim, como fruto de uma construção europeia que possui relação com o processo de civilização e formação do Estado (ELIAS & DUNNING, 1995).

Para Lucena (2001), por exemplo, o esporte surgiu como atividade recreativa de distinção das elites burguesas e urbanas. Em período após a Revolução Industrial, no século XIX, os novos grupos sociais emergentes tentavam superar a velha aristocracia, com seus rituais e etiquetas. O esporte era visto como uma prática "civilizada", em contraposição às atitudes grosseiras e "primitivas" (LUCENA, 2001, p. 39).

No Brasil, a introdução dos novos padrões de sociabilidade e recreação teve por intuito esmaecer as práticas culturais do período colonial, levando também à minimização da negatividade de um passado ligado à escravidão e a uma posição de atraso social, quando posto em relação à elite europeia. Com a modernização da sociedade brasileira, o esporte foi um produto de diversas transformações políticas, econômicas e culturais nacionais.

O esporte, conforme Lucena (2001), é um elemento diferenciado (regulando e controlando os movimentos corporais de forma diferente da liberdade proporcionada pelos jogos populares, por exemplo) e diferenciador (por ser uma nova forma de se relacionar com a natureza e com as outras pessoas), alterando a maneira como era realizada a sociabilidade e as inter-relações entre os sujeitos. O declínio do patriarcalismo rural e a emergência de hábitos do Velho Continente trouxeram a necessidade de atividades organizadas e reguladas, equilibrando as tensões entre prazer e restrição. Lucena (2001) afirma que assim o esporte conseguiu aumentar o controle das emoções, como característica fundamental para a instauração de sociedades altamente reguladas²⁵.

O *football* inglês, por exemplo, foi um *sport* que favoreceu a introdução de valores como o autocontrole. O esporte, e aí também está incluído o futebol, segundo Da Matta (2003, p. 7), pode ser entendido como uma expressão da metáfora do capitalismo ocidental. O esporte não apenas instiga a competição entre os diferentes grupos de participantes, como também entre os participantes de um mesmo grupo. Eles competem não somente por resultados positivos para o grupo todo, mas também por uma posição de destaque na equipe titular.

Conforme Bourdieu (2003), a prática esportiva da elite foi importante para o privilégio do *fair play*, o qual se trata de um elogio da disposição cavalheiresca associado a um distanciamento do jogador em relação ao seu "personagem" dentro da quadra ou campo. Resumidamente, o autor associa a definição moderna desportiva a um "ideal moral", um *ethos* ligado a uma parcela da classe dominante, a qual teve sua difusão imposta por instituições de ensino privado. Pode-se pensar, igualmente, que o esporte disciplina os corpos (vide FOUCAULT, 1988) e orienta a percepção dos indivíduos em relação à sua estrutura corpórea.

Devemos então salientar que o esporte em sua forma moderna auxiliou na propagação de valores sociais e estilos de vida, mirando principalmente o exemplar sistema educacional da alta classe britânica, tal como o reconhecido incentivador Barão de Coubertin²⁶. Dentre as

25 Conforme Pinto (2002, p. 19), "a discussão do lazer como um direito social convive com mudanças provocadas pelos movimentos sociais e culturais do final do século XX, em prol da melhoria de qualidade de vida e igualdade de direitos para todos os cidadãos e pelo reconhecimento das diferenças e da expressão de identidades coletivas. Estes 'novos tempos' são reveladores de um tempo histórico, no qual são valorizados os direitos universais e o lazer como direito a um estilo de vida saudável, embora a conquista desses direitos seja uma luta constante".

26 Pierre de Frédy, pedagogo e historiador parisiense, nascido em 1863. Barão de Coubertin era o seu título nobiliárquico. Foi ele que criou os Jogos Olímpicos da Era Moderna.

diversas modalidades esportivas, o futebol, como prática social, foi muito importante, na medida em que assinalou uma transformação decisiva na invenção e institucionalização de novos esportes²⁷.

Melo (2000) afirma que o esporte foi introduzido no Império Britânico a fim de controlar os impulsos dos jovens, propagando certos valores, como o cavalheirismo, a boa conduta e a honestidade. Afirma ainda que a mudança na postura doutrinária eclesiástica foi decisiva para a implementação do esporte, estando comprometida com: a) pasteurização do esporte; b) o aspecto educacional (que havia sido utilizado pela burguesia para controlar e propagar seus valores entre jovens ingleses); c) a mudança de postura em relação às atividades corporais (após o Renascimento foram encaradas como maneira de impedir os jovens em pensar nas atividades pecaminosas). Além de lidar com as questões corpóreas, a instituição de esportes como o futebol, “por tabela” (ou seja, conseqüentemente) também tocava em questões como a masculinidade juvenil.

Primeiro, a masculinidade poderia ser demonstrada através do auto-controle, fazendo com que o corpo se tornasse um instrumento e uma expressão da dominação. Desde os higienistas do século IX que aconselhavam os homens sobre a abstinência sexual, até os esportes da virada do século, e até a mania contemporânea de *body-building*, os homens que pareciam fortes e duros podiam tentar e aliviar a angústia de que, de fato, eles estavam para serem desmascarados como fracos e suaves (KIMMEL, 1998, p. 112).

Baseado nos escritos de Elias, Dunning e Maguire (1997), Devide (2005) afirma que algumas das mudanças realizadas no campo esportivo foram resultantes da participação das mulheres neste cenário. Considerado desde sua origem como uma arena masculina, o campo esportivo sofreu algumas mudanças para que houvesse a inserção das mulheres. Houve, assim, o declínio de manifestações violentas nos esportes, bem como o cerceamento na expressão de comportamentos agressivos, como os existentes no início da prática do futebol²⁸.

Mais do que refletir sobre mulheres, entende-se a existência de um embate entre masculino e feminino na ocupação de uma área considerada de "reserva masculina"

27 Conforme Hobsbawn (1997) explica, a cultura do futebol teve maior penetração nas culturas industriais e urbanas dos países europeus. Com o intuito de modelar o caráter das classes médias, filantropos da elite nacional britânica organizavam as competições. Quando houve a profissionalização do futebol, os clubes foram comandados por negociantes, empregadores da força de trabalho majoritariamente operária

28 Alguns dados sobre a inserção das mulheres no futebol: a) a primeira partida entre mulheres aconteceu em 1889, entre Inglaterra e Escócia (em Londres); b) segundo Widmar (2005), a primeira partida de equipes brasileiras foi realizada entre Tremembenses e Cantareirenses (em 1921), em São Paulo; c) enquanto a primeira edição de Copa do Mundo masculina aconteceu em 1930 (no Uruguai), a feminina foi realizada mais de 60 anos depois, em 1991 (na China).

(DEVIDE, 2005; MOURA, 2005). Assim como em outros esportes, o futebol passou por mudanças – sendo inicialmente voltado a uma elite europeia, na qual as mulheres eram vistas como frágeis e delicadas, damas que deveriam ser tratadas com extrema distinção.

Subvertendo a lógica de cerceamento da liberdade das mulheres, que as limitava à esfera doméstica e excluía da cena pública, o esporte serviu como instrumento de visibilidade e libertação feminina. As mulheres, costumeiramente eram relegadas à ordem do mundo da casa, longe dos olhares públicos. Estavam protegidas no interior do ambiente doméstico, longe dos perigos e adversidades que o cotidiano inadvertidamente suscita²⁹. Porém, ao mesmo tempo em que estavam longe destes “perigos”, também não podiam sentir-se como protagonistas, como “escritoras da história” de suas próprias vidas. Dependiam das permissões e das liberações de homens que por vezes eram autoritários e em alguns casos até mesmo agressivos.

Segundo Mourão (2000), devido à ideologia higienista e à ideia do darwinismo social, a participação das mulheres em atividades físico-desportivas foi permitida. Esta prática beneficiava a produção de gerações mais fortes e saudáveis, ofertando às mulheres os jogos leves e as atividades físicas moderadas. Esta concessão, no entanto, não oferecia à mulher espaço de libertação, mas sim, de aperfeiçoamento da função reprodutora. Esta visão biológica - baseada em argumentos científicos - regulava e normalizava o corpo da mulher brasileira, tolhendo sua visibilidade no campo esportivo. A aclamação pública era privilégio masculino, cabendo às mulheres uma participação tímida e reservada.

A presença de mulheres em ambientes esportivos, no Brasil, desde o princípio se dava apenas de forma meramente figurativa, com performance expositiva, sem participar dentro das quadras e campos. Conforme Goellner (2004), as mulheres apareciam apenas como acompanhantes de seus maridos, como torcedoras, como apoiadoras. As mulheres não atuavam dentro do esporte como praticantes e sequer possuíam cargos de dirigência.

As mulheres brasileiras foram excluídas da prática esportiva durante muito tempo, e sua presença aconteceu de maneira lenta e gradual, primeiramente como espectadoras em competições esportivas do final do século XX, tais como: remo, ciclismo e turfe. O turfe, por exemplo, segundo Lucena (2001), era uma modalidade que representava a presença do

29 Para Giulianotti (2002, p. 9), “a ‘modernidade’ está relacionada à rápida urbanização e ao crescimento demográfico e político da classe trabalhadora. Estabelece-se uma divisão entre espaços masculinos (público, produtivo) e espaços femininos (privado, reprodutivo)”.

patriarcalismo brasileiro nos passatempos esportivizados, sendo direcionada aos nobres e utilizada pelos aristocratas como símbolo de exibição de luxo, grandeza e vaidade. Conforme Adelman (2003), até pelo menos 1970, a imagem das mulheres era associada a papéis tradicionais, estando identificadas à reprodução, ao casamento, à família e ao ambiente doméstico. Isso se deve também em parte a proibições relacionadas ao Decreto-Lei nº 3199.³⁰

Quando as mulheres brasileiras conseguiram que o Conselho Nacional de Desportos (CND) liberasse a prática do futebol e começaram a pensar em uma profissionalização, os dirigentes das equipes barraram esta mudança. Este decreto vigorou até 1975 (MOURÃO E MOREL, 2005) e até 1979 para Knijnik (2006), e tinha como argumento reservas de ordem médica (por ter um organismo hipoteticamente frágil), psicológica (devido ao estresse gerado pela prática esportiva) e estética (masculinizando a mulher)³¹. Deveria, assim, ser assegurada a segurança das "futuras mães" do nosso país. Elas não poderiam estar expostas a esportes tão violentos. E não apenas o futebol (de campo, de salão, de praia) estava vetado às mulheres, mas também atividades como o pólo, o halterofilismo, as lutas e o *baseball*.

Conforme Goellner (2004), inicialmente a mulher possuiu papel assistente nos eventos esportivos, sendo espectadora dos lances e empreendimentos de pai, tios, irmãos ou marido dentro da arena de competição. Foi com o consumo de bens e costumes importados, que ao Brasil também chegaram os ecos de movimentos que lutavam pela emancipação feminina. Com uma participação inicialmente passiva, esta presença contribuiu para aumentar a visibilidade feminina e posteriormente inserir-se nas atividades esportivas como competidora.

Porém, o esporte sofreu mudanças não apenas em relação às regras, mas também em sua estruturação. Com a institucionalização dos esportes, para Bracht (2002, p. 198), houve uma mudança no modelo social esportivo, de uma ideia de "(...) esporte como direito do cidadão, para a idéia do esporte como direito do consumidor". Ao invés de servir como

30 Este decreto entrou em vigor a partir de 14 de abril de 1941. Conforme Farias (2008, p. 3), "ao estabelecer as bases de organização dos esportes e instituir o Conselho Nacional de Desportos (CND), o artigo 54 do decreto proibia às mulheres 'a prática de desportos considerados incompatíveis com as condições da sua natureza, devendo para este efeito o CND baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país'. Logo depois, o general Newton Cavalcanti apresentou ao Conselho subsídios para a elaboração de um documento que formalizou a interdição das mulheres a algumas modalidades esportivas, tais como as lutas, o boxe, o salto com vara, o salto triplo, o decatlo e o pentatlo; outras foram permitidas, desde que preservados certos limites."

31 Goellner (2004) expõe que a participação da mulher no campo esportivo estava associada com a saúde (para gerar filhos mais saudáveis e fortes) e beleza (com a ambição de assemelhar-se a um padrão estético do cinema norte-americano). Dessa forma, o discurso médico desaconselhou algumas atividades às mulheres, havendo proibição de algumas práticas esportivas pelo Conselho Nacional de Desportos.

instrumento para a promoção de valores, o esporte estimula a compra. E não apenas a compra de bens materiais, mas a compra, troca e substituição de atletas - em um mercado que envolve grandes somas de capital.

Para Franco Júnior (2007, p. 25), esportes como o futebol possuem relação com o sistema capitalista, pois estão ligados à característica de “(...) competição, produtividade, secularização, igualdade de chances, supremacia do mais hábil, especialização de funções, quantificação de resultados, fixação de regras”. Conforme Reis (2005, p. 127), os estímulos proporcionados pela visão de espetáculo geram um aumento nas desigualdades, de tal forma que o espetáculo futebolístico, assim como o capitalismo, propague “(...) desigualdades, ambiguidades, simbolismo e violência (...) frutos do pseudo-progresso do capitalismo no final do século XX”.

O poder do capital é um poder que produz uma noção de atleta-mercadoria (PILOTTO, 2007), em que ele não pode estar estragado, remendado ou quebrado, devido a seu valor de mercado. O valor atribuído ao corpo não é apenas o de positividade de um corpo saudável, mas sim de um corpo rentável e útil. "Ou seja, cada vez mais os (as) atletas funcionam como mercadorias - são comprados (as), vendidos (as), emprestados (as) e até mesmo devolvidos (as) e rejeitados (as)" (PILOTTO, 2007, p. 101). Dentro da prática esportiva santa-mariense, alguns destes aspectos relacionados ao capital estiveram presentes nos depoimentos das jogadoras. Ressaltam-se quanto a esta questão as chamadas *atletas de aluguel*. Estas jogadoras eram as que se sobressaíam tanto por sua habilidade, quanto por sua rentabilidade ao grupo (trazendo vitórias). Elas jogavam por uma equipe apenas se recebessem algo em troca: bebida, dinheiro, alimentação ou hospedagem. Para Padilha (2002, p. 113), “se o consumo é um dos pilares de sustentação do capitalismo, não só as atividades de lazer tornam-se mercadorias, como o próprio tempo de lazer torna-se tempo para consumir mercadorias”. Porém, Padilha (2002, p. 113) afirma que a maneira como as pessoas aproveitarão este tempo livre - que também é um tempo de consumo - é diferenciada pelo “nível de renda (capital financeiro) e o nível de cultura (capital cultural)”.

Autores como Rezer (2003) observam que o esporte é um sistema de regras que se torna vivo apenas a partir da concretização da ação humana. Caso não seja praticado, ele é apenas um conjunto de regras e sistemas. As partidas possuem um tempo de duração pré-definido, contudo, se não houver pessoas interessadas em se submeter àquela determinação,

elas serão apenas marcações em um livro de regras. E o esporte não é apenas regra, ele também envolve a subjetividade dos jogadores. A exemplo disso, pode-se entender que

(...) o futebol e o futsal transcendem o entendimento de simples modalidades esportivas, transformando-se historicamente, em nosso contexto, em algo muito maior, movido / pela paixão, pela subjetividade, pela emoção universal de um gol, de um 'frango', de uma bola na trave, de um lance genial" (REZER, 2003, p. 3).

Mais além de um esporte utilizado para mudança de hábitos sociais e corporais, encontra-se hoje a competição e a institucionalização que substituem a liberdade corporal pela padronização e o rendimento. Os “astros” do futebol, por exemplo, são submetidos a rotinas estafantes de treinos e condicionamentos físicos com o intuito de tornar seus corpos mais úteis, mais hábeis e mais produtivos. A visão do lucro se tornou preponderante, aumentando o número de escolinhas no Brasil e a comercialização de produtos (DAMO, 2007).

Por outro lado, pouco disso se vê quando se trata do *futsal*, ao invés do futebol. Nada de transações milionárias, salários astronômicos ou essa tão aclamada “paixão nacional” (DAOLIO, 2000). Quando se fala “Qual o seu time?” para algum brasileiro, geralmente se está perguntando qual o time de futebol, não o de vôlei, nem basquete, nem mesmo *futsal*. Mesmo sendo esportes bastante semelhantes, cabe nos perguntarmos por que o futsal não é tão considerado nacionalmente quando o futebol, nem movimenta massas tão grandes ou mobiliza milhões de brasileiros?

Dentre as semelhanças entre futebol e futsal, pode-se citar as seguintes:

Poderíamos considerar o futsal como um esporte emergente, que em muito reflete a trajetória do futebol, no que se refere ao seu entendimento como manifestação cultural, por muitos fatores, dentre eles:

- originado do próprio futebol;
- processo de profissionalização na modernidade;
- crescente popularização;
- facilidade de prática quanto a espaço e materiais;
- magia e encanto que permeiam sua prática;
- ginásios lotados em competições dos mais diversos níveis;
- grande número de praticantes (REZER, 2003, p. 39-40).

Por não ser um esporte tão conhecido por algumas pessoas e que não possui muita divulgação na mídia, a seguir exponho um breve histórico da modalidade no Brasil, a fim de situar o leitor sobre um esporte que é tão (e até mais) brasileiro do que o futebol, desde a sua fundação.

2.1 O início do futsal no Brasil e no Rio Grande do Sul

Com as mudanças na organização social brasileira e o êxodo rural, mais acentuadamente após a metade do século XX, a concentração de pessoas no meio urbano cresceu significativamente no Brasil. Conforme Rezer (2003, p. 43), “campinhos, parques, terrenos baldios têm sua quantidade reduzida a cada momento, sob o pretexto do desenvolvimento do mundo moderno”. Esta redução dos espaços de lazer se deve à grande urbanização das cidades e conseqüente redução dos espaços vazios. Com a diminuição destes espaços de sociabilidade, o futsal, esporte que necessita de pouco espaço para sua realização, tem se mostrado mais adequado devido aos fatores espaciais. Devido a suas características, pode ser melhor adaptado às quadras esportivas escolares, clubes e condomínios, aumentando significativamente o número de praticantes, tanto homens quanto mulheres, nas últimas décadas³².

A necessidade de traçar um breve histórico sobre o futsal no Brasil se dá na medida em que se torna importante entender o contexto nacional de desenvolvimento da modalidade para, posteriormente, minimizar a escala de compreensão para o âmbito santa-mariense. Entretanto, com relação ao nascimento da prática do futsal, há várias divergências.

Tentando minimizar as dúvidas com relação ao início da modalidade, será aceita a versão mais amplamente divulgada pela Federação Gaúcha de Futsal. Esta entidade se posiciona em favor da versão que sustenta o surgimento da prática do futsal em 1934, na Associação Cristã de Moços (ACM) de Montevideu, pelo professor uruguaio Juan Carlos Ceriani. No Brasil, porém, deve também ser destacado o trabalho de Habib Maphuz, o qual era professor da ACM de São Paulo nos idos de 1950 e ajudou a elaborar as normas para a prática de várias modalidades esportivas. Segundo Piber (2008), Habib foi o fundador da primeira Liga de Futebol de Salão, a Liga de Futebol de Salão da ACM, em 1952³³.

32 Mais informações sobre a expansão do futsal feminino e ensino nas escolas, vide Santana e Reis (2003).

33 Ao contrário do futebol, que teve suas regras formuladas pelos ingleses e assimiladas pelos brasileiros, o futebol de salão teve o primeiro livro de regras de Futebol de Salão editado no mundo a partir da elaboração do paulista Luiz Gonzaga de Oliveira Fernandes e de Habib Maphuz, em 1956.

O futebol de salão inicialmente era chamado de “esporte da bola pesada”, pois a bola de futebol era muito leve e constantemente saía da quadra e atingia o teto dos ginásios. Para minimizar este problema, seu tamanho foi diminuído e seu peso aumentado. Segundo o *site* Futsal Brasil (2009)³⁴, o futebol de salão teve sua primeira Federação Internacional fundada em 1971. A Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA) possuía 32 países filiados e teve como seu primeiro presidente João Havellange (presidente da FIFA). Poucos anos depois, em 1982, foi realizado o primeiro campeonato Mundial de Seleções de Futsal, no ginásio do Ibirapuera. O Brasil sagrou-se o primeiro campeão mundial, em partida contra o Paraguai.

Em 1990, a Confederação Brasileira de Futebol de Salão cedeu à FIFA a supervisão do futebol de salão. Surge o termo *Futsal*. Segundo Piber (2008), "o termo futsal passou a ser adotado em substituição ao futebol de salão, para internacionalizar o jogo. O nome deriva da palavra portuguesa ou espanhola para 'soccer', FUTbol ou FUTebol, e a palavra francesa ou espanhola para 'indoor', SALon ou SALa" (PIBER, 2008, p. 11).

O futsal vem crescendo em número de participantes³⁵, porém ainda não se vê nele o envolvimento de grandes somas de dinheiro ou o *glamour* dos jogadores do futebol de campo. Contudo, as campanhas de divulgação têm por objetivo tornar este esporte ainda mais visível³⁶. Desde 1996, o Brasil já é pentacampeão mundial no futsal masculino. Para se ter uma ideia da diferença entre os naipes³⁷, no Brasil a modalidade começou a dar sinais de organização no feminino apenas em 2002, quando foi realizado o primeiro campeonato Brasileiro de Seleções, o qual foi vencido pela seleção paulistana.

Se fizermos um breve paralelo entre o histórico masculino e o feminino, veremos que enquanto a primeira seleção brasileira de futebol de salão masculino foi formada em 1969, a primeira formação de uma seleção brasileira de futsal feminino foi realizada mais de 30 anos depois, em dezembro de 2001 - pela técnica Maria Cristina Oliveira (da equipe Sabesp, de São Paulo) - para um Desafio Internacional contra o Paraguai.

34 Disponível no endereço eletrônico: <<http://www.futsalbrasil.com.br/historia.php>>.

35 Conforme Teixeira Júnior (2006, p. 63), “o futsal, esporte co-irmão do futebol, tem sido grande destaque no Brasil, não só nos clubes, chamados de camisa, como nas escolas de ensino fundamental e médio estando bem estruturado nas Universidades, quando encontramos atletas de alto nível disputando competições regionais e nacionais, quando da realização do JUBS [Olimpíadas Universitárias]”.

36 Há uma forte campanha para que o futsal se torne uma modalidade olímpica. Por isso, em 2007 foi incluído nos jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro. A Federação Paulista de Futsal foi responsável pelo projeto "Eu Quero Futsal Olímpico".

37 Naipes é sinônimo de grupamento de pessoas, de time. Assim, em competições pode haver a divisão entre os naipes masculino e feminino.

Ao se tratar de visibilidade, pode-se então expor que apenas em 8 de janeiro de 1983 a prática do Futebol e Futebol de Salão Feminino foi oficializada pelo Conselho Nacional de Desportos (SANCHES E BORIN, 2007). A partir dessa data, os campeonatos começaram a surgir em vários estados. Porém, antes desta liberação, alguns estados já faziam seus campeonatos locais e metropolitanos. Pode-se ainda acrescentar que, nessa época, em Santa Maria, também eram realizadas competições.

No estado do Rio Grande do Sul, o futsal feminino não possui muitas equipes, sendo que a principal equipe, o Chimarrão³⁸ (de Estância Velha), é a que possui mais estrutura e apoio. Este apoio possui um grande reflexo no grande número de conquistas que esta equipe possui, conforme pode ser visualizado no quadro a seguir.

ANO	CAMPEÃ	VICE	3° COLOCADO
1995	Italo Serrano (Vacaria)	Funil (Canoas)	Nova Petrópolis
1996	Chimarrão (Estância Velha)	S.C. Internacional (Porto Alegre)	Partenon (Porto Alegre)
1997	Rio Branco/SESI (Estrela)	ACBF (Carlos Barbosa)	S. C. Internacional (POA)
1998	Chimarrão (Estância Velha)	S.C. Internacional (Porto Alegre)	ACBF (Carlos Barbosa)
1999	Chimarrão (Estância Velha)	ACBF (Carlos Barbosa)	Interlagos (Capão do Leão)
2000	Chimarrão (Estância Velha)	SER Santo Ângelo (Santo Ângelo)	UCS (Bom Princípio)
2001	Chimarrão (Estância Velha)	UJR (Novo Hamburgo)	Assoc. Erechim (Rerchim)
2002	Chimarrão (Estância Velha)	União Jovem do Rincão (NH)	SER Santo Ângelo (Sto. Ângelo)
2003	Chimarrão (Estância Velha)	Santo Ângelo	UJR/FEEVALE
2004	Chimarrão (Estância Velha)	União Jovem do Rincão (NH)	SER Santo Ângelo
2005	Sociedade Esportiva Recreativa Cultural Chimarrão (Estância Velha)	Soc. Esp. Rec. Santo Ângelo (Santo Ângelo)	Assoc. Atlético Vernisul (Canoas)

Tabela 1 – Quadro com as equipes campeãs do Estadual Feminino Disponível em: http://www.futsalrs.com.br/historico_estadual.asp

Houve, em 1984, no estado do Rio Grande do Sul, a criação do Futebol Feminino, pelo Sport Club Internacional. Em 1993 e 1994, ocorreu a formação da seleção gaúcha de futebol feminino. Porém, atualmente o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense não possui mais um Departamento de Futebol Feminino, tendo este sido fechado ao final de 2002. O Sport Club

38 Segundo Teixeira Júnior (2006), a equipe Chimarrão, de Estância Velha, foi campeã do Campeonato Estadual promovido pela Federação Gaúcha de Futebol de Salão desde 1996. Porém, Sandra Costa, coordenadora da equipe, afirma que esta competição também foi realizada em 1993 (em que o mesmo conjunto de jogadoras do Chimarrão participou com o nome Navegantes São João) e 1994 (segunda edição, em caráter experimental, em que o campeão foi a equipe Funil). A equipe do Chimarrão foi campeã em quase todos os anos até 2008. Apenas não venceu os Estaduais de 1995 (que foi o ano em que a equipe surgiu) e de 1997.

Internacional também não possui mais seu departamento, mantendo-se em atividade apenas a escolinha DUDA-PA.

Conforme Widmar (2005), tal como observado em Santa Maria, em outras cidades do Rio Grande do Sul o futebol de salão ou futsal feminino iniciou uma institucionalização a partir dos idos de 1980, com mais força em 1990. Afirma também que, assim como o observado em Santa Maria, houve jogadoras que faziam a prática concomitante do futebol de campo e o de salão, devido à falta de equipes, campeonatos e infra-estrutura.

O futebol feminino santa-mariense se desenvolveu de maneira espontânea e amadora. Ao verem que em Porto Alegre estavam começando competições e que várias garotas começaram a jogar, as jogadoras santa-marienses também quiseram experimentar este espaço que antes lhes era negado. Conforme se pode perceber por recortes de jornais do arquivo das jogadoras, a mídia da época do Internacional e do Riograndense escrevia algumas matérias, bem maiores que as que hoje em dia são divulgadas na mídia local.



Foto 1 – Recorte do jornal Correio do Povo, de 1981 (arquivo pessoal de entrevistada).

Atenta às publicações relacionadas às competições femininas na atualidade, pude perceber que as matérias produzidas pela mídia local são em sua maioria notinhas curtas, com avisos sobre competições. Não há a cobertura de jogos, escalação de jogadoras ou o dia-a-dia da rotina de treinamentos. Não se escreve se alguma jogadora se lesionou, se trocou de equipe ou se há alguma outra equipe interessada nela.

Pode-se afirmar que houve melhorias com relação à visibilidade das mulheres

esportistas, num âmbito geral, mas com muito custo. Elas ainda raramente são manchete em matérias e têm pouco de sua trajetória esportiva apresentada em mídias de fácil acesso à população³⁹. Com relação às federações, por exemplo, a presença de mulheres, conforme Goellner (2004), é de 1%. Cargos de dirigência em clubes ou cargos técnicos em equipes raramente possuem mulheres visíveis como elemento importante na busca de vitórias e sucesso profissional.

Não apenas no futebol e futsal, mas também em outras modalidades esportivas, às mulheres geralmente não é conferida uma boa visibilidade no campo esportivo. O trabalho de Souza e Knijnik (2007, p. 42) demonstra que em fevereiro de 2003 o esporte praticado por homens recebeu 88,4% do total da cobertura, contra somente 4,04% para as mulheres. E tal desproporção não está relacionada apenas ao conteúdo das reportagens, mas também com o tamanho na página e o detalhamento das informações presentes nas notícias⁴⁰. Outra questão que o trabalho evidenciou foi a de que

(...) o esporte praticado por homens é considerado comum, ou seja, quando a reportagem é sobre homens não é preciso indicar se é feminino ou masculino, porque está implícito; já o esporte praticado por mulheres não é visto da mesma forma e a indicação de que se trata de esporte feminino aparece na maioria das reportagens.

39 Não apenas na mídia, mas também em obras e trabalhos acadêmicos, as narrativas de jogadoras santamarienses são ocultadas ou esquecidas, consolidando uma versão única: a visão do discurso masculino dentro dos campos e das quadras. Espaços em que as mulheres adentraram há alguns anos, mas que nunca foram registrados e muito menos publicados.

Com relação ao futsal santa-mariense, por exemplo, recentemente foi publicado um livro de memórias escrito pelo jornalista Gilson Piber (2008), *O futsal em Santa Maria – fragmentos históricos*. Porém, em nenhuma das páginas deste livro constam referências ao futsal feminino de nossa cidade. Este trabalho compreende o aspecto histórico que envolve os anos de 1956 até 1970.

Percebe-se ainda a inexistência de narrativas que abordem as trajetórias das mulheres também nos campos. O livro de Hermito Lopes Sobrinho, em *Futebol e reminiscências - relembando o passado do futebol*, publicado em 1989 – o qual remonta à história do futebol de campo em Santa Maria, é um exemplo desta lacuna. Lopes Sobrinho (1989) pontua sobre os pioneiros no futebol de campo em Santa Maria, os Irmãos Maristas do Colégio Santa Maria, em 1903. Com base em arquivos e matérias registradas na revista Eco, do arquivo do educandário, Lopes Sobrinho (1989, p. 25) afirma que “em Santa Maria foi fácil assinalar as origens do nosso futebol”. Porém, quando tratamos de futebol ou futsal feminino, não há esta mesma facilidade, devido à falta de registros em livros, jornais e até mesmo por parte de muitas das equipes da cidade. Lopes Sobrinho (1989) traçou um histórico sobre a trajetória do Clube Riograndense F.C. até 1952. Porém, a ausência de referências sobre as mulheres neste escrito pode ser facilmente justificada. Nesta época retratada, ainda vigorava a restrição que impunha às mulheres o impedimento de poder praticar o futebol.

A única obra que faz menção ao time de mulheres jogadoras de Santa Maria é a obra *E.C. Internacional: Santa Maria – RS. Almanaque dos 80 anos (1928/2008)*. Da obra inteira, de 656 páginas, apenas metade da extensão da página nº 354 faz menção à conquista do “título do interior em 1983, no ano em que o Conselho Nacional de Desportos oficializou a prática do futebol feminino no país”.

40 Pode-se ainda afirmar, segundo Mansfield e Curtis (2009, p. 11) que, “it is well documented that sports women receive less media coverage than sports men and that the mediation of sportswomen reflects, reinforces and maintains narrow versions of femininity based on ideals of (western) beauty and heterosexuality as well as trivializing their performances as sub-(male)-standards”.

Assim, existe o futebol, e o futebol 'feminino'; o handebol e o handebol 'feminino', como se não fossem os mesmos esportes, disputados sob as mesmas regras e condições (SOUZA e KNIJNIK, 2007, p. 42).

Souza e Knijnik (2007, p. 43) assim afirmam que "o que ocorre, na realidade, é que os meios de comunicação constroem essa preferência por esportes praticados por homens". Ainda se pode complementar esta questão com mais um dizer destes autores, os quais afirmam que,

Isso indica que ainda há, no imaginário coletivo, a expectativa que existem esportes que devem ser praticados apenas por homens, e outros que devem ser praticados apenas por mulheres; e quando esportistas quebram essa barreira e participam de esportes considerados não-apropriados para o seu sexo, enfrentam forte preconceito e baixa cobertura por parte da mídia, prejudicando seu desenvolvimento no esporte (SOUZA e KNIJNIK, 2007, p. 44).

As jogadoras de Santa Maria começaram nas ruas, bem longe de alguma escolinha ou de algo que indicasse alguma profissionalização⁴¹. É na rua que aprenderam a usar o corpo durante a infância, sem contar com auxílio de técnico, de professor ou disciplinadores⁴².

Questões de gênero são trazidas neste capítulo apenas para salientar como este aspecto se apresenta marcadamente não apenas na esfera nacional, mas também local. A seguir, o leitor poderá perceber melhor como esta questão influenciou na trajetória esportiva das jogadoras, bem como perceber as mudanças existentes da passagem do futebol para o futsal e as consequências geradas por esta mudança.

2.2 Breve histórico do futsal em Santa Maria

O futebol de salão em Santa Maria foi resultado de uma tentativa de reconhecimento e estruturação mal sucedida no futebol de campo. Com muitas competições em seu início, a falta de incentivo e outros fatores culminaram com o fim do futebol de campo, levando à busca de outros espaços. No futsal, ao contrário do campo, pode-se perceber uma melhor continuidade, mesmo com a irregularidade de frequência na realização dos campeonatos

41 Sobre a profissionalização do futebol e sua complexificação a ponto de ser considerado "espetáculo" no "complexo capitalista globalizado", vide Lopes (1999).

42 Conforme Damo (2007, p. 229), "além de as ruas e outros espaços contíguos – parques, praças, baldios, etc. - prestarem para compor a mitologia da estética futebolística nacional, como se o talento surgisse misteriosamente nesses lugares, as ruas brasileiras servem de suporte prático à produção e reprodução de uma mitologia masculina. Mito, aqui, não é entendido como o avesso da ciência, antes como uma modalidade de produção discursiva que informa os valores éticos e estéticos de uma dada configuração social".

Citadinos⁴³ e divergências entre as equipes quanto à organização deles.

O futebol feminino santa-mariense foi iniciado em 1979, no primeiro domingo de fevereiro, quando o Grêmio Atlético Imembuí promoveu um torneio e fundou sua equipe de garotas. O princípio desta ideia veio da torcida feminina chamada Força Índia. Segundo os relatos, a própria torcida teve a ideia de montar⁴⁴ a equipe para competir. Após a formação do Imembuí, outra equipe foi formada, para que houvesse a realização de disputas femininas: o Expresso Medianeira. A partir destas equipes, foram incentivadas competições, aumentando o interesse na modalidade, como duas edições da Copa Pepsi.

Apesar de terem conquistado um vice-campeonato estadual de futebol, em 1984, com o Riograndense, este título nunca teve o devido reconhecimento. Os times masculinos, mesmo sem conquistar nenhum título importante, continuaram recebendo investimentos e atenções. A partir da década de 1980, houve a "consolidação do desmantelamento" do transporte ferroviário no Brasil e, conseqüentemente, também houve um reflexo deste declínio em Santa Maria. O Riograndense perdia a força de sua principal estrutura social, gerando, com isso, graves conseqüências aos destinos não apenas do time feminino, mas também do masculino.



Foto 2 - Jogadoras reunidas para foto, antes de jogo, na década de 1980 (arquivo de entrevistada).

43 Citadino é uma competição anual de média duração, realizada na cidade. Em geral, dura entre dois e três meses.

44 A expressão “montar uma equipe” ou “fazer um time” é também uma categoria nativa, a qual significa a formação de um grupo para competição. Esta é uma mudança para outro padrão de jogo. Inicialmente, os grupos são apenas junções de amigas, as quais vão se organizando, conseguem um fardamento e outros acessórios como bolas e, por fim, pode-se então considerar a equipe como “montada”.

Embora poucas pessoas saibam afirmar com precisão, o primeiro citadino de futebol de salão, segundo material de arquivo pessoal de uma das atletas, foi realizado em 1984, com quatro equipes: Gazella, Riograndense, Montese e Jockey Club. Conforme matéria do jornal *A Razão*, de 6 de dezembro de 1984, p. 15, cujo título era “*Deu Jockey na final do certame feminino*”, no primeiro parágrafo da reportagem havia os seguintes dizeres: “Por 3 a 0 a equipe do Jockey Club dobrou a Gazela, sexta-feira à noite, e assim sagrou-se campeã do Citadino Feminino de Futebol de Salão”. Porém, após este Citadino não houve a realização de outros, o que fez com que este fosse lembrado como mais uma competição, ou às vezes, confundido com um torneio.



Foto 3 – Matéria veiculada no jornal *A Razão*, sobre o Citadino de 1984. (arquivo de entrevistada)

Realizado com maior regularidade a partir de 1997, o campeonato que é considerado por algumas jogadoras como o Primeiro Citadino de Futsal Feminino de Santa Maria teve a participação de 9 equipes, sendo que algumas delas eram de cidades vizinhas (Algo Mais A, Algo Mais B, Carol, Carolzinho, Sport, Independente, Brasil, 5 Estrelas, Ufsam Ed.Física). Entretanto, no decorrer dos anos, diversos desentendimentos e falhas na organização, ocasionaram um baixo índice de participação das equipes. Em 2002, por exemplo, participaram apenas 5 equipes (Atlântico, Carol, Corinthians, Grêmio Uglione e Santa Marta), demonstrando a forte desagregação da modalidade na cidade.

Em suas primeiras edições, o Campeonato Citadino de Santa Maria era realizado nas

modalidades masculina e feminina, pela Liga Santamariense de Futebol de Salão⁴⁵. Porém, a falta de regularidade na realização deste campeonato e a necessidade de um foro de reivindicação que atendesse às necessidades do futsal feminino, em 2 julho de 2006, foi fundada a Liga de Futsal Feminino de Santa Maria (LFFSM). Esta entidade foi criada com o objetivo de suprir a necessidade de ações direcionadas a esta modalidade e teve como presidenta Maria de Lurdez Ruas⁴⁶, funcionária dos Correios.

HISTÓRICO DOS CAMPEONATOS DE FUTSAL FEMININO REALIZADOS PELA LIGA SANTAMARIENSE DE FUTEBOL DE SALÃO:

Ano	Campeão	Vice-campeão
1984	Jockey Club	Gazela
1997	Carol Lanches	Sport
1998	Garra	Corinthians
1999	Garra	Corinthians
2000	Corinthians	Garra
2001	NÃO HOUE CITADINO	
2002	Grêmio Uglione	Corinthians
2003	Grêmio Uglione	Corinthians
2004	NÃO HOUE CITADINO	
2005	NÃO HOUE CITADINO	
2006	NÃO HOUE CITADINO	
2007	Grêmio Uglione	InterCar
2008	Corinthians	Carol
2009	InterCar	Corinthians

Tabela 2 – Equipes campeãs do Citadino de Liga Santamariense de Futebol de Salão. Informações de Fernando Panela.

45 Segundo Piber (2008), a Liga Santamariense de Futebol de Salão foi fundada em 24 de março de 1957.

46 Deve-se salientar que por disputas dentro deste campo esportivo, desde o início das atividades da LFFSM, a Liga Santamariense voltou também a realizar campeonatos citadinos femininos. Dessa forma, há uma cisão no futsal feminino da cidade, havendo a realização de dois campeonatos diferentes a cada ano. Tal situação dificulta a ação da Secretaria de Esporte e Lazer da Cidade, a qual deve indicar ao final de cada ano uma equipe para representar a cidade no JIRGS (Jogos Intermunicipais do Rio Grande do Sul). Porém, por haver esta divergência, sempre há uma Liga descontente com a decisão tomada. A escolha sobre participação em um campeonato Citadino ou em outro é realizada por cada equipe e acontece devido a afinidades às ações de cada entidade.

Em 2 de julho de 2006, a Liga de Futsal Feminino (LFFSM) foi fundada e registrada como entidade sem fins lucrativos, com o intuito de promover a modalidade em Santa Maria. A Liga de Futsal Feminino de Santa Maria se diferencia da Liga Santamariense de Futebol de Salão por não aceitar a participação de jogadoras federadas⁴⁷, nem de outras cidades. A Liga chegou a ter 13 equipes filiadas em seu primeiro ano, porém a cada ano a quantidade de equipes é bastante flutuante.

HISTÓRICO DOS CAMPEONATOS DA LIGA DE FUTSAL FEMININO DE SANTA MARIA:

Ano	Campeão	Vice	3° lugar	4° lugar	Disciplina
2007	Pinheirão	Portugal	Oreco	Puma	Portugal
2008	Oreco	Marista	Portugal	Não houve	5s
2009	Oreco	Puma	Pumas	Bombonatti	5s

Tabela 3 – Equipes campeãs do Citadino promovido pela Liga de Futsal Feminino de Santa Maria. Informações de Lurdez Rodrigues Ruas

Grande parte desta flutuação se deveu à falta de continuidade das equipes, que, por possuírem poucas estruturas ou incentivos, perdem as suas atletas para outros grupos. Além disso, há jogadoras que param de praticar o futsal devido a outros afazeres, por se tornarem gestantes ou por atenderem aos constantes pedidos de pais ou amigos de se afastarem desta prática. A falta de novas atletas, a falta de trabalhos de base⁴⁸ e de incentivo para as jogadoras que estão iniciando a jogar futsal têm sido os maiores problemas das equipes da cidade.

Cabe destacar que, antes da formação da Liga específica para o futsal feminino, houve uma tentativa anterior de organizar uma Liga Independente Feminina, a qual teve uma reunião de formação da diretoria no Clube Municipal, na entrada da Cohab Tancredo Neves, noticiada pelo jornal *Diário de Santa Maria* de 10 de setembro de 2003, com a manchete "*Futsal feminino se organiza*". Essa tentativa inicial, porém, não obteve êxito devido a outros projetos que os participantes possuíam, por questões burocráticas e também devido à falta de auxílios políticos e financeiros .

47 Jogadoras federadas são aquelas que possuem registro junto à Federação Gaúcha de Futsal e participam de campeonatos promovidos por esta entidade. Estas jogadoras competem em nível estadual ou nacional e demonstram um nível de profissionalização mais avançado que as iniciantes.

48 Os trabalhos de base são aqueles ligados ao ensino de fundamentos do futsal a novas praticantes.

Sobre os percursos do futsal em Santa Maria, pode-se ainda ressaltar que, a pedido da Prefeitura Municipal, foi formada uma seleção feminina de futsal de Santa Maria para participação no JIRGS, em 1997 e 2008⁴⁹. Nos demais, a representante da cidade era a equipe campeã do campeonato Citadino. Na primeira edição, em 1997, foram 13 atletas selecionadas de vinte pré-selecionadas, sendo que uma não fardava⁵⁰. Foram 2 derrotas, 3 empates e 1 vitória.



Foto 4 – Equipe santa-mariense que jogou o JIRGS de 1997 (arquivo de entrevistada).

49 Conforme informações de Fernando Panella, técnico destas seleções.

50 Conhecido por alguns como *fardamento*, *terno de camisetas* ou também como *uniforme*. O interessante destas expressões é que tanto o *fardamento* (que pode ser uma referência às fardas militares, todas bastante semelhantes) quanto o *uniforme* significam que aquele grupamento visualmente forma uma unidade, um grupo único, uma soma de vários “iguais”. Com relação à denominação *terno*, que pode ser associada também à vestimenta masculina recomendada para festas ou ocasiões solenes, para Hobsbawn (1997, p. 312) “não resta dúvida de que ainda se inventavam fantasias para os homens vestirem em ocasiões rituais no período de 1870-1912, embora seja difícil encontrar exemplos – a não ser, talvez, através da adoção de velhos estilos por novas instituições do mesmo tempo e, com sorte, mesmo *status*, tais como a beca e o capelo acadêmicos para novas escolas e graus”. Cerimônias, desfiles, manifestações de massa ou partidas de futebol: a linguagem do discurso simbólico público se tornou teatralizada. No futebol, assim como em outras esferas sociais, nos dias de jogos importantes ou apresentações para o público geral, os jogadores não vestem as roupas cotidianas, utilizadas nos treinamentos. Em dia de jogos oficiais, há uma roupa especial e própria para a ocasião. Além disso, a posse dos uniformes é reconhecida à liderança da equipe. Geralmente os uniformes não ficam dispersos, mas concentrados com uma mesma pessoa que cuida deles, os mantém limpos, bem costurados e em condições de uso.

O futebol e o futsal já não são mais os mesmos da época em que as mulheres aqui pesquisadas iniciaram a jogar, no entanto mesmo assim elas afirmam ainda despertar “boas lembranças”. Conforme as próprias entrevistadas, os tempos são outros, as cobranças são diferentes, mas “alguém tinha que iniciar”. Elas foram as pioneiras, e disso algumas se orgulham, enquanto outras consideram um acontecimento como outro qualquer, uma fase de suas vidas pelas quais passaram.

A seguir são apresentadas algumas questões relacionadas a gênero e à inserção das mulheres na prática esportiva, questões que surgiram durante o campo e que demonstram algumas das adversidades que dificultaram a iniciação e continuidade das jogadoras na prática do futebol e do futsal.

3. CENAS DE UM JOGO PROIBIDO⁵¹

Maria sapatão

*Maria Sapatão
Sapatão, Sapatão
De dia é Maria
De noite é João*

*O sapatão está na moda
O mundo aplaudiu
É um barato
É um sucesso
Dentro e fora do Brasil
(Chacrinha)*

Tal música, criada por Abelardo Barbosa - o famoso Chacrinha⁵² - não apenas foi marchinha de carnaval, como também foi utilizada como forma de repressão ao comportamento de algumas mulheres, principalmente das que praticavam esportes considerados violentos⁵³.

Para Simões et al (2004), a crença popular reafirma o entendimento de que as mulheres e jogadoras que se tornam atletas tendem a ficar masculinizadas. Esta tradição

51 Este título reflete sobre a participação das mulheres no campo esportivo, remontando à matéria arquivada pelo Jornal da Tarde de 19 de abril de 1976, intitulada "*Cenas de um jogo proibido*". Conforme Bruhns (2000, p. 77), nesta matéria era exposto que "(...) na década de 1970, no Maracanã, vedetes haviam disputado uma partida de caráter beneficente, mas sem a presença de juízes ou bandeirinhas atuando como profissionais, em razão da proibição da prática do esporte por mulheres, naquela época". Não apenas o esporte lhes era proibido, mas principalmente a oportunidade de poderem se expressar, tal como em várias oportunidades aconteceu com as jogadoras santa-marienses, que não foram reconhecidas.

52 Chacrinha foi um comunicador de rádio e televisão muito famoso da década de 1950 a 1980. Com sua irreverência, humor escrachado, roupas excêntricas e brilhantes, comandava um show de calouros em que desclassificava os candidatos com uma buzina. Outro atrativo de seu programa eram as Chacretes, dançarinas que faziam coreografias enquanto os candidatos se apresentavam. Chacrinha teve como frases célebres: "Na televisão, nada se cria, tudo se copia" e "Eu vim para confundir, não para explicar!".

53 Há uma versão sobre esta expressão que é explicada por Teixeira Júnior (2006, p. 15), segundo o qual, "um empresário do ramo calçadista em 1940, incentivou um campeonato feminino de futebol, onde a premiação eram pares de sapato. Devido a este fato, pensam os pesquisadores, teria surgido o termo 'Maria Sapatão', termo pejorativo aos interesses femininos, pois masculinizaria a prática feminina".

cultural estigmatiza as mulheres por uma suposta perda da feminilidade, em detrimento de uma melhor performance esportiva⁵⁴.

Além de ser associado às mulheres brasileiras jogadoras de futebol um estigma de serem masculinizadas, ainda lhes era atribuído o estigma⁵⁵ da pobreza e da falta de higiene. Estas mulheres eram consideradas de classes mais "baixas", e eram recriminadas pela maneira como se expressavam. Entende-se assim que

O grupo feminino sempre pertenceu às classes menos favorecidas, razão pela qual as atletas apresentarem comportamentos bastante parecidos com os de seus colegas homens, comportamentos repudiados pela elite, numa atitude de evitação, recebendo julgamentos como 'falta de classe', 'mau cheiro', 'povo grosseiro' e outras denominações atribuídas àquela camada da população duplamente marginalizada: do ponto de vista geográfico (pois geralmente essa camada social mora na periferia) tanto quanto do ponto de vista social e político (BRUHNS, 2000, p. 74).

Porém, conforme afirma Gastaldo (2001, p. 209-210), "as representações e práticas associadas ao corpo não variam apenas de sociedade para sociedade. Em uma sociedade complexa como a nossa, as diferentes classes sociais tendem a apresentar usos, representações e consumos diferenciados com relação ao corpo". A dimensão social da corporalidade é diferente entre os diversos grupos sociais existentes, e dentro deles há diferentes usos para atividades de lazer, descanso ou prática esportiva. Contudo, o uso do corpo pelas mulheres brasileiras lhes era interdito ou recriminado.

Conforme Aquino (1995), a mulher sapatão é aquela que não se veste conforme os estereótipos do que socialmente seria aceitado como uma maneira apropriada para as mulheres se vestirem. Ela reproduz técnicas corporais e a imagem de um ser masculino. As posturas, as cores e os modelos escolhidos por cada mulher são utilizados como forma de reconhecimento pelos demais membros do grupo e refletem ao social a imagem com a qual serão identificadas. Aquino (1998) afirma que as maneiras de gesticular, de vestir e falar das sapatonas são semelhantes às dos homens, e eis o porquê da associação deste estilo de vida

54 Torrão Filho (2005, p. 143) faz algumas considerações sobre o predomínio de uma masculinidade hierarquicamente superior ao feminino, entendendo que "(...) a masculinidade é interdita à mulher, pois a mulher no lugar do homem é o 'mundo às avessas', a ordem corrompida, a natureza ultrajada. Portanto, homens homossexuais rebaixam seu sexo escolhendo estar abaixo de outros homens; e as mulheres lésbicas, por sua vez, usurpam um poder que não lhes pertence, e ao qual sequer podem usar, já que são desprovidas dos meios da consumação da masculinidade".

55 Conforme Goffman (1988), estigma atualmente não é empregado com o sentido inicial, originário dos gregos e associado a sinais corporais. O estigma é "(...) mais aplicado à própria desgraça do que à sua evidência corporal" (GOFFMAN, 1988, p. 11). O estigma é baseado no enquadramento dos indivíduos às expectativas normativas da sociedade em que estão inseridos. Caso se enquadre, será aceito. Caso não se enquadre, "assim deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-a a uma pessoa estragada e diminuída" (GOFFMAN, 1988, p. 12).

com a prática de esportes também “masculinos”.

A mulher que joga futebol afronta as normas sociais. Sua presença nas quadras e campos, por vezes, é considerada um insulto à sociedade e à visão corrente de masculinidades e feminilidades. Elas requerem o reconhecimento público, assim como os homens, buscando a valorização de seu esforço e empenho em prol de uma melhor performance. Porém, a busca pela performance deve ultrapassar barreiras ainda existentes. Dessa forma, Jaeger (2007) explica que

As fronteiras entre a potencialização dos corpos de homens e mulheres estão em constante ampliação, renovação e multiplicação, possibilitando que as representações sejam atravessadas pelas constantes transformações do mundo em que vivemos. Transformações, ousadas, proezas e desobediências que fazem pulsar a vida em todas as épocas e em todos os lugares (JAEGER, 2007, p. 146).

A presença das mulheres no meio esportivo demonstra as mudanças ocorridas nos últimos tempos em relação a competições e à própria participação feminina. Porém, nas áreas consideradas de reserva masculina (DEVIDE, 2005), como o futebol, as mulheres continuam sendo vistas como coadjuvantes e não como protagonistas. Em parte, este pensamento se deve à constituição deste esporte, em que:

Criado, modificado, praticado, comentado e dirigido por homens, o futebol parece pertencer ao gênero masculino, como parece também ser de seu domínio o julgamento de quem pode/deve praticá-lo ou não. É quase como se à mulher coubesse a necessidade de autorização masculina para tal (GOELLNER, 2000, p. 81).

Infelizmente, nos discursos proferidos por espectadores se reforçam os preconceitos que sustentam dizeres como "faz um teste de feminilidade nessa aí", "quero que apresentem o teste de testosterona dessa", "não é jogo misto!" ou diversas outras afirmações como "mas isso aí só pode ser um guri, pelo jeito que joga", "joga que nem guri". Todos esses dizeres ainda podem ser ouvidos nos estádios de futebol ou quadras de futsal. Essa é a voz daqueles que pensam que, no futebol, só quem pode demonstrar habilidade são os homens. Alguns ressaltam: “Mulheres jogando bola?” Seriam aquelas que não têm organização tática, não possuem técnica e mal sabem as regras do esporte praticado⁵⁶.

Dessa forma, associa-se o padrão de prática feminina ao masculino. Espera-se que as

⁵⁶ Tal discurso tenta desqualificar a emancipação feminina promovida pelo esporte, ao invés de entender que "para a mulher, participar da esfera do lazer (em especial no esporte e em atividades que implicam o uso de espaços e equipamentos públicos), significa, freqüentemente, desafiar expectativas de comportamento (e de desempenho) que são fortemente referidas a definições estereotipadas de masculinidade" (ARANTES 1993, p. 12 apud BRUHNS, 2000, p. 45-46).

mulheres joguem da mesma forma que os homens, e, quando estas jogam como eles, são taxadas como imitadoras, como cópias, ou então suas feminilidades são questionadas. E as exigências de que a mulher assuma características masculinas, para igualar-se ao que é apresentado pelos homens, também é percebido não apenas no futebol, mas também em outras esferas esportivas. Porém, devemos atentar que:

A criança, como o adulto, imita atos que obtiveram êxito e que ela viu serem bem sucedidos em pessoas em quem confia e que têm autoridade sobre ela. O ato impõe-se de fora, do alto, ainda que seja um ato exclusivamente biológico e concernente ao corpo. O indivíduo toma emprestado a série de movimentos de que ele se compõe do ato executado à sua frente ou com ele pelos outros.

É precisamente nesta noção de prestígio da pessoa que torna o ato ordenado, autorizado e provado, em relação ao indivíduo imitador, que se encontra todo o elemento social (MAUSS, 1974, p. 215).

Sem dúvida, não podemos negar que o futebol masculino possui um prestígio muito maior do que o feminino na atualidade. A mulher é criticada quando tenta seguir um padrão de jogo que para ela é apresentado como “exemplar”. Quando demonstra habilidades semelhantes às masculinas ela é taxada de homem, “machorra”, “ogra”, “cavala”. Enfim, às mulheres que se sobressaem, ao invés dos incentivos - por estar jogando bem e se destacando - são proferidos discursos pejorativos ou discriminatórios. Porém, a homossexualidade não é prática existente apenas em esportes considerados violentos e muito menos apenas no futsal feminino. Entende-se, assim que.

Se a linguagem sexista pode ser definida como a prática social discriminatória pautada pela educação que homens e mulheres receberam em família, escola, igreja, ambiente de trabalho e meios de comunicação, a forma como eles se expressam na modernidade revela que entre o salto alto e a chuteira de várias cores, o desenvolvimento de uma identidade lésbica está presente em praticamente todos os tipos de esportes terrestres e aquáticos (SIMÕES et al., 2004, p. 78).

A discriminação de mulheres dentro do futebol ou do futsal leva a crer que feminilidade e masculinidade são vistas como opostas e não como complementares. Contudo, o que seria do masculino se ele não pudesse se contrapor ao feminino? De que outra forma os homens reafirmariam a masculinidade, se não por meio da negação do feminino? Entretanto, quando se entende que existe uma pluralidade de masculinidades e feminilidades entrecruzadas, pode-se então compor uma enorme gama de representações acerca do que é ser feminino ou masculino.

Desde o princípio de sua prática, o futebol expressa não apenas um padrão de

centralidade referente à exacerbação do masculino, do vigoroso e do jovem. Ele valoriza diversos aspectos da cultura ocidental rápida e em constante mutação. O maior preparo dos atletas, e conseqüentemente o aumento na velocidade e potência na realização das jogadas, está associado à mesma capacidade com que o capital pode agilmente ser deslocado para outra região. Assim,

Ao falarmos em centro, teríamos de pensar, aqui, em todas aquelas formas de cultura e de sujeito que ocupam o lugar central, o lugar que serve de referência para os demais – e essa posição foi ocupada, historicamente, pelo homem branco ocidental, heterossexual e de classe média urbana (LOURO, 2006, s.p.).

A centralidade não apenas está baseada neste padrão, mas também inclui que o padrão é o consumo. Este pensamento também atinge a esfera do lazer. Porém, o lazer mercadoria não está acessível a todas as pessoas. Para poder consumir algum lazer, são necessários investimentos, não apenas de tempo, mas de emoções e de dinheiro.

Para Adelman (2003), a imposição de um modelo hegemônico de feminilidade, baseado na mulher doméstica da cultura vitoriana, resultou na delimitação do campo de práticas femininas socialmente aceitas. Associando-se a imagem feminina à docilidade, fragilidade e delicadeza, era comum a valorização de práticas como a ginástica para as mulheres. Adelman (ibidem) afirma que a atual transformação da imagem da mulher dócil para uma "mulher ativa", cujo modelo está ligado aos novos padrões que dão ênfase ao *fitness*, a um corpo ideal magro e firme. A autora explica que o corpo feminino é padronizado⁵⁷ de diversas maneiras, em uma batalha política que pode apresentar uma postura mais ativa ou de negação (por corpos muito magros e passivos). Procura também entender o que seria uma *empowered femininity*, ou seja, uma feminilidade empoderada, em que as mulheres realizem suas metas e prazeres mesmo transgredindo as normas de feminilidade, assumindo posturas que podem ser consideradas masculinas. Para ela, a participação esportiva pode ser uma resistência à limitação e à estética da feminilidade, com atitudes como agressividade e competitividade.

Em meio ao hegemônico, percebe-se, então, a emergência de modelos de feminilidades e masculinidades alternativas. Aparentemente minoritários na sociedade em geral, estes gêneros dentro do futsal feminino santa-mariense têm se mostrado bastante

⁵⁷ Daolio (2005) explica que com o passar dos tempos, a padronização de gestos e de comportamentos resultou em uma nova divisão de técnicas corporais, o que incentivou o consumo de bens relacionados ao esporte. As práticas corporais, inicialmente livres, foram despidas de sua espontaneidade para assumir um caráter universalizante e padronizador.

acentuados. A masculinidade masculina ou a feminilidade feminina, que poderiam ser ditas como dominantes, encontram-se, assim, dissolvidas em meio à diversidade que pode se refletir nas roupas que traduzem estados de ânimo diários ou afirmação de posicionamentos sexuais ou de gênero mais permanentes.

Os indivíduos, entretanto, são bombardeados por uma multiplicidade de discursos concorrentes sobre gênero. Eles podem aderir a mais de um modelo, por vezes contraditórios, o que gera o risco de desorientação e tem como consequência a constituição de modelos híbridos de masculinidade e feminilidade (COELHO, 2009, p. 85).

O futsal feminino santa-mariense, em seu início, assumia um tipo de masculinidade hegemônica na apresentação visual de suas jogadoras, bem como no estilo de jogo adotado. Porém, atualmente, demarca seu posicionamento em um universo simbólico bastante fluido, de alargamento de fronteiras ou limitações tradicionais, em que os sujeitos e as práticas são legitimados sem um padrão único a ser seguido. Cada equipe adota um estilo de jogo, uma metodologia de trabalho, bem como regras que podem ser reafirmadoras da lógica e das normas sociais dominantes, como podem ser subversivas a estas.

A ausência de um questionamento acerca da ausência feminina nos esportes impedia sua iniciação. Como se fossem práticas meramente psicológicas ou individuais, alguns padrões foram assimilados como *crystalizados* no tempo, como se não pudessem ser modificados. Esta é uma estratégia bastante utilizada, principalmente a fim de reforçar o privilégio de grupos que já detêm o poder simbólico⁵⁸. Pode-se assim entender que,

Inscrita nas coisas, a ordem masculina se inscreve também nos corpos através de injunções tácitas, implícitas nas rotinas da divisão do trabalho ou dos rituais coletivos ou privados (basta lembrarmos, por exemplo, as condutas de marginalização impostas às mulheres com sua exclusão dos lugares masculinos) (BOURDIEU, 2003, p. 34).

Para Knijnik e Souza (2004), o esporte ainda é uma zona de infiltração devagar e progressiva, em que as mulheres podem afirmar e assumir valores hegemônicos masculinos ou questioná-los. O combate à crença de que a participação das mulheres no esporte é menos valiosa, parte de uma atitude não apenas individual, mas também coletiva, de negação dos dispositivos sociais e culturais internalizados e (re)tomada da valorização do feminino como algo tão superior quanto a lógica reproduzida acerca do masculino.

58 Para Bourdieu (2003, p. 50), “a força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física; mas essa magia só atua com o apoio de predisposições colocadas, como molas propulsoras, na zona mais profunda dos corpos”.

E não apenas os campos esportivos são postos como lugares masculinos, há vários outros espaços sociais que são considerados pouco disponíveis às mulheres em nossa sociedade. O depoimento abaixo demonstra um pouco do receio das mulheres jogadoras ao adentrar em uma esfera à qual sequer imaginavam que poderiam fazer parte.

Rosana - Eu sabia que o homem podia chutá... A gente achava que só o masculino que pode, e nós não. Ai quando eu comecei a vê aquilo de chutarem bola, chutarem bola... eu tinha uma impressão tão engraçada. Então a gente fazia aquelas bolona de meia ou de borracha, que doia o pé de montão. Botava duas ou três meia pra chutá aquela bola de borracha... e daí depois, a primera bola que eu ganhei, era de borracha. E também, doía muito quando a gente jogava na chuva, né... Então a gente corria nos campinho, jogando com aquele tipo de bola.

A educação dos corpos não parece apontar para a extinção do que se poderia chamar de mito da fragilidade feminina. A função social da mulher como reprodutora e como mãe criaram no imaginário popular uma imagem que a desassocia de esportes rápidos ou que exijam esforço físico excessivo. Conforme Goellner (2005), a exposição do corpo da mulher, no início do século XX, podia também ser identificada como um elemento de autoafirmação das mulheres na sociedade, porém era visto como algo desonroso, vulgar.

O comportamento feminino, entre exposições e ocultamentos, desafiou o confinamento à esfera privada e adentrou ao "perigoso" universo dos espaços de exibição pública. Era uma amostra de transgressão e de reapropriação de um corpo que antes era tido como social, mas que no esporte volta a ser de apropriação e uso individual. Todavia, segundo Goellner (2005) "objeto do olhar de outrem, o corpo erotizado no e pelo esporte, inventa uma imagem da atleta contemporânea que, mesmo exercitada fisicamente, inscreve no seu corpo marcas que o tornam absolutamente desejável"⁵⁹. Este desejável pode ser percebido no discurso de Maurine, que passava uma substância no corpo, deixando-o mais reluzente, mais bonito.

Maurine - Até na época, eu nem sei por quê, acho que por causa do sol, eu sempre fui de uma família muito humilde, mas eu me lembro que eu tomava banho e passava azeite nas minhas pernas e passava nos braços e coisa. E olhavam bronzeada e coisa, né e diziam "Olha, mas que bonito" e elogiavam. E então, cada vez que eu tomava meu banho, botava meu shortzinho, eu me lembro que

⁵⁹ Superando o binarismo homens e mulheres, masculino e feminino, pode-se encontrar nesses dois polos muito mais características em comum do que se imagina. Porém, corriqueiramente destaca-se que, "agressividade, competitividade, risco, potência, vigor físico, velocidade e determinação são atributos associados ao masculino em oposição à fragilidade, delicadeza, beleza física e flexibilidade tidos como características femininas. Essa oposição binária (masculino e feminino) produz representações de gênero que permitem poucos atravessamentos à medida que esses pólos são vistos como fixos e que poucas tensões possibilitam (...)"(GOELLNER, 2004, p. 370).

passava azeite nas pernas (nos braços e ia pro campo jogá). Mas até hoje eu não entendo por quê, eu acho que era pra dexá mais bonita, nem sei. Hoje eu já não passo, mas naquela época eu lembro que eu fazia.

Porém, cabe questionarmos, assim como Louro (2006, s. p.), se essas características atribuídas às mulheres são apenas *naturais* ou *fabricadas* socialmente: "Seremos, todas, 'naturalmente' femininas? Ou fabricamos, cada uma a seu modo, com os recursos e marcas de sua cultura, de suas 'tribos' particulares, nossas feminilidades?"⁶⁰

Indagando a ordem social, a qual para Bourdieu (2003, p. 18) "(...) funciona como uma imensa máquina simbólica que tende ratificar a dominação masculina (...)", podemos refletir sobre as separações dicotômicas que distanciam homens e mulheres de uma união, de uma complementaridade ou até mesmo de uma possível unidade. Dessa forma, afirma-se que há um distinto tratamento entre homens e mulheres, hierarquizando-os, um como mais "elevado", mais "forte", mais "preparado", sempre relacionando ambos a um padrão originado em preceitos androcêntricos, os quais fazem com que as próprias mulheres reconheçam o padrão masculino como sendo o ideal para elas (BOURDIEU, 2003). Relacionando este pensamento ao futebol, podemos também nos indagar que "se o futebol é violento para a mulher, também o é para o homem. Esse argumento não faz sentido; exceto se pensarmos na existência de um sexo 'forte', e outro, 'frágil' (GOELLNER, 2000, p. 85).

Desta forma, em um país ainda com resquícios de um sistema patriarcal que é marca registrada do século passado, não é de se espantar que as mulheres ainda tenham que lutar por espaços no campo esportivo. A prática não lhes é vetada, porém os meios para desenvolvê-la, ainda são limitados. Os patrocínios são diminutos, e o apoio familiar e social não é expresso com muito entusiasmo. Estas desigualdades também são expressas no discurso de Mansfield e Curtis (2009), entendendo que

Arguably the performances of sports women are not, as yet, mediated with the intensity and strength of national sentiment as their male counterparts because nations and national identities are characterized and dominated by male-dominated and masculine definitions and because there remains an "overwhelming masculine focus on media sport" in which females and the feminine tend to be eradicated, marginalized and symbolically annihilated (MANSFIELD e CURTIS, 2009, p. 18).

60 Segundo Scott (1990, p. 22), "o gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político foi concebido, legitimado e criticado. Ele se refere à oposição homem/mulher e fundamenta ao mesmo tempo o seu sentido. Para reivindicar o poder político, a referência tem que parecer segura e fixa, fora de qualquer construção humana, fazendo parte da ordem natural ou divina. Desta forma, a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se, ambos, partes do sentido do próprio poder. Colocar em questão ou mudar um aspecto ameaça o sistema por inteiro".

As tentativas de aniquilação simbólica do feminino são expressas no cotidiano. Algumas, citadas pelas entrevistas, estão relacionadas ao questionamento da sexualidade das atletas. "Outro caso interessante aconteceu quando o ex-técnico da equipe foi pedir patrocínio para a equipe e, ao falar com um possível patrocinador, ele perguntou: - 'Mas é para um time feminino-feminino ou feminino-masculino?' (STEVAUX; RODRIGUES, 2008, p. 2165). As performances femininas de alto rendimento estão associadas a um modelo masculino de prática desportiva, porém, aos patrocinadores não interessa associar sua imagem a uma mulher masculinizada, e sim à mulher frágil, bela e atraente.

Antes, comentários sexistas eram comuns e procuravam desanimar as mulheres que adentrassem na esfera esportiva, conforme narrativas das jogadoras. Ainda hoje, em diversas esferas, pode-se levantar o questionamento de xingamentos relacionados ao gênero feminino, como quando um homem é chamado de "mulherzinha" ou "bichinha". Nestes casos, a honra masculina é maculada ao associar o indivíduo com o feminino, considerado fraco ou inferior. Porém, na atualidade, a presença de mulheres em jogos de futebol não apenas como torcedoras, mas também como jogadoras, é muito mais evidente. Os preconceitos ainda existem, todavia o interesse das mulheres pelo futebol se torna mais visível, diminuindo reações exageradas por parte de alguns homens. Poder-se-ia até mesmo afirmar que a diminuição dos comentários sexistas e a valorização da participação de grupos minoritários nos estádios de futebol tem se tornado cada vez mais aceitável conforme estes grupos aumentam suas participações em ações políticas ou sociais.

Como bem se sabe, por estudos de gênero como os realizados por Ortner (2007) e Saffioti (2004), entre outros, o gênero é resultante de construções sociais. A distinção existente entre natureza/ cultura ou até mesmo entre sexo/ gênero se torna menos confusa e permite às pessoas melhor entendê-la. Uma mulher que participe de um jogo de futebol, seja na condição de torcedora, seja como jogadora, o faz por uma penetração em uma esfera que antes era claramente evidenciada como uma esfera de reserva masculina (MOURA, 2005)⁶¹.

Assim como a lógica denunciada no livro *Os estabelecidos e os outsiders*, do sociólogo Norbert Elias (2000), pode-se perceber tal estratégia no campo esportivo do futebol. Os estabelecidos utilizavam estratégias para ridicularizar ou tornar inferiores os *outsiders* ou recém-chegados, dizendo que estes eram sujos e que cheiravam mal. No caso das

61 Para Moura (2005), não apenas a sociedade brasileira utiliza o universo futebolístico como área reservada masculina, mas também a argentina, a italiana e a inglesa.

mulheres adentrarem na arena esportiva, enquanto os homens já estavam estabelecidos há muito tempo, às mulheres a liberdade da prática deste esporte recém era ofertada.

A face admitida e valorizada em termos atléticos é o estereótipo do universal, glamorizado, branco, heterossexual e masculino - marginalizando as demais expressões e unificando-as em uma categoria de contraposição que se pode denominar de "outros". Enquanto na obra de Elias (2000) a distinção estava relacionada com a limpeza ou pureza, no futebol a distinção era evidenciada nas habilidades e características de expressão corporal. Ressalta-se assim a dominação masculina (BOURDIEU, 2003) e a subordinação feminina.

As mulheres, além de gostarem do esporte, precisam demonstrar seu conhecimento e suas habilidades sobre a prática. Dessa forma é que elas conseguem credibilidade e respeito por parte de alguns homens mais incrédulos. "Credibilidade que também se vê diminuída por conta da pouca experiência feminina na prática do jogo, pois comparado aos homens não é grande o número de mulheres que praticam futebol como profissionais ou mesmo amadoras" (COSTA, 2007, p. 4).

As jogadoras santa-marienses, por exemplo, eram vistas como motivo de chacota, sem coordenação motora necessária para a atividade e tendo que se adequar às regras do grupo que já estava neste território há muito mais tempo. Outro mecanismo utilizado para ridicularizá-las era o das fofocas, as quais eram utilizadas tanto por homens quanto por mulheres que queriam reforçar a norma de seu próprio grupo, a qual não admitia a presença de mulheres em um ambiente masculino. As mulheres que adentrassem nesta esfera eram consideradas prostitutas, de má conduta ou até mesmo "sapatonas". Qualquer um dos "adjetivos" utilizados para se referir a estas mulheres possuía o objetivo de desvalorizá-las, atingindo sua dignidade e taxando suas atitudes como inaceitáveis. Esta discursividade estigmatizadora relacionada à prática do esporte acompanhou a trajetória de vida destas jogadoras, conforme minhas entrevistas com as mesmas salientaram. O jogar não era isento do acompanhamento estigmatizador, por mais que este fosse minimizado nas falas, por vezes.

Quando a mulher adentra na arena esportiva, ela constrói uma relação de "nós" e "eles", pois há homens que fazem questão de excluí-las desta arena. Quando a mulher tenta pensar um "nós" ela percebe que neste "nós" não há homens, exatamente porque os homens procuram se afastar do feminino, pois ele é tido como fraco, como inferior. Na tentativa de se tornar um "nós" forte, no caso das jogadoras santa-marienses, por exemplo, elas tentaram

encontrar formas de se aproximar do masculino (considerado um modelo a ser seguido). Elas não apenas mimetizavam o padrão de treinamentos dos homens, mas também convidavam para serem seus técnicos aqueles homens que representassem e procurassem modelar o grupo conforme este padrão. Talvez devido ao forte apego aos valores tradicionais no interior do Rio Grande do Sul⁶², talvez por não exibirem corpos muito sensuais, por mimetizarem um padrão de vestimenta bastante similar ao masculino da cidade, as mulheres de Santa Maria sofreram com discursos discriminatórios e que impediam a continuidade no futebol.

Apesar de não ter sido a beleza e a erotização que a princípio levaram a torcida para os campos para assistir a estas mulheres, mas sim a curiosidade sobre a habilidade com a bola, percebe-se que valores associados à feminilidade eram constantemente trazidos em seus discursos. Porém, deve-se entender a existência de não apenas uma feminilidade hegemônica, mas sim, de uma pluralidade de expressões femininas. Goellner (2005) explica a existência de uma equivocada associação entre identidades de gênero e identidades sexuais, havendo o entendimento de que um corpo viril revela não apenas uma fuga dos padrões de um "modelo feminino" hegemônico vigente, mas, conseqüentemente, conduziria também uma fuga à norma de hegemonia heterossexual.

Kimmel (1998), que aborda a questão das masculinidades, afirma que elas variam conforme a cultura e períodos históricos. Para Kimmel (1998), não há apenas uma masculinidade, mas sim várias, as quais reconhecem a pluralidade dos diferentes grupos de homens, bem como a fluidez e a variação de seus comportamentos. O autor afirma que as masculinidades não são criadas da mesma maneira, nem todos os homens de uma mesma cultura afirmarão uma visão única de masculinidade.

A destruição de outros padrões de masculinidade no decorrer do desenvolvimento sócio-histórico aponta para uma masculinidade única e homogênea, a qual deve ser constantemente afirmada e reafirmada, moldada com músculos rígidos e a contraposição a identidades de gênero subalternas (tais como as de mulheres e de homens *gays*). Conforme Kimmel (1998, p. 116), "entretanto, a masculinidade hegemônica é invisível àqueles que tentam obtê-la como um ideal de gênero, ela é especialmente visível precisamente àqueles

62 Entenda-se a prenda como uma contraposição da china. A china é um sinônimo de mulher desgraçada, desvalorizada, enquanto "a prenda, representada através das canções e poesias como uma lutadora é a mulher que espera o marido, para quem ela vive; o vestido de prenda é a imagem do recato, e da pureza idealizada para o 'ser feminino', e as danças nas invernações dos CTG congregam toda essa simbologia de tentativa de 'reviver' um passado imaginado onde os gaúchos heróicos cortejavam suas damas em bailes de 'alta classe'" (DUTRA, 2002, p. 79).

que são mais afetados pela sua violência". Adotar uma identidade de gênero hegemônica é uma maneira de invisibilizar a diversidade. Assim como o masculino possui não apenas uma expressão, mas diversas expressões de masculinidade, o feminino também apresenta nuances que devem ser identificadas e respeitadas.

A diversidade dos grupos santa-marienses e das subjetividades das jogadoras está expressa em suas narrativas, apresentadas na seção a seguir. Com diferentes táticas e formas de apresentação de suas habilidades, elas foram à procura de um espaço que pudessem considerar delas e no qual pudessem se expressar.

3.1 Notas sobre uma “Taffarel de saias” e as Martinhas de Santa Maria⁶³

Segundo as narrativas das jogadoras santa-marienses, Santa Maria foi um celeiro de talentos, com diversas jogadoras com nível técnico e de habilidade que poderiam tê-las projetado profissionalmente. Porém, naquela época sequer havia a formação de uma seleção feminina de futebol, e assim suas habilidades podiam apenas ser comparadas às de personalidades do futebol masculino.

Para estas mulheres, o estudo sobre o futebol possui também uma conotação simbólica. Os passes, os lances e os acontecimentos, registrados em fotos, em vídeos e nas conversas com as colegas de equipe são guardados para quando elas não puderem mais jogar, tendo o papel de fazê-las lembrar de sua arte⁶⁴ dentro das quadras e gramados, bem como lembrando as pessoas que estão próximas sobre os seus feitos esportivos.

Como dito anteriormente, o futsal santa-mariense surgiu do futebol de campo. As jogadoras entrevistadas neste trabalho começaram a jogar nos “campinhos” dos vizinhos, no campo em que os parentes jogavam, em alguma várzea⁶⁵ ou terreno baldio ao qual tinham acesso, na rua, na pracinha ou no campo dos fundos de casa. Começaram brincando,

63 Este título tem relação com falas nativas, em que as jogadoras expunham que possuíam habilidades suficientes para projeção até mesmo nacional, mas que por haverem constantes comparações com o masculino, com uma valorização bem mais inferior, grande parte das jogadoras continuou em Santa Maria, sem profissionalizar-se.

64 A arte de jogar futebol está em um plano que vai além da técnica, podendo ser entendida como elemento da expressão criativa da jogadora. Ao utilizar o corpo para expressar o que deseja fazer em quadra, a jogadora expõe aspectos de sua subjetividade, aprendendo e compartilhando com o coletivo.

65 Há uma grande diferença entre jogar em várzea ou em um campeonato oficial. Na várzea as regras são flexíveis, ou às vezes nem há regras. Já em campeonatos, ao se burlar uma lei, há uma punição, seja para a equipe, seja para quem cometer a infração.

completando time⁶⁶ ou acompanhando outras pessoas que jogavam e, desta forma, foram se interessando pelo futebol. Muitas delas praticavam nas escolas apenas vôlei, atletismo ou handebol. O futebol ainda não era ensinado no colégio.

Marta - Eu lembro desde a minha infância, assim, com o pessoal da rua com meninos, jogadoras. Tinha algumas, duas, três jogadoras outras que participavam também. A gente jogava, brincava, no campinho, no futebol de campinho, de brincadeira mesmo. Aí, uma época, ahm, aqui um dos vizinhos nossos numa rua perto aqui de uma travessa, ele tinha em casa um campinho pequeno, tipo uma quadra de futsal, no tamanho assim, mas era campo, um campinho de grama. E nós éramos todos pequenos, aí ele fazia assim da redondeza aqui da região, tinha muita gurizada que jogava, né. Então ele montava, organizava torneios, a gente montava os times. Então eu lembro que nessa época, na verdade para esse torneio, eu era a única jogadora que jogava. E como eu era a única jogadora que jogava, os guris às vezes brigavam coisa, e queriam, - não, tu quer jogar, mas tu só pode jogar no gol, então. Então eu jogava de goleira. Até que eu fui aos pouquinhos, né, convencendo eles e fui jogar na linha com eles.

Iniciaram a prática do esporte porque naquela época o futebol era novidade, porque se sentiam satisfeitas, porque o futebol assumiu uma excessiva importância a ponto de faltarem aulas formais de ensino, apenas para poderem jogar, ou para se divertirem. Algumas até mesmo desistiram de propostas de empregos melhores ou de mudarem de cidade devido ao futebol e às amizades iniciadas nele.

Jogadoras como Estér eram exímias jogadoras de handebol, participando das equipes dos colégios ou representando a cidade em competições. Já Maurine, adepta de competições individuais, corredora e participante de provas que exigiam resistência e fôlego, era atleta. As habilidades destas jogadoras foram fundamentais para que pudessem se destacar entre as demais e assumir um *status* diferenciado dentro do grupo. Principalmente no início do futebol santa-mariense, demonstrar habilidades que as demais não possuíam era estar em um patamar mais elevado do que a maioria, obtendo destaque perante a torcida e as demais equipes. Este tipo de posição proporcionava a elas convites de outras equipes e até mesmo a opção de escolher por qual equipe preferiam jogar. Caso não desse certo em uma equipe, era mais fácil que outra as quisesse no grupo, por “gostar do futebol dela”⁶⁷.

O futsal feminino santa-mariense conta com uma rede de renovação de jogadoras

66 “Completar o time” é expressão empregada quando alguém joga com pessoas que não conhece bem, um grupo de pessoas do qual não faz parte. Assim, esse novo jogador *completa o time*, para que se tenha o número mínimo de pessoas para iniciar a partida.

67 A expressão “gostar do futebol” de outra pessoa, significa que a outra pessoa joga “direito” ou joga bem. Esta pode ser também uma expressão usada para expressar positivamente admiração pela maneira de jogar de uma pessoa ou time.

muito simples, desde o seu início. A iniciação possui estratégia de parentesco ou familiaridade. As jogadoras começam a jogar por incentivo de pais, de amigas do colégio ou conhecidas. Da primeira geração, poucas foram as que começaram a prática do futebol ou futebol na escola. Esta não era uma atividade física ensinada às mulheres. Grande parte das jogadoras da Primeira Geração eram atletas ou jogadoras de vôlei e handebol em sua fase escolar. A partir de sua iniciação no futebol é que elas perceberam que era uma atividade que lhes agradava mais do que as modalidades que praticavam antes.

Dentre os mecanismos de captação mais comuns estava um simples e eficaz chamamento: o “entra aí, pra completar”. Devido à falta de jogadoras, quando aconteciam os treinos ou jogos, para que o jogo ficasse mais dinâmico e pudesse funcionar “melhor”, a jogadora que estivesse no entorno “dando sopa”, ou seja, demonstrando estar disponível, era chamada para jogar junto.

Várias das jogadoras afirmaram que o início da prática foi acidental, pois de um momento para outro passaram de torcedoras a jogadoras. Por curiosidade estavam assistindo a algum jogo e foram chamadas para jogar.

Entrevistadora - Como começou tua trajetória, entre todos os esportes, porque preferiste o futebol?

*Tânia - Foi assim, na verdade não foi exatamente uma preferência. Eu entrei no futebol.. eu já jogava o futebol e fazia corrida, atletismo. Aí, de vez em quando eu ia olhá os jogos e meu primo fez um time aqui em baixo na vila São João, fez um torneio e u fui lá olhar. Aí cheguei no torneio e o time dele tava desfalcado, faltava gente. Aí meu primo disse 'Ah, prima, **entra aí pra completá, tá faltando gente**', e eu tava meio a fim, sabe. Não tava com aquela empolgação, sabe... era uma coisa nova e não era uma coisa que me chamasse atenção.*

Mesmo se a jogadora não possuísse habilidade ou afirmasse não conhecer as regras do jogo, ela era convidada para fazer parte do grupo. No início da prática, a falta de habilidade ou de conhecimento sobre as regras não eram considerados como falhas graves, pois se acreditava ser mais importante ter o número de jogadoras suficiente para jogar. Mesmo assim, havia jogadoras que quando começaram a jogar já demonstraram ter o “dom”, ter um “bom trato com a bola”. Estas jogadoras, mesmo sem a realização de treinamentos ou de preparações físicas, demonstravam ser um diferencial nas equipes em que atuavam.

Os capitais futebolísticos são uma forma de capital corporal, um *savoir-faire* que pode vir a ser convertido, a partir de múltiplas mediações, em outras modalidades de capitais ao longo do exercício profissional, dentre as quais se destacam os capitais

econômico e social – status, visibilidade, prestígio, etc. (DAMO, 2007, p. 332-333, grifos do autor).

O gosto pelo esporte em algumas jogadoras foi incentivado pela família. Filhas de pai, tios ou parentes que tinham gosto pelo futebol (ou até mesmo eram jogadores profissionais), ir para a beirada do campo, mais do que um passatempo, era um prazer. E o gosto delas não se restringia apenas ao futebol, incluindo também outros esportes como bolão, vôlei e handebol. Esta adesão familiar e os incentivos familiares motivavam estas jogadoras a investir no esporte como uma forma de obter realização pessoal.

Porém, não se pode dizer que haja um único padrão para estas jogadoras. Algumas iniciaram a jogar futebol apenas na adolescência, por convite de amigas que queriam jogar. Sem saber regras, nem como o esporte era praticado, entraram em campo apenas sabendo que tinham que chutar uma bola e fazê-la entrar no espaço compreendido entre as três traves. No entanto, ser jogadora de futebol era algo que não era espalhado aos sete ventos. Não era algo comentado com as demais pessoas, pois, segundo as jogadoras, não era "algo bem visto".

Apesar das diferenças entre as jogadoras, podemos tentar sintetizar um pouco das diversas experiências de algumas das jogadoras de futebol entrevistadas, com algumas anotações do diário de campo, escritas após a série de entrevistas realizadas em 2009:

'Após a realização de tantas entrevistas, penso comigo uma melhor forma de poder sintetizar as narrações sobre como seria um dia de jogo, e eis a seguinte tentativa: Domingo de sol, início da manhã. O despertador tocou cedo, bem cedo. Apesar de ser um dia de descanso das atribulações da vida cotidiana, dos estudos e do trabalho, pode-se dizer que seria um dia de muitas coisas para fazer. Domingo era dia para confraternizar, de ir para a beirada do campo, para encontrar as amigas, "bater uma bolinha", sentir a vibração da torcida, fazer um gol e dedicar para alguém especial. Domingo era dia de passar na beirada do campo, dentro de uma barraquinha, conversando e esperando, já que não havia vestiários ou lugares apropriados para passar o tempo entre um jogo e outro. E todos os materiais de jogo eram organizados um dia antes e colocados na mochila pela manhã, antes de sair: os sanduíches, os pastéis, a galinha enfarofada e algo para beber: suco, café ou um chimarrão. De vestimentas: a chuteira, o calção, uma meia e uma camiseta soltinha. Pronto. Bastava apenas se deslocar até o campo. As gurias provavelmente estivessem fazendo o mesmo. Algumas iam de carro, outras iam a pé vários quilômetros⁶⁸. Mas a presença delas era certa. Ninguém queria perder um campeonato que fosse. O joguinho de futebol era o momento mais esperado da semana. Era o momento de diversão, de

68 Possuir carro era um diferencial, segundo relatos das jogadoras, ainda mais na Primeira Geração. Muitas das garotas tinham que caminhar muitos quilômetros para chegar ao local dos jogos e treinos. Em alguns casos, este esforço físico devia ser empreendido devido à falta de condições financeiras, em outros porque o sistema de transporte da cidade não abrangia as áreas em que elas moravam. Às vezes as distâncias eram realizadas à noite, o que era um fator que pesava na aceitação das famílias com relação à prática da atividade, devido ao perigo a que estariam expostas suas filhas.

confraternização, de brincar, de fazer o coração pular mais forte que nos outros dias.

Chegando lá, já dava pra avistar algumas das gurias, conversando, se cumprimentando, fazendo promessas para a competição: “Pode cuidá que eu vô te fazê gol hoje... tu vai vê”. E lá num cantinho já tinha outra falando que dessa vez não tinha pra ninguém, que era o time dela que ia levar o caneco. Mal sabia ela que outro time já tinha chamado a melhor jogadora do time delas só para dar um desfalque nelas⁶⁹.

Dentre os cheiros, diversos deles podiam ser sentidos: cheiro de grama molhada; de “bosta de cavalo”; cheiro de quem havia tomado banho para ir jogar; cheiro de quem tinha suado, bebido e fumado a noite inteira passada em alguma festa; e havia até mesmo quem dizia conseguir sentir o cheiro do medo da equipe adversária.

Feitos os acertos finais durante o Congresso Técnico⁷⁰, começava o jogo em uma das quadras. E aquele era um dia de sorte. A temperatura amena, o sol colaborava sorrindo e, por sorte, haviam poucos jogos masculinos, o que com certeza diminuiria o tempo de espera para jogar. Claro que a bola às vezes caía em alguma valeta ou nos detritos de cavalo, mas isso não importava. Mas havia algo que poderia atrapalhar os jogos: a noite. Quando ela chegava, era necessário acender os faróis dos carros para ajudar na iluminação.

Após disputas de bola, chutes a gol, cobranças e mais cobranças de laterais e escanteio... eis que se findam os jogos: Já se sabe então quem são os vencedores e os vencidos. Porém, o final da competição não era o final da festa. O que importava mesmo era a comemoração com as colegas de time e jogadoras de outras equipes. Além disso, havia algumas famílias que faziam torcida com tios, primos, mães. Como o futebol era uma novidade, muita gente ia para a beirada do campo ver no que aquilo ia dar. Era uma diversão nova, e por isso havia diversos interesses no jogo feminino. Alguns homens iam para a beirada do campo para prestigiar, outros para procurar uma namorada, para beber uma cervejinha, para prometer caixa de cerveja se as gurias ganhassem, ou até mesmo só para xingar. Afinal, 'mulher com perna de fora e jogando esporte de homem, queria o quê? Tinha mesmo era que xingar, mandar praonde devia estar, que era na beirada do fogão'

Os jogos femininos aconteciam antes dos jogos masculinos, eram os chamados "jogos preliminares". Os jogos preliminares eram um "aquecimento" para o que havia de melhor e que era esperado pela maioria da torcida: os jogos masculinos. Porém, o feminino servia muito mais como entretenimento, diversão. Algumas das equipes femininas possuíam jogadoras com pouca técnica, e esta era uma falha da qual muitos torcedores se aproveitavam. Alguns deles iam para a beirada do campo para xingar as jogadoras, para reafirmar que o lugar delas não era no campo. Xingamentos direcionados à sexualidade ou à habilidade das moças eram utilizados como forma de descarregar seu ódio àquelas que estavam ocupando

69 “Desfalcar o time” é reduzir as suas forças entre os demais. É considerado um desfalque quando uma garota se ausenta de participar de um treino, torneio ou campeonato. Quanto mais importante a participação da atleta, maior o desfalque.

70 O congresso técnico é uma reunião realizada no início de competições para definir quais regras deverão ser cumpridas. Nele também costumam ser definidas as tabelas de jogos e os horários das partidas.

um espaço no qual eles não estavam. Lá da torcida eles não possuíam a visibilidade que elas possuíam. No entanto, alguns deles sequer jogavam. Portanto, não se pode dizer que de fato quisessem estar no lugar delas. O intuito de algumas das vaias ou manifestações negativas, aparentemente, era o de encontrar um alvo para expurgar ressentimentos ou frustrações cotidianas.

A violência praticada por estes homens não era física, mas sim, simbólica – ratificando a dominação masculina (BOURDIEU, 2003). Eles reafirmavam, por meio de seu discurso, a negação da permissão das mulheres adentrarem aos campos. Sentiam-se como guardiões daquele espaço, sem que este pertencesse a eles. Estrategicamente, este grupo de homens procurava exercer uma dominação sobre o grupo feminino, a fim de manter a estrutura simbólica que era reconhecida e legitimamente aceita por todos. Para Bourdieu (2003), a ordem masculina está implicitamente inscrita em rotinas que excluem as mulheres de lugares masculinos, operando uma distinção que convém aos homens.

Enquanto os donos do campo, os jogadores que realizariam a partida subsequente, permitiam a permanência daquelas garotas em campo, os torcedores que não aceitavam mulheres jogando eram os que reafirmavam uma ordem simbólica dominante. A partir de argumentos biológicos, como os fundamentados na força e potência, estes homens tentavam naturalizar as diferenças existentes, classificando a performance das mulheres como uma impotência “naturalmente” esperada e não entendendo como capacidades e habilidades que pudessem ser desenvolvidas desde a infância.

Os gestos, as musculaturas, as roupas, os acessórios, os suplementos alimentares, carregam consigo significados que, na nossa sociedade e no nosso tempo, estão associados ao feminino e ao masculino. Essas marcas produzem efeitos e, não raras vezes, são reclamadas para justificar a inserção, adesão e permanência de homens e mulheres em diferentes práticas corporais e esportivas (GOELLNER, 2007b, p. 3).

A movimentação das mulheres e o “futebol” delas era visto como algo “nato” e não como resultante de um processo de cerceamentos. Havia mulheres que começaram a jogar com os pés naqueles jogos de final de semana. Porém, a argumentação masculina, por estarem situados há mais tempo na área de futebol, era a de “especialistas”, mesmo que não conseguissem atingir performances melhores que as das jogadoras. Como o futebol feminino santa-mariense possuía (e ainda possui) o masculino como padrão, a jogadora precisava demonstrar excelente técnica, mesmo com uma grande carência de recursos humanos.

Devido aos preconceitos e xingamentos, algumas jogadoras se sentiam bastante incomodadas. As dificuldades financeiras e de deslocamento eram superadas pelo “amor ao futebol”⁷¹, amor àquilo que faziam. Estas jogadoras “vestiam a camiseta”, entregavam-se de corpo e alma para a atividade, sem visar a benefícios financeiros. Segundo elas, os interesses das jogadoras de hoje são outros, ligados à sexualidade, festas e dinheiro. E elas? Elas não recebiam nenhuma remuneração para estar nas quadras, pelo contrário, gastavam o salário recebido no final do mês para custear as viagens, uniformes, alimentação e inscrições em torneios.

***Formiga** - O de antes, só não me pergunta época, era um futsal diferente, assim, no sentido de que as gurias iam lá pra jogá futsal. Hoje em dia, a maioria dessas guria não vão lá só pra jogá futsal. Elas vão pra outros envolvimento, essas coisa assim. E antigamente elas davam valor PARA o futebol. E hoje não, elas só querem brincá e coisa e tal, namorá... esse tipo de coisa. Mudô bastante, tá diferente.*

O saudosismo fica presente na fala de muitas das jogadoras, pois para elas já não há mais aquele "amor à camiseta" que antes existia. A renúncia de momentos em família, de se dedicarem à escola ou até mesmo a outros afazeres já não existe mais. O esforço de atravessar a cidade inteira a pé, de enfrentar sol, chuva e trovoadas. De enfrentar o próprio medo, de enfrentar a família, de afrontar toda uma sociedade. Muitas delas adentravam ao campo como quem trava uma guerra. E muitas delas consideram o futebol, dentro das quadras uma guerra. Outras, não. Colocavam-se, assim, como indivíduos enquanto valores (vide DUMONT, 2000), portadores de vontades próprias em contraste às vontades coletivas (familiares e grupais)⁷².

***Entrevistadora** - E dentro de quadra tu achas que o pessoal faz de tudo pra vencer?*

***Érika** - Com certeza, com certeza. Não chega a sê uma guerra, no caso, mas o pessoal joga pra valê, pra ganhá. Já entram pra ganhá, sem intenção de perdê.*

***Entrevistadora** - E a rivalidade de dentro de quadra, existe fora?*

***Érika** - Não acontecia com nós, porque nós saía, a gente bebia, se abraçava e tudo. O negócio era só dentro da quadra, mesmo. Fora era bem diferente.*

O apoio familiar era bastante reticente no início da modalidade. Em grande parte porque não se sabia do que as garotas eram capazes e sequer se esperava por grandes apresentações. As famílias eram grandes, e os familiares iam tanto para praticar como para

71 Esta afirmação é utilizada por algumas jogadoras da primeira geração também como estratégia para distinguir-se da segunda geração, considerada como uma geração mais interessada em benefícios próprios.

72 Deve-se atentar à distinção existente entre individualidade e individualismo. Enquanto a individualidade se refere às características intrínsecas ao indivíduo e que envolvem sua singularidade, sua personalidade; o individualismo é uma conduta egocêntrica, de valorização considerado suprema do indivíduo, o qual é um valor das sociedades ocidentais.

torcer. Acostumadas a ter que dividir tudo com os irmãos, participar de uma equipe era também uma maneira de extensão da vida familiar. A equipe era para algumas quase que uma segunda família, em que também havia seus problemas, alegrias e disputas por espaço.

Havia jogadoras que levavam toda a família para a beirada do campo e envolviam a todos com alguma função de auxiliar. Dessa forma, todos contribuía de alguma forma, mesmo que não tivessem muito tempo para dedicar a esta atividade. Conforme afirmou uma jogadora, era quase um piquenique na beirada do campo. As famílias iam para assistir, jogar, beber, comer e se divertir.

Algumas equipes eram formadas apenas por familiares, que auxiliavam nas mais diversas funções. O campo era um local de reunião da família. Enquanto os homens jogavam no time masculino, algumas mulheres da família jogavam no feminino. A família toda participava e estava presente nos eventos esportivos.

Érika - Porque na época do futebol de campo, quando começô, era prazer. Era alegria. Pô, tu vê os filhos, torcendo pras mãe, os marido, né. Isso era bonito.

Ciumentos, alguns namorados ficavam bravos que as namoradas estavam jogando, e começavam a desincentivar a prática. Tudo era motivo para tirá-las do jogo. Algumas das justificativas eram: a presença de mulheres que “parecem homem” na maneira de vestir, a possibilidade de elas se machucarem ou também a presença de outros homens olhando elas jogarem. “*Aquilo lá não é ambiente pra mulher casada*”, “*Tu vai lá correr e ficá com perna de home, vai ficá masculinizada*” eram alguns dos discursos ouvidos.

Porém, havia jogadoras que subvertiam essa ordem. E mesmo o casamento sendo um momento muito esperado na vida social de algumas mulheres, segundo o depoimento abaixo, não havia importância o que os outros queriam dizer. Para esta jogadora, o mais importante eram as amigas e não o marido ou a sociedade.

Rosana - Com certeza. A minha vida pessoal, os meus namorados, que nem queria namorá comigo porque eu tinha mais tempo pra bola do que pro namoro. A única coisa de aproveit desse tempo é que tive dois filho (um casal), né. E chegou ao ponto de ele dizer "Agora tu vai ficá casada comigo ou o futebol" e eu disse "Escolho o futebol, com certeza".

O discurso médico também foi bastante utilizado na tentativa de convencer as mulheres a largarem o futebol. As famílias reclamavam e reiteradamente utilizavam as

“recomendações do doutor” como uma certificação de que aquilo não era certo e aquela prática não deveria ser continuada.

***Maurine** - Então esse foi um dos motivos que eu comecei a pará, porque a minha irmã mais velha chegô e me colocô assim pra mim...que ia chegá uma hora em que eu ia tá entrevada em cima de uma cama (e um médico tinha me dito isso) e aquela turma, aquelas amizades do futebol, eu não ia tê ninguém pra me cuidá... e que ia tá só ela do meu lado. Então que era pra mim pensá muito bem sobre isso aí, pensá na minha saúde, pensá... E foi baseado nisso aí que eu fui largando o futebol.*

As lesões nunca foram vistas como importantes na formação de uma personalidade guerreira ou exaltadas como algo positivo, como em esportes de combate⁷³. A dor era desnecessária e, por isso, evitada. Evitava-se entrar em uma jogada que pudesse causar uma lesão, pois elas poderiam ocasionar um afastamento definitivo do futebol.

Houve jogadoras que, mesmo lesionadas, acompanhavam as equipes e assumiam outras funções. Tornavam-se técnicas, auxiliares ou até mesmo dirigentes. A aquisição de uma função servia como estímulo para que continuasse participando das atividades do grupo e retornasse à equipe como jogadora, assim que estivesse reabilitada. No início, os jogos eram apenas nos finais de semana. Porém, quando se tentou iniciar o processo de profissionalização, a periodicidade dos treinos precisou ser maior. Havia treinos em alguns dias úteis também, além dos finais de semana. Era realizada uma preparação para os jogos, com treinamentos táticos e físicos. Nem todas as jogadoras gostavam dessas preparações, mas mesmo assim participavam, para não perderem a vaga no time titular.

No início da década de 1980, o futebol feminino surgiu em Santa Maria, segundo a visão das jogadoras, como uma moda. Houve um “boom”, um crescimento rápido, que resultou em uma ascensão inesperada e empolgante. A primeira competição na cidade foi a Copa Pepsi, em 1981, a qual contou com cerca de 20 equipes femininas⁷⁴. Algumas destas equipes foram formadas apenas para esta competição, porém, outras prosseguiram jogando, devido à empolgação e aos bons resultados obtidos. Portanto, das diversas equipes antes existentes, restaram menos times. Com o passar dos anos, estas equipes se “desmancharam” e formaram apenas uma equipe.

⁷³ Vide Gastaldo (2001).

⁷⁴ Devemos ressaltar que campeonatos amadores eram realizados mesmo com as restrições impostas pelo governo. Em Santa Maria, a Copa Pepsi foi um exemplo desta resistência. Esta competição foi realizada em 1981, dois anos antes da liberação pela FIFUSA e ano em que houve a liberação pelo CND. Um evento que, segundo as atletas participantes, foi muito bem organizado e até hoje é lembrado de maneira positiva. Várias foram as atletas que citaram o recebimento de um diploma de participação neste evento esportivo.

Esta única equipe foi formada com o intuito de apresentar uma espécie de “seleção da cidade”, em que jogassem apenas as melhores.

Daniela-Inclusive teve times que começaram assim e terminaram antes de acabá o torneio, aquele primeiro campeonato da Copa Pepsi. Entraram achando que jogavam muito e tomaram um saco de gols no começo e já acabaram desistindo... Uma não ia mais, a outra não ia mais e acabou o time. E aí, então, depois diminuiu, porque daí foi meio que uma seleção natural de quem mais ou menos jogava.

Com a “quebra” destas equipes, em 1983 foi “montado” o departamento feminino do Esporte Clube Internacional, e depois do fechamento dele estas jogadoras foram todas para o Riograndense, em 1984. Estas equipes participaram do campeonato Estadual, mas não conseguiram conquistar o título devido a diversas dificuldades. Para participar de um campeonato deste porte, as equipes femininas precisavam estar vinculadas a uma equipe masculina credenciada à Federação Gaúcha de Futebol. A ida da Baixada Melancólica⁷⁵ para o Estádio dos Eucaliptos foi decorrente do desinteresse da presidência do Internacional em permanecer com o departamento feminino.

Na época presidente do Esporte Clube Internacional, Eugênio Streliaev, em entrevista cedida ao jornal *A Razão*, em 1º de dezembro de 1983, afirmou que a equipe feminina havia sido desativada para concentrar esforços no time profissional masculino. Porém, este não é o mesmo discurso mantido pelas jogadoras. Segundo elas, esta ação foi resultante ainda do preconceito e das pressões de pessoas que iam para a beirada do campo insultar as mulheres.

Érika - Por quê? Porque deu uma fâsca de agulha pra se formá os times feminino. Mas foi assim, o mesmo tempo que subiu, morreu. Quando houve a ascensão, parece que os cara, os dirigente botaram um extintor em cima. Quando começô as cidades vê que podiam, tê os seus time junto, aí eles alegaram que eles tinham, que eles gastavam muito com juniores, com profissional e não iam gastá com as jogadora que não davam retorno. Mas as jogadora, o jogo era antes dos junior, né, e enchia o estádio naquela época. Enchia os estádio. Então assim, ó, o que que foi que aconteceu dentro da Federação, dentro dos clubes eu não consegui entendê. Porque ela surgiu e abafô.

75 A Baixada Melancólica é a sede do Esporte Clube Internacional.

esporte

A RAZÃO - SANTA MARIA - 01.12.83 - Pág. 07

Inter desativa equipe feminina



A formação de uma grande equipe profissional. Esta é a explicação dada pelo presidente colorado Eugênio Streliaev para a desativação provisória da equipe feminina do Intercontinental, em decisão tomada na reunião da diretoria realizada na noite de terça-feira.

Também na noite de segunda-feira, aconteceu uma reunião do departamento de futebol do Intercontinental, com a presença do diretor, Emil Salamoni, e vários assessores. Uma das principais - se não única - decisões, é tornar rotineiros os encontros entre os integrantes do setor, ficando marcadas oficialmente as quartas-feiras como dias de reuniões.

Pretendem os dirigentes concentrar esforços no time profissional, cujo prestígio pretendem recuperar em 1984. O caráter provisório da desativação, segundo o presidente colorado, se deve exatamente à concentração de esforços no objetivo principal.

De acordo com Emil Salamoni, discutiu-se a situação do grupo de jogadores, que entram em férias dia 18. Embora o dirigente negue, foi feita uma análise do plantel e tratou-se de novas contratações, a partir da próxima segunda-feira.

Questionado a respeito da situação das garotas, que poderiam então deixar o clube, Streliaev garante que isso não acontecerá uma vez que todas têm ficha no Intercontinental e estão e continuarão vinculadas, embora provisoriamente não atuando.

A respeito disso, o próprio presidente do clube já garantiu terem ocorrido vários convênios com atletas do interior do Estado com vistas a uma eventual contratação. A definição, porém, deve acontecer apenas a partir da aquisição de um novo treinador, eis que parece pacífica, até prova em contrário, a saída de Carlos Gainete Filho.

Quando a esse assunto, Salamoni, do Departamento de Futebol, novamente reafirmou que apenas «após o término do contrato de Gainete», o clube passará a discutir a questão. Nega, por exemplo, que nomes de técnicos tenham sido citados na reunião de terça-feira.

O caso, parece, é ético. Pelo menos se desprende das palavras do encarregado de futebol do Intercontinental, para quem «enquanto existir o contrato entre o clube e Carlos Gainete, o Inter tem um treinador. Logo, não podemos tratar de um posto em que não há, por enquanto, vaga».

De qualquer sorte, imediatamente após o encerramento do contrato do atual treinador colorado, o time realiza um amistoso em Santa Maria. Será na quinta-feira, dia 8, contra o São Borja. É bem provável que, nesse dia, aconteça a estreia de um novo técnico, uma vez que parece clara a intenção de ter um profissional contratado para participar diretamente da aquisição dos jogadores que formarão a grande equipe de 1984, de acordo com as palavras do presidente.

A equipe feminina, campeã do interior, será desativada em 1984. Por quê? Será formado um grande time profissional.

Foto 5 – Matéria veiculada no jornal A Razão de 1/12/1983 (arquivo de entrevista).

A participação das mulheres nos campos fez com que o público aumentasse, porém este fator não foi levado em consideração no fechamento destas equipes. As jogadoras eram uma força extra para a busca de recursos, realizando rifas, jantãs e até mesmo trabalhando na copa do clube gratuitamente, para auxiliar no aumento do faturamento e propiciar que elas pudessem também fazer parte das excursões realizadas para jogos em outras cidades.

Sem explicações, eles apenas disseram que não havia condições de continuar com o feminino.

Marta- Olha, sinceramente, eu não sei te dizê por quê. Mas a princípio, acredito eu, que por preconceito. Não querê trabalhá com o departamento feminino por uma questão preconceituosa assim. Por que te digo isso. Ahm, porque o futebol feminino tanto quando foi montado no Inter como no Rio Grandense, isso não dito por mim, não visto por mim, mas pelas próprias pessoas da direção ou do setor administrativo ou até do setor do profissional e dos juniores lá, o nosso departamento, a nossa equipe quando fazia jogos ou participava do estadual ou viagens, a gente buscava todo o apoio fora. Era nós que buscávamos o apoio financeiro. Desde rancho, lanche, que a gente conseguia para várias jogadoras que às vezes não tinham nem o que comê em casa, pra podê se sustentarem, pra podê vir treiná, pra podê tê locomoção, pros nossos jogos fora, pra tudo. Então, o clube na verdade não tinha gasto com nada.

Durante a fase de profissionalização do futebol de campo santa-mariense, havia uma grande rivalidade entre as equipes. As brigas com outras jogadoras não precisavam de uma motivação específica. Às vezes era por uma jogada mais forte, que pudesse machucar, e em outras situações não se sabia sequer explicar ao certo o motivo da agressão.

Entrevistadora - E costumava ter brigas?

Renata - Ah, seguidamente tinha. Porque antigamente o pessoal gostava muito de bebê. Bebiam que eu vô te contá. Só jogavam se tavam tonta. E era um pavor. Ai sempre acabava dando briga.

Entrevistadora - E as brigas tinham um motivo?

Renata - Porque não queriam perdê, né. Não aceitavam. Ou se tu fizesse uma jogada, desse uma meia-lua, uma janelinha, uma coisa assim... tinha revide.

Havia mulheres que adotavam comportamentos de defesa da honra e da integridade que se baseavam em ideais de virilidade masculinos, tais como "depois do jogo eu vô te pegá". Ao final dos jogos, eram distribuídos socos, puxões de cabelo e os mais diversos xingamentos às garotas "prometidas". Porém, após estes momentos liminares, as mulheres voltavam a ser amigas, após o "amadurecer" do acontecido ou nas festas de comemoração dos torneios. Estes momentos eram considerados momentos de "cabeça quente" ou reações motivadas pelo "calor da hora".

Em estudo etnográfico produzido sobre "guris" que frequentam a Praça da Alfândega no centro de Porto Alegre (RS), Leczneiski (1993) também percebeu comportamentos semelhantes aos das jogadoras santa-marienses. Para ele,

Uma grande causa de brigas e duelos, entre os guris, é a defesa da honra. Tirar satisfação de acusações sofridas significa, entre eles, defender a honra maculada. E isto é algo que os guris prezam demais. A importância da defesa da honra fica também claramente expressa em ditados recorrentes como, por exemplo: 'Um homem não pode levar desaforo pra casa; Tudo tem que ser tirado a limpo'. Neste universo, noções como desafio, honra, virilidade e 'ser ativo', estão interrelacionadas (LECZNEISKI, 1993, p. 7).

Até mesmo os juízes sofriam com este tipo de comportamento, havendo relatos de alguns que diziam que não pretendiam apitar mais jogos femininos por terem medo de serem agredidos novamente. A falta de policiamento também facilitava a sensação de impunidade, o que fazia com que uma certa "lei do mais forte" vigorasse no campo e nos seus domínios.

A briga proporcionava uma sensação de segurança à agressora, pois quando uma garota "brigava como home" ela era mais temida e, conseqüentemente, se alguma garota

“chegasse na maldade”⁷⁶, sabia que poderia “receber o troco”⁷⁷. Esta força física explícita, no entanto, era explorada por outras equipes com a provocação destas atletas mais “estouradas” com o intuito de levar à expulsão delas e prejuízo à equipe da qual faziam parte.

Geralmente, a jogadora agressiva era segregada dos demais grupos devido à sua “má fama”, como uma mulher “sem compostura”, afetando a imagem da equipe em que participava. Ter uma “má fama” ou uma “má imagem” aos olhos das outras equipes era também uma desvantagem, pois as demais não queriam ter suas imagens associadas a algo feio ou inadequado, até mesmo para prevenir comentários e falatórios que pudessem prejudicar a sua continuidade na prática esportiva.

A briga apenas possuía um sentido positivo em casos em que simbolizava a determinação e garra de alguma equipe. Neste sentido, a luta era vista como algo que representava as virtudes de um lutador, de alguém que batalhou para conseguir um espaço, que batalhou em busca de resultados positivos.

Formiga - Ah, aí é um duelo. Cada um queria ganhá do outro. Era um jogo brigado. (risos) Mas não que saísse das quatro linhas, era aquilo ali. Mas hoje em dia tem umas guria que não se dão nem dentro nem fora. Antigamente, a rivalidade era só dentro de quadra.

Apesar da competição e da vontade de jogar, grande parte sabia que era responsável também pela integridade física da colega de equipe. Mesmo que a bola não fosse uma "bomba" explodindo e atravessando os céus em velocidade semimeteórica garantindo o gol, sabia-se que, voluntária ou involuntariamente, a força daquele chute havia sido medida: ou tinha o objetivo de não machucar, ou de colocar a bola de maneira mais mansa, mais bonita, pra dentro do seu objetivo principal, o gol.

Honra e dedicação são adjetivos muito marcantes para estes grupos. Honrar o horário do treino e comparecer com pontualidade no local marcado. Honrar a imagem da equipe, dando o melhor de si e preservando a equipe de qualquer vexame. Honrar os compromissos financeiros com outros serviços (como transportes, lojas e malharias). Honrar os acordos realizados em congresso técnico, sem a mudança de regras de uma hora para outra e sem aviso, mantendo a sua palavra, mantendo o que ficou acordado.

76 “Chegar na maldade” é uma expressão nativa que se refere à jogadora que disputa em uma jogada sem a intenção de visar à bola, mas sim de agredir a adversária.

77 Quando uma jogadora “recebe o troco” ou “leva o troco” quer dizer que ela recebe o revide de uma agressão investida em sua adversária.

Porém, as brigas não apenas existiam com as jogadoras de outras equipes. Havia as brigas internas do grupo, devido a divergências sobre como a equipe deveria proceder, lutas por poder e espaço. Estas brigas geravam “desgastes” dentro do grupo e insatisfações, que eram mediados pela dirigência (geralmente também composta por jogadoras) até o momento em que alguém ou desistia de jogar, mudava de equipe ou formava a sua própria.

*Andréia - Eu acho que...quando a gente foi ali pra participar do Coloradinho. Foi, foi, foi dois momentos, um ruim e um bom. Foi ruim porque a gente desmanchou aquelas equipes que a gente tinha - que era mais família - assim vários atletas ali que jogavam, e quando a gente foi pro Inter muitas não foram, umas porque os pais não deixavam, os namorados, maridos, eles não deixavam ir, e elas eram só daquele jogo de final de semana, não se destacavam tanto no futebol né. Nós fomos desmanchamos em torno de umas 10 equipe pra formar uma né. **Aí, por outro lado, foi bom porque ali a gente pegou muita experiência, aprendeu muito, conhecimento, viagens, coisas assim que a gente não...não faria, a gente não tinha condições de viajar.***

O padrão adotado pelo feminino era o mesmo que o do masculino. Elas tinham como certo e como belo tudo que era relacionado ao masculino. Elas tinham como padrão o que se pode chamar de uma "estética do masculino". As mulheres mimetizavam o padrão que era predominantemente considerado melhor. O tipo e material do fardamento, as cores utilizadas e o estilo de jogo. O modelo de onde provinha o senso estético e comportamental era o masculino. Grande parte delas tinha cabelo curto, usavam calções e camisetas largas, sem utilizar equipamentos de proteção. Os jogos masculinos também se apresentavam assim.

Hoje em dia, a o padrão estético da nova geração é diferente. As jogadoras procuram se diferenciar. O mimetismo foi trocado pela diferenciação. Elas procuram demonstrar feminilidade, com cabelo escovado, presilhas de cabelo, faixas, maquiagem ou algum artefato que demonstre graça e leveza.



Foto 6 – Jogadora no Citadino 2009, aguardando na lateral para realizar substituição.

Além da ausência de apoio financeiro na cidade, as categorias de futsal feminino ainda apresentam uma organização pouco profissional. Apesar dos esforços de algumas ex-atletas, no sentido de participação em ligas e organização da atividade, o futsal feminino na cidade de Santa Maria conta ainda com um perfil de atletas entre 14 e 42 anos em seus campeonatos, mesclando atletas de Primeira e Segunda Gerações. Possui, portanto, ainda uma fase de adaptação em seus pontos de vista e forma de desenvolvimento de suas atividades, seja na organização de torneios, seja nos treinamentos das equipes.

Antes, percebia-se que os torneios femininos eram normalmente organizados por Ligas que mesclavam a participação feminina e masculina, sendo, coordenadas as atividades por homens ligados ao futebol. Posteriormente, as mulheres adquiriram a experiência na organização de torneios e, com o intuito de arrecadar recursos para suas atividades, passaram a desenvolver mais competições.

A realização de mais torneios entre as equipes (geralmente competições de curta duração, variando de 1 a 2 dias, possuindo necessariamente premiação em troféu e/ou medalha e, em algumas situações premiação em dinheiro) também foi um fator que permitiu uma maior divulgação da modalidade, bem como estimulou a participação das atletas em equipes, com o intuito de obtenção de melhor performance das equipes, com a realização de treinamentos.

3.2 Ela não é um cara - algumas reflexões sobre empecilhos para a profissionalização do futebol feminino

O pressuposto democrático de uma partida, seja de vôlei, de basquete, de handebol ou qualquer outro esporte é o que assegura que qualquer equipe possa ser campeã - independentemente de sua classe, cor,⁷⁸ prestígio, estrutura do clube, patrocinadores ou sua raça. Saber jogar é a diferença que vigora dentro das quatro linhas. Porém, por que este mesmo entendimento não se dá quando relacionado ao futebol praticado por mulheres? Excluídas da competição por espaços na mídia e por ausência de espaços físicos em locais para treinar, as jogadoras são subordinadas a um poder simbólico centralizado no masculino.

Finalmente, o futebol proporciona à sociedade brasileira a experiência da igualdade e justiça social. Pois, produzindo um espetáculo complexo, mas governado por regras que todos conhecem, o futebol reafirma simbolicamente que o melhor, o mais capaz e o que tem mais mérito pode vencer (DA MATTA, 1994, p. 17).

Contudo, a pretensão de igualdade que se exemplifica com os abraços entre pessoas de diversas classes sociais nas torcidas não se revela quando relacionada às relações estabelecidas entre gêneros. Ou seja, o argumento acima exposto se baseia em uma ideia de futebol que retrata igualdade em situações pontuais e rituais⁷⁹ (ou seja, demarcadas em um

78 Sobre as lutas relacionadas à inserção dos negros nesta prática que inicialmente era destinada à aristocracia brasileira, recomenda-se a leitura da obra de Soares (1999). Esta obra realiza uma análise crítica de obras clássicas, tais como a obra de Mário Filho, *O Negro no Futebol Brasileiro (NFB)*. Para Soares (1999), esta obra seria como um conto heróico que distorce os preconceitos sofridos pelos negros para ascender socialmente. Segundo o autor, os negros - pobres e sem escolaridade - passaram a ser valorizados pela aristocracia a partir da consagração da equipe vascaína de 1923.

79 Segundo Peirano (2003, p. 10), o ritual “expande, ilumina e ressalta o que já é comum a um determinado grupo”; afirma ainda que “rituais são bons para transmitir valores e conhecimentos e também próprios para resolver conflitos e reproduzir as relações sociais”.

espaço e tempo predefinidos, com possíveis expansões). Pode-se de certa forma pensar que o futebol representa a experiência da desigualdade e injustiça existente na subjugação do masculino sobre o feminino. Há no futebol, portanto, a reafirmação dos valores de que o mais capaz, o mais forte, o melhor é o masculino.

Marcelo Barreto, apresentador do Redação Sportv⁸⁰, no dia 10 de abril de 2009 disse que considera os jogadores de futebol "exilados sociais", argumentando que sua afirmação é referente à retirada destes sujeitos do seu ambiente original. Os jogadores, quando saem dos seus locais de nascimento, possuem seus referenciais de pertencimento deslocados, dificultando uma adaptação aos novos ambientes de treino, devido à falta de uma preparação específica para tal mudança. Esta ideia é interessante, quando analisada a estreia desses jogadores no mercado de trabalho do futebol desde muito novos. Quando se trata de mulheres, suas famílias costumam afirmar que elas ainda não possuem uma autonomia tão grande para serem "largadas" na época de adolescência nas mãos de empresários ou para se afastarem da família.

O engajamento das mulheres no âmbito profissional estaria muito prejudicado pelas questões familiares e até mesmo emocionais, pois o desligamento de uma esfera mais amorosa para a esfera profissional e de exigências pressupõe uma série de sacrifícios que, pelo menos por enquanto, não existem em termos financeiros. Na questão de pesos e medidas, a mulher se afastar de seu círculo de amizade e apoio psicológico por oportunidades que não são financeira e profissionalmente interessantes pode ser visto como um quadro desgastante e arriscado.

Entrevistadora- E tu acha que faltô algo pra ti?

*Simone- Faltô, faltô te mais apoio assim da (família)... eu acho que a coisa poderia ter sido bem melhor. E até na época, quando eu era mais nova, eu tinha o que? 13 anos, 12 anos, eu fui convidada pra í embora jogá em Porto Alegre mesmo. Só não fui porque tinha... **era de menor e minha mãe não dexô.** De repente se eu tivesse ido naquela época, eu tava...*

A fim de pensar a questão do associativismo esportivo, podemos então destacar uma das visões existentes, expressa no trabalho de Silveira (2008), o qual foi realizado com mulheres que jogam futsal em Porto Alegre. Sobre esta questão, ela afirma que:

⁸⁰ Redação Sportv é um programa da rede de TV por assinatura, veiculado no canal de esportes Sportv, e que traz um resumo dos cadernos de esportes com a opinião de especialistas e de telespectadores.

Se sociação, para Simmel, consiste nas interações *entre, com, contra e para* indivíduos, é possível interpretar o *associativismo* como um tipo de sociação. Associativismo, pensado de acordo com o conceito de sociação de Simmel, envolve, então, a formação de um grupo pelas relações sociais que surgem entre seus integrantes com determinado fim. Analiso, inicialmente, duas maneiras principais de associativismo: as institucionalizadas e as sem vínculo institucional (...) (SILVEIRA, 2008, p. 61).

Silveira (2008) afirma, assim, que há três eixos de sustentação para o associativismo entre mulheres que jogam o futsal feminino: o esporte, a homossexualidade e a amizade. “É devido ao gosto pelo esporte, às relações de homossexualidade presentes naquele universo e à amizade entre seus participantes que o Time⁸¹ se mantém” (SILVEIRA, 2008, p. 67). Creio que esta visão possa ser realmente pertinente para o contexto porto-alegrense, porém, não creio que possa explicar todos os demais contextos do futsal feminino do Rio Grande do Sul, muito menos o contexto nacional. Creio que essa não seja a pretensão da autora, mas aproveito seu trabalho para expor que esta prática esportiva permeia muitos outros aspectos também importantes, tais como o lazer, o reconhecimento social, a autonomia, o sentimento de satisfação, a valorização do próprio corpo, a sensação de bem-estar.

Há mulheres que buscam mais do que relacionamentos de amizade, afeto ou sexo; elas utilizam o esporte como mecanismo de preenchimento de outras áreas ou carências, muitas delas reforçadas por padrões de repressão provenientes do patriarcalismo e da falta de espaço para vivência de seus gostos. Assim, podendo ser visto como um campo de contestação,

Se o esporte, apesar de historicamente dominado pelos homens, for interpretado como uma via de conquistas femininas em relação à auto-estima, segurança, saúde, performance, autonomia, reconhecimento público e histórico, poderá produzir novas oportunidades e significados, combatendo preconceitos, mitos e a opressão feminina nessa área (DEVIDE, 2005, p. 21).

Jogadoras de futsal frequentemente são questionadas sobre a sexualidade (sobre sua sexualidade e sobre a das demais jogadoras). Uma questão recorrente é: “Mas e tem muitas lésbicas no meio do futsal feminino?”. Devido à convivência que tive com as mulheres que jogam o futsal feminino santa-mariense, creio que não compreenda atribuir uma característica uniforme a todas, generalização feita pelo olhar típico do senso comum sobre este grupo. Entendo que, de uma maneira alargada, as pessoas percebem este esporte como uma prática ligada ao lazer e à saúde, percebendo que sexualidade e esporte não possuem uma relação tão estreita. Se o indivíduo pratica X esporte, deverá obrigatoriamente ter uma X orientação

81 Silveira (2008) utiliza a palavra Time, em maiúscula, para não expor o nome da equipe pesquisada.

sexual? Adotar determinados reducionismos pode dificultar o entendimento sobre as práticas cotidianas, tornando cega a compreensão sobre o diferente. Adotar uma rígida ligação entre práticas sexuais e práticas esportivas tende a ser um equívoco. Esporte e sexo são esferas diferentes uma da outra. Tal imposição seria tão estreita quanto se afirmar que

Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre (FOUCAULT, 1988, p. 50).

Partindo de Meinerz (2005), sobre o gerenciamento da visibilidade das relações homoeróticas, Silveira (2008) percebe que as mulheres que jogam futsal acreditam que a sexualidade delas não é algo que as referencia como um todo. Elas possuem outras características, outras funções sociais, outras identidades que não apenas a sexual. Elas são irmãs, são primas, são trabalhadoras, são voluntárias, são amigas etc. Elas possuem outras identidades, elas possuem outras funções sociais. As relações eróticas ou afetivas que possuem são apenas um entre os diversos aspectos que as definem.

Com relação à identidade de jogadoras, elas também realizam uma constante mediação. Algumas revelam ser jogadoras, outras acham que não é necessário, e outras revelam apenas quando perguntadas.

Érika - Porque dentro do meu serviço eu tenho que tê um comportamento. Na minha profissão um otro comportamento. E com os meus amigo, um otro comportamento. Eu, com a minha família, é um otro comportamento. Então os nossos comportamentos são influenciados.

Silveira (2008) afirma que o ambiente esportivo do futsal é um ambiente em que algumas mulheres se sentem mais livres para expressar sua (homos)sexualidade, sem dever satisfações a ninguém ou ser alvo de manifestações preconceituosas. Ele se apresenta como um espaço de lazer em que as preocupações e pressões sociais são menos intensas, um espaço que está sendo conquistado por elas, aos poucos. Talvez devido a essa conquista de espaços é que, segundo Silveira (2008), as mulheres mais masculinizadas não sejam bem aceitas dentro deste grupo, pois a visibilidade destas jogadoras propiciam o aumento de estigmas e rótulos que o futebol feminino sofre.

A questão poderia até mesmo residir na falta de lugares de sociabilidade para expressão das pessoas que fogem à heteronormatividade. Não se pode negar que há sim

peessoas que procuram nestes espaços outros pares para iniciar um relacionamento amoroso ou sexual. Entretanto, reduzir os praticantes de um esporte a apenas uma opção sexual é deliberadamente aderir à opção de prender-se a um estereótipo, a uma camisa de forças que não admite nada diferente das definições provenientes do senso comum. É restringir-se ao mínimo, negando a diversidade.

Estér - Mas eu passei esse preconceito com colegas minhas, de sala de aula do colégio, que diziam "Bah, mas a Estér tá jogando futebol... Ah, não!". Aí vem aquela coisa do homossexualismo. "Ah, a mulher que joga futebol é homossexual". No passado era muito pior ainda. "Ah, não vô andá com ela". E eu até tô sendo bem delicada contigo em dizê homossexual, porque na verdade não é isso que diziam. Porque não é isso que dizem hoje. O palavreado é machorra, mesmo, é sapatão!, é isso que dizem. Então, muitas vezes hoje, a menina de hoje, tem mais coragem. "Eu joga, eu não sô. Tu qué te dá comigo, tu te dá. Tu não qué, tu não te dá. Problema teu! Vai procurá a tua turma". Mas nós, no passado, nós nos... constrangíamos com esse preconceito. Essa mudança, pra mim, foi maravilhosa. Hoje a guria que joga futebol não se preocupa do que chamam ela. Ela assume que joga. Nós, no passado, já procurávamos escondê um pouco de algum tipo de amizade que a gente tinha.

O esporte, assim, pode ser vivido de diversas maneiras. E, dentro do próprio futebol feminino, Dornelles (2004) afirma que se pode perceber a existência de diversos subgrupos. Uma miríade de categorias que definem os diferentes graus de representações do corpo, tais como 'patricinhas' e 'profissionais', 'caminhoneiras' e 'festeiras', até 'bairristas' e 'boleiras'. Confirmando esta visão, em pesquisa realizada por Paim (2006, s.p.) com 11 atletas amadores de clubes esportivos de Santa Maria, de idades entre 18 a 28 anos,

Alguns fatores foram apontados pelos(as) atletas como causadores de prejuízos para a mulheres no contexto esportivo. Entre eles: O não reconhecimento do ser mulher atleta, ou seja, não ser reconhecida pelo seu desempenho dentro das quadras, mas pelo seu belo corpo; as relações sociais no esporte serem construídas em cima de valores sexistas, e a mulher atleta não poder viver dignamente através de seu trabalho no contexto esportivo (PAIM, 2006, s.p.).

Conforme informa Devide (2005, p. 42) “o esporte unificou um conjunto de valores como força, potência, velocidade, vigor físico, força de limites (...), fazendo com que o comportamento esportivo seja definido como um papel do gênero masculino”. E assim, segundo o autor, esta identidade masculina associada ao esporte é utilizada como padrão para interpretar a presença feminina em áreas de domínio masculino. Para Devide (2005), as mulheres são submetidas a discursos que impõem a performance masculina como norma.

Dessa forma, Mira (2003) afirma que o universo esportivo serve como reafirmação

das masculinidades, entendendo que

O que os homens encontrariam nos esportes e narrativas de aventura seria uma realização simbólica dessa masculinidade inalcançável. Para os jovens e adolescentes, essa problemática, longe de desaparecer, se tornaria crucial. Se a masculinidade nunca pode ser dada por garantida, nessa idade de busca e experimentação de identidades, ela é constantemente posta a prova. Parece até mesmo se prolongar em função do desaparecimento dos rituais de iniciação que, nas sociedades tradicionais, fazem a passagem definitiva dos meninos para o mundo dos adultos do sexo masculino (MIRA, 2003, p. 37).

Não apenas as questões ligadas à família e à sexualidade se tornam empecilhos à profissionalização do futebol feminino, porém não se pode negar que estes aspectos influenciem bastante na decisão das jogadoras em não se profissionalizar. A profissionalização pode não ser um ideal para todas as mulheres, mas este é um mercado com boas perspectivas de expansão. Em Santa Maria, ele praticamente não existe, sendo raras as competições de futebol de campo realizadas e havendo um predomínio das de futsal.

3.2 “Vamo batê uma bolinha?” - o futebol de salão como uma alternativa

O futebol de salão surgiu em Santa Maria como uma alternativa. Devido ao gosto de jogar com a bola no pé, as participantes preferiram partir para esta superfície dura e pequena, a ter que ficar sem jogar. As quadras que eram acessíveis às mulheres eram as de cimento ou também chamadas de polivalentes (de alguns colégios e do parque Itaimbé), as de piche (como da Presidente Vargas, nº 1300, onde atualmente está localizada a Biblioteca Pública Municipal) e de parquet⁸² (na Silva Jardim e a do Corinthians).

Entrevistadora- E como é que foi a tua transição do campo pras quadras? Foi porque tu achava melhor as quadras, como é que foi?

Formiga- Não, não foi porque achava melhor. É porque eu prefiro campo. Só que não tem aqui em Santa Maria. Muito difícil. Lá de vez em quando sai um cidadão. Faz acho que dois anos que não sai. Então não tem outro lugar. E eu gosto de esporte e jogo salão, mas não é porque seja melhor opção. Eu gosto de jogá futebol, mas prefiro campo.

Em grande parte, as quadras de parquet ou tabuão eram alugadas pelas atletas. Ou seja, era necessário que as jogadoras pagassem para poder jogar, o que, para Formiga, tornou esta prática elitizada. Enquanto os campos eram de mais fácil acesso, pois elas jogavam em

⁸² Pronunciado parquê, é o revestimento de pisos feito de tacos de madeira encaixados.

“campinhos” próximos às suas casas ou naquelas que eram emprestados pelos times das equipes masculinas, nenhuma equipe possuía um ginásio próprio. Segundo D’Inção (1992, p. 2), pode-se assim afirmar que a mudança de território de ação do esporte, de um espaço público para o privado, é “o processo que exclui a rua como local de sociabilização e elimina a convivência social das diferentes classes sociais”.

O uso das quadras públicas (geralmente de cimento) era gratuito, porém exigia constantes lutas pelo território com os garotos que queriam usufruir também do espaço para as suas “peladas”. Além das disputas com os meninos, era necessário também convencer os pais, para que pudessem jogar nesses lugares.

Simone - A gente não jogava de tênis na época. Tênis era pra escola, né. Tu vai jogá de tênis nessas quadra que eram... não são como essas hoje do Itaimbé que são limpinha. Tinha aquelas pedrinha, nas quadra. No [Colégio] Bilac lá, não sei como tá agora, mas a quadra mesmo era aquelas pedrinha de, de, tinha umas pedrinha no próprio cimento que te tirava os pedaço. Porque se tu fosse jogá de tênis, tu destruía os tênis. E até tu ganhá otro. Então tu tinha que economizá, né, pra tu jogá. Então, a gente gostava tanto de jogá que a gente jogava de pé descalço.



Foto 7 – O futebol de salão era praticado em quadras de cimento, na década de 1980. (arquivo de entrevistada)

O futebol de salão, devido a suas regras, possuía muitas semelhanças com o futebol de campo, dentre elas que a cobrança do lateral poderia ser feita com a mão. Havia também outras regras como: era vetado ao goleiro sair da sua área; as jogadoras não entravam na área da goleira; se uma jogadora fosse substituída, não voltava mais. Porém, as regras do futebol de salão, originalmente editadas em 1956 por Luiz Gonzaga de Oliveira Fernandes, foram abolidas em 2 de maio de 1990, quando o Brasil oficialmente se desligou da Federação Internacional de Futebol de Salão (Fifusa) em carta do presidente da CBFS e passou a adotar as novas regras de jogo elaboradas pela Fifa⁸³. Para saber as regras, as jogadoras santamarienses adotaram diferentes estratégias.

Entrevistadora – E o pessoal sabia a regra? Como é que era?

Andréia - Não, ae todas essas que já jogavam, e é essas que tu já entrevisto, a Aline essas aí do tempo antigo o pessoal já vinha chegando e já conhecendo tudo né, já, já sabiam regra, sabiam...alguma coisinha ficava pra trás né, mas o mais já sabiam tudo, e pegava o treinador também, o nosso treinador sabia muito e passava muitas informações, lá no Riograndense também nós pegamos o nosso treinador lá já era treinador de, de guri, já conhecia... a gente sentava na arquibancada e ficava acompanhando os jogos de profissional e anotando tudo, como que se portavam, o que que faziam, até de repente pegando mais...botá na prática depois.

Barbara - Eu fui pegando o caderno na hora do treino, e pegando explicação do treinador. Assim que eu aprendi as regras. Eu tinha vergonha de dizê "Bah, eu não sei nada". E daí eu fui escrevendo, sem ninguém percebê. Às vezes tava o pessoal lá e eu afastada, só escrevendo. E tinha gente que me perguntava: - O que tu tanto escreve aí?... E eu dizia: - Coisas, coisas... e aprendi assim.

Estas mudanças foram acompanhadas pelas jogadoras conforme os técnicos lhes repassavam estas informações. Alguns deles eram professores de Educação Física, o que facilitava o acesso à literatura que explicasse as novidades. Além disto, começavam a ser televisionados jogos de futsal, aos quais algumas jogadoras estavam atentas.

Pode-se ainda dizer que o futsal em Santa Maria foi de certa forma resultado de uma resistência. O futsal foi uma tentativa de reanimar algo que estava morrendo. Devido à falta de jogadoras no futebol de campo, o qual exigia também uma maior quantidade de jogadoras, o futsal (e mais inicialmente o futebol de salão) foi a solução encontrada para um problema que foi se agravando. A utilização da expressão “morte” é evidente nos discursos das jogadoras, para as quais o futebol era uma entidade importante em suas vidas. Não participar de um torneio ou campeonato era tão ou mais forte do que não participar de um evento social

83 Informações provenientes do site Futsal do Brasil. Disponível em: <<http://www.futsaldobrasil.com.br/2009/cbfs/origem.php>>.

importante. A estrutura do futebol, as pessoas, os momentos vividos são como um ser vivo (para algumas enterrado e esquecido), que faz parte de suas memórias.

*Tânia - Eu joguei salão aqui em Santa Maria. Eu até não gostava de salão, mas como **morreu o de campo**, fui indo pro salão. Mas eu joguei, acho que no Corinthians. Eu achava diferente, porque eu era acostumada de dá arrancada, e no salão eu me travava muito. Mas com o tempo fui acostumando, sabe. Mas a minha preferência era campo. Eu joguei salão por falta de oportunidade no campo.*

Dos campos de futebol onze, inicialmente, as jogadoras partiram para o futebol sete⁸⁴. Com a necessidade de um número menor de praticantes, era mais fácil se conseguir montar um time para competir e diminuía as insatisfações das jogadoras que ficavam no banco. Porém, no futebol sete não eram realizadas muitas competições, e cabe lembrar que persistia a dificuldade de encontrarem jogadoras. Eis que aí surge a oportunidade de solucionar um problema quantitativo. Entretanto, tal problema quantitativo, em grande parte, surgiu devido a uma nova demanda qualitativa.

As equipes da cidade, que inicialmente eram compostas por pessoas que não sabiam jogar e que levavam o esporte muito mais como uma forma de lazer e sociabilidade, foram sendo substituídas por uma ideia forte de mudança. Inicialmente compostas por senhoras de idade ou até mesmo por jogadoras que nunca tinham jogado na vida e sequer sabiam as regras, as equipes foram mudando. Surgiu a necessidade de fazer com que o futebol crescesse, se desenvolvesse, alcançasse uma maior projeção. Houve o desejo de ampliar os horizontes, jogar em outras cidades, participar de outras competições que não fossem apenas em âmbito citadino. E, para isso, era necessário aumentar as chances de vitória.

Esta separação entre jogadoras habilidosas e as mulheres que tinham interesse em realizar a prática, mas não tinham habilidades visíveis, estava presente também no futsal feminino.

Érika - Quando houve uma separação do time, foi uma separação de ideias. Eu quero mantê uma seleção ou eu quero mantê quem sempre esteve e tá ajudando a pagá as camiseta, que tá pagando a quadra, que tá pagando o campo. Esse grupo todo que tem que permanecê junto. Agora se tu, se vai fazê a separação, separa-se. Vai contigo quem qué e fica comigo quem qué. Quem tem as minhas ideia fica comigo. Começamo junto, vamo junto. -Ah, mas Fulana não joga bem, mas não sei o que...

84 O futebol onze é aquele corriqueiramente televisionado no Brasil. O futebol 7 diferencia-se do futebol 11 em termos de quantidade de jogadores, menor tamanho da quadra e em relação a algumas regras, como a permissão de recuo da bola para o goleiro. Geralmente o futebol 7 é jogado em quadras de grama sintética.

Os gastos em viagens eram dispendiosos, e grande parte das jogadoras não possuía renda ou provinha de famílias de baixo poder aquisitivo, assim era necessário que os investimentos retornassem em vitórias. Ninguém queria gastar seu dinheiro e voltar para casa “de mãos abanando”, ou seja, sem ter conquistado algo. Se quando elas voltavam para casa de jogos normais, em que não gastavam nada, elas recebiam xingamentos ou desincentivos, imagine quando os pais emprestaram dinheiro para viajarem, ficaram longe delas no final de semana e elas ainda chegavam em casa machucadas e tristes por não terem ganhado nada.

Não apenas pelas questões familiares, mas também por questões de “realização pessoal”, para elas era necessário minimizar as chances de perda. Era necessário, assim, formar equipes mais fortes, mais competitivas. E este pensamento, que inicialmente tinha um intuito de fazer com que o futebol de campo crescesse, para grande parte das entrevistadas, foi o que resultou na sua extinção até a atualidade. Devido à formação de equipes mais fortes, as quais reuniam as melhores jogadoras de várias outras equipes, as equipes menores ficaram ainda mais enfraquecidas. Foram formadas duas grandes seleções dentro da cidade, seleções que muitas atletas dizem que sequer hoje em dia veem na televisão em equipes femininas mundo afora. Porém, esses talentos foram desvalorizados, não tiveram projeção nacional e sequer internacional. Eram pessoas que tinham muita habilidade, mas que não puderam aproveitar essas qualidades em nível profissional.

Érika - A seleção de Santa Maria tinha várias Marta. Então não era uma. O problema era que, o problema de dirigente, o problema de patrocínio, problema de machismo... mas nós tínhamos uma seleção de Santa Maria. Não é porque eu tô em Santa Maria: - Ah, teu time é melhor. Não, porque eu olho a seleção brasileira hoje eu vejo um monte de lacunas. E naquela época nós tínhamos duas pra cada posição e uma à altura da outra.

Sem uma equipe para jogar, muitas jogadoras ficaram desestimuladas e pararam. Até mesmo houve as que pararam devido à grande competição que os jogos se tornaram. Não mais com o intuito de espairer, mas com a obrigação de ganhar, o jogo era visto como um compromisso e não mais como uma diversão. Para quem comandava as equipes esta se tornou uma situação delicada. De certa forma, os "ideais" das equipes estavam mudando. As competições não estavam mais abertas para qualquer um, para qualquer "perna de pau"⁸⁵; elas

85 É considerada “perna de pau” a jogadora que não joga bem. Esta expressão está associada a alguém que não possui uma boa mobilidade, agilidade ou habilidade esportiva.

eram feitas para a vitória das que fossem as "melhores", das que tivessem mais capacidade. Eis que o futebol feminino começou a se assemelhar ainda mais ao masculino, a buscar os mesmos padrões de competitividade.

Em grande parte esse tipo de pensamento foi introduzido e acentuado pelas presenças masculinas que iam se agregando às equipes. O futebol feminino não era mais um "assunto de jogadoras", sem regras, sem treinamentos, somente com jogos de finais de semana. O futebol feminino se tornou em um produto que começava a ter ligação com o masculino, visando à vitória. Partiu-se então do ideal de sociabilidade e de libertação para o ideal de vitória (algumas vezes a qualquer custo).

As equipes, que antes apenas eram reunião de jogadoras que estavam empolgadas com uma nova modalidade e que não possuíam nenhuma estrutura, passaram a uma configuração de equipes tais como as masculinas, com preparador, técnico e outras estruturas. As equipes passavam a se reunir mais vezes na semana, e não apenas jogavam, mas também tinham treinamentos voltados à melhoria de desempenho. Com isso começaram a ser mais cobradas e lhes foram exigidas também certas mudanças de hábitos. Fumo e cerveja começaram a ser controlados (restrição que não foi aceita por algumas jogadoras).

Devido às cobranças, as equipes possuíam muitos conflitos. E os motivos eram diversos: insatisfações, mágoas, fofocas... Algumas reclamavam porque estavam sempre presentes nos treinos, contudo nos jogos eram substituídas por outras jogadoras que não compareciam aos treinos, mas que jogavam bem. Muitas iam aos treinamentos e seguiam as orientações dos técnicos apenas para "ter seu lugar em quadra". A reserva era encarada como um lugar chato e sem prestígio.

Uma das maiores insatisfações era ter que ficar no banco de reservas. Ser substituída por outra jogadora possui dois juízos de valor: 1) ser substituída por alguém que joga melhor, mas que não teve o esforço de merecer a posição na batalha diária de treinamentos (é como se ganhasse um prêmio pela falta de esforço, recompensado por sua habilidade) e 2) ser substituída por alguém que a pessoa considera que jogue menos que ela (pois pensa que, se ela estivesse dentro de quadra, teria ajudado mais a equipe e esta poderia alargar o número de gols ou fornecer a vitória à equipe).



Foto 8 – Jogadoras sentadas no banco de reservas no futsal, próximo à lateral da quadra.

(arquivo de entrevistada)

Algumas jogadoras não gostavam do “*tal de salão*”⁸⁶ e preferiam o “campo”. Com mais liberdade para correr e mais espaço para os dribles⁸⁷, o campo era o “*chão*”⁸⁸ de muitas mulheres. As jogadoras consideravam o campo como um espaço mais aberto, porém ele possuía também suas adversidades. Era bastante comum elas jogarem abaixo de chuva, em campos que tinham estrume de animais, como vacas e cavalos. Os campos, quando chovia, ficavam embarrados, e as roupas voltavam completamente sujas. Em alguns torneios, até mesmo a marcação dos limites do espaço de jogo eram feitas de forma precária, dificultando as interpretações da arbitragem. As estruturas, no início, eram muito poucas, no entanto “tudo

86 Este é um termo nativo utilizado por algumas das jogadoras para se referir ao futebol de salão, significando que este era ainda um esporte que elas não haviam praticado, não conheciam muito bem ou para referenciar o desconhecimento inicial. O futebol de salão era rejeitado por muitas jogadoras, pois o campo era macio, a bola mais leve e quando elas caíam ao chão, caso “levassem uma falta”, o gramado era uma superfície que causava menos danos que a quadra. Deve-se salientar que no início da prática do futebol de salão, ele era realizado em quadras de cimento, nas quais uma falta recebida podia resultar em um machucado bastante sério, devido à superfície dura e áspera.

87 Driblar é uma movimentação individual na tentativa de ultrapassar o adversário sem perder o domínio da bola. O drible é uma expressão que já está inserida no próprio vocabulário do brasileiro, e é utilizada, por exemplo, para referir-se a “driblar o perigo”, “driblar as adversidades”, “driblar os problemas”. Para realizar um drible bem executado, o jogador pode utilizar a malandragem, a ginga, a finta, o jogo de cintura, para assim fazer com que o seu marcador fique confuso e não saiba exatamente o que ele vai fazer. De tal modo, o jogador que está atacando conseguirá ultrapassá-lo, tendo ainda a posse da bola.

88 “O chão” é uma expressão nativa que significa o lugar de início da prática esportiva.

era festa, alegria e diversão”. O campo era preferido, porém, com o tempo o futsal começou a ser mais praticado. Sobre as diferenças entre o futebol e o futsal, pode-se afirmar, assim que

Aline - O futsal é uma coisa rápida, tem que ter muito fôlego, é uma coisa bastante rápida! O futebol de campo tu ainda tem aqueles espaços em que tu pode dar uma parada, coisa e tal, mas o futebol de salão não te dá essa oportunidade. Ou tu tá correndo ajudando, ou não consegue não acompanhar, e o atrito né, com a quadra, é uma coisa mais pesada, eu acho, o futsal bastante pesado!

Porém, a escassez de atletas obrigou-as a procurar um novo espaço. Tendo em vista que as equipes possuíam um número cada vez mais reduzido de participantes, foi necessário mudar para uma modalidade que necessitasse de menos jogadoras, e o salão era ideal.

3.3 A organização da modalidade em Santa Maria

Em termos de organização, no contexto santa-mariense, pode-se salientar que a organização das equipes era feita pelas próprias atletas. Geralmente eram uma ou duas atletas que se destacavam e realizavam o trabalho de liderança. Elas eram chamadas pelas outras jogadoras de “*as cabeça*”. A importância destas pessoas era grande. Eram elas que faziam os contatos com as outras equipes e mantinham vivas as atividades da equipe, apoiando o grupo de uma maneira em que não eram amparadas por outras esferas sociais. Geralmente, eram pessoas apaixonadas pelo esporte, atletas das próprias equipes que queriam que a modalidade se profissionalizasse ou que estavam em busca de desafios.

Aline - Eu sempre fui líder nata, né... uma coisa que é em mim, até eu, até hoje com a idade que eu tenho eu procuro me...me controlar. Porque é uma coisa que vem de dentro... ah... sempre querendo ã fazer as coisas, então isso futebol, por exemplo, quando parei com futsal que eu comecei a delegar, ah... tarefa para outras pessoas justamente porque tava me incomodando esta liderança nata, porque eu sentia que isso incomodava muita gente e daí devagarinho, devagarinho eu fui abafando essa coisa que era nata em mim, hoje eu fico muito na minha, morrendo de vontade de faze as coisas mas não... justamente por se ainda perfeccionista, se a coisa não é bem feita... eu sou muito reclamona.

O "amor à camiseta" a que muitas se referem se deve em muito por este ser um esporte amador. Dessa forma, para uma equipe se manter precisava de jogadoras

comprometidas, que não faltassem aos treinos, que se disponibilizassem a ir a torneios, alguém que se prontificasse a cuidar do uniforme, conseguir um treinador, conseguir patrocínios ou ajuda de custos. Geralmente as jogadoras conseguiam estes apoios com amigos ou apoiadores. Porém, tais tarefas exigiam tempo, disposição, persistência, caminhadas, muito diálogo... Todas eram feitas sem nenhuma remuneração, em grande parte porque elas sentiam a necessidade de que houvesse alguma organização, e elas então se dispunham a ter essa iniciativa.

Entre um dos porquês da explicação da utilização do termo “cabeça”, empregado para fazer referência a quem coordenava as equipes, as jogadoras explicam que

Marta - De certo porque era os... se era em relação a quem comandava, era porque comandava e geralmente é a cabeça que comanda o nosso corpo. Acredito que faziam uma certa ligação a isso. Então chamavam de "os cabeça" porque era quem comandava. Acredito eu... não sei.

Simone - Olha, dizer que é uma cabeça pensante... Como diz o outro né, tem que ter uma cabeça pensante. Sempre tem uma que empurra as outras, né. Por isso que a gente usa essa maneira de falar.

Com relação aos critérios de “eleição” das *cabeça*, elas geralmente eram mulheres que ou já estavam há mais tempo na modalidade e possuíam um nível de conhecimento sobre as regras, o andamento das competições, conheciam as pessoas do meio esportivo, ou apenas possuíam força de vontade e determinação para assumir tal papel. Elas afirmam que organizavam porque queriam jogar e, para isso, alguém tinha que fazer algo, ao invés de apenas ficar esperando que outro alguém fizesse.

Simone - Olha, muitas vezes... vamos dizer assim... cabeça é a que tá mais tempo no grupo, né. Mas às vezes chega uma pessoa depois, com vontade também de crescer ou que já fez parte de outra equipe, já era uma 'cabeça' lá, então ela vem com uma vontade também de ajudar. Então se torna também uma das cabeças do grupo, né.

Porém, exercer a liderança dentro de uma equipe, apesar de parecer algo bom, pois a princípio se imagina que elas possuem privilégios, era algo muito penoso para algumas.

Aline - Uma coisa que eu gostaria é só jogar, mas como não tinha força de parte alguma o futebol, então alguém tinha que 'encabeça' pra conseguir fundos, quadra... isso era tudo eu que fazia então havia um desgaste fora do futebol, os incômodos que dava, mais o meu trabalho e mais o futebol. O futebol que às vezes pra mim tinha que ser uma coisa anti estressante acabava sendo estressante porque as pessoas cobram muito e não sabiam o que se fazia fora das quadras.

Para “manter uma equipe viva”, era necessário não apenas alguém que organizasse, mas também que o grupo de jogadoras do futsal fosse constantemente renovado, que mais pessoas se interessassem e fossem socializadas no esporte. E para despertar esse interesse, os grupos precisavam ter uma visibilidade. Porém, em alguns aspectos esta visibilidade precisava de estratégias para ser visibilizada, muito em parte devido aos estigmas que a modalidade possui na sociedade.

*Marta - Aqui em Santa Maria particularmente, o futebol masculino já é muito difícil, em termos de, de, levar a sério ou pessoas que talvez patrocinassem, pessoas que trabalhassem, administrassem ou trabalhassem na área técnica, né, de treino, de.. então imagina o feminino a dificuldade. **E aí eu comecei a me desmotivá e a.. depois né, tem que estudá, tem que trabalhá, tem isso.. então comecei a me desvinculá, porque eu vi que não... era muito.. e também, uma coisa muito interessante, assim, que desde o início, desde 83, ahm, era uma barreira muito grande também pra que se estruturasse bem o futebol feminino era as próprias jogadoras que praticavam o esporte. Que era uma coisa assim, de não levar a sério, de não ter o compromisso, né, de de não ter... essa concepção assim ó.. não, se a gente quer montar uma equipe, quer uma coisa que, né... e buscá apoio pra isso e buscá um retorno assim da comunidade, da sociedade ou do próprio meio esportivo, que fosse, pra isso, a gente tem que também trabalhá com seriedade em todos os aspectos. E não havia isso. Nunca houve. Então sempre foi também uma barreira pra.. mas enfim, essa foi a minha... e eu hoje, até hoje pratico, lamento assim, profundamente, até hoje o futebol feminino não ter uma estrutura.***

A organização de uma equipe, ou "montar uma equipe", é um processo que não possui nenhum manual de instruções, porém algumas questões básicas devem ser solucionadas para que tal objetivo possa ser atingido conforme as entrevistadas: 1) a busca de jogadoras (por afinidade ou habilidades); 2) definição do nome e das cores da equipe; 3) busca por espaço físico⁸⁹; 4) busca por recursos materiais (cones, fardamentos, bolas); 5) busca por recursos financeiros (para a realização de viagens e para a manutenção de atividades da equipe); e 6) definição de cargos e funções. Além disto, algumas equipes se preocupam com a busca por alguém que faça parte da equipe técnica, como o treinador e preparador físico. No caso de Santa Maria, geralmente era convidado algum amigo das próprias jogadoras, com conhecimentos sobre o futsal e que voluntariamente disponibilizasse seu tempo e conhecimento para ajudá-las.

⁸⁹ Há uma grande diferença entre uma equipe que tem horário fixo e uma que não tem. A continuidade dos horários geralmente possibilita que o grupo que joga também seja o mesmo. As equipes que não têm horário fixo, ou seja, que marcam os jogos em horários e dias diferentes durante a semana, não costumam manter este ritmo por muito tempo. O elevado gasto para avisar a todos e o tempo empregado para tal atividade, além da necessidade de harmonizar a compatibilidade de horários das jogadoras, exigem que alguém se disponibilize a organizar os jogos e faça a intermediação dos interesses envolvidos (como horário agradável, preço da quadra, local de jogo próximo às residências).

O que mobilizava algumas das jogadoras não era apenas a participação do jogo físico, mas os desafios dos jogos sociais. Conforme Simmel(1983, p. 174)

Todas as formas de interação entre os homens – o desejo de se sobrepujar, de trocar, a formação de partidos, o desejo de arrancar alguma coisa do outro, os azares de encontros e separações acidentais, a mutação entre inimizade e cooperação, o domínio por meio de artifícios e a revanche – na seriedade do real, tudo isso está imbuído de conteúdos intencionais (SIMMEL, 1983, p. 174).

No início, quando jogavam futebol, as posições existentes eram: goleira, zagueira, quarta zagueira (que ficava fixa atrás e não subia com a bola), centro médio (que auxiliava na defesa), meia direita, meia esquerda, ponta direita (também chamada de ponteiro direita, fazia ligação entre defesa e ataque), ponta esquerda (que vai lá no fundo junto do escanteio e cruza), centroavante. A descoberta das posições era ocasional, para muitas delas. Em grande parte, elas faziam experimentos, algumas vezes em uma posição, depois trocavam para outra para ver se jogavam melhor. As posições em campo variavam conforme a habilidade da atleta e as necessidades da equipe.



Fig. 2 – Posicionamento tático de jogadores em campo de futebol 11.

As que possuíam mais habilidade eram colocadas na frente, para driblar e criar. As que tinham mais velocidade ou habilidade ficavam no meio-campo (também chamado de laterais ou pontas), para fazer a ligação das jogadas. As com menos habilidade ou mais fortes fisicamente ficavam atrás, para garantir que não houvesse progressão da bola. No gol, geralmente ficavam pessoas que se considerava que não jogavam bem, ou que ficavam no gol

porque ninguém mais queria (e a equipe precisava de alguém que cumprisse esta função).

Poder-se-ia dizer que, em termos de habilidades, há hierarquias. A primeira posição em que a pessoa era testada era na frente. Caso não desse certo, eram feitas tentativas no meio. Caso também não desse certo, era indicada para o fundo, jogando atrás. Caso nenhuma das posições desse certo, era recomendada para o gol. E em alguns casos se até o gol não desse certo, poderia ficar como auxiliar técnica ou massagista.

Érika - Era posicionado quem era mais a fim na vaga, quem era mais habilidoso pra frente, quem era mais habilidoso nas pontas. Então era determinado pelo grupo quem ficava em que posição. E ali ia se fixando devido às características. Se não dava certo como lateral, vai pra de quarto zaguero. Se não dá, vai pra zagueiro. Se não dá, vai pro gol. Então era assim. Era pelas habilidades que cada um tinha.

Num jogo de futebol, a posição dos jogadores dentro do campo está relacionada com sua exposição. Mesmo sabendo da importância de todos os integrantes para o resultado da partida, a artilharia é a posição mais visada dentro do campo futebolístico, porque mesmo que a defesa seja muito boa, se não houver ataque, o jogo não sai do empate. Consequentemente, não há a vitória. Porém, há jogos que, mesmo que terminem com empate, são festejados como se fossem vitórias. Quando uma equipe está com muitas dificuldades e as supera em quadra ou quando é travada uma disputa contra uma equipe adversária considerada mais forte, o empate é comemorado por ser um resultado muito melhor que a derrota.

Para definir a organização das jogadoras em Santa Maria, no início da prática do futebol, não eram consideradas suas características físicas. A personalidade das jogadoras era algo que se considerava também importante no desempenho delas em campo. As mais explosivas geralmente eram mais bem sucedidas na frente. A posição de “zaga”⁹⁰ era ofertada para alguém que fosse mais “centrada” e tivesse desarme preciso ou maior imposição física. Quando da definição das posições, eram consideradas as qualidades e defeitos da jogadora, ou seja, todo seu conjunto. Mesmo que isso fosse definido apenas em termos mentais, sem expressar oralmente os prós e contras de cada posição, a sugestão era feita à jogadora e, caso ela acatasse, seria esta a posição inicial dela.

Apesar do senso comum de que os jogadores mais valorizados são aqueles que jogam na frente, as jogadoras que jogavam atrás entendiam que suas posições também possuíam valor. Mesmo sendo num primeiro momento taxadas como jogadoras que não sabem fazer

90 Zaga é uma expressão nativa para fazer referência à posição defensiva de zagueira.

gol, para elas o mais importante era cumprir bem a sua função de defender a equipe. Apesar de não saberem fazer gol, elas sabiam tirar a bola e procuravam certificar a equipe de que o resultado não seria negativo.

***Daniela** - Eu geralmente jogava mais na parte de defesa. Não sei se em função do tamanho e eu sempre tive aquela coisa de que o melhor ataque é a defesa. Defendendo bem tu já faz, já programa um ataque bem mais... consolida melhor...*

***Entrevistadora** - E como tu definiste a tua posição?*

***Daniela** - Essa, foi um castigo do treinador, porque eu jogava um poquinho mais pra frente e ele me jogô mais pra trás, porque eu não errava o bote. E aí ele me botô ali e me dexô de xerife da defesa... Porque eu não sô uma pessoa de driblá muito, mas eu tenho muita visão de jogo. E como em função da força física também, pra disputa e coisa assim...*

Cada jogadora, independentemente de sua posição, entendia que a sua função era essencial para o bom funcionamento de toda a equipe. Se fôssemos fazer uma comparação, este entendimento seria bem semelhante ao funcionamento de solidariedade mecânica e orgânica de Durkheim (1989). Na solidariedade orgânica, há uma maior diferenciação individual, tal como as funções delas em campo, com cada uma exercendo sua parte para que o organismo todo funcione em harmonia, fazendo com que este trabalho cooperativo resulte na vitória. Porém, nem sempre a harmonia conseguia ser alcançada, devido às diversas visões de mundo (DUMONT, 2000) destas jogadoras. Desta forma, a solidariedade orgânica, por exemplo, não se enquadraria totalmente para este coletivo, pois esta solidariedade não possui um alto significado de consciência coletiva, o que faria com que ela não tivesse total relação com os relacionamentos entre as jogadoras santa-marienses. Apesar da autonomia, as relações sociais eram estreitas, e elas sabiam que concessões seriam demandadas em prol do coletivo, da equipe pela qual estavam jogando. Elas podiam afirmar sua individualidade, mas às vezes não em sua totalidade. E, mesmo que para a equipe fosse importante a existência de uma harmonia, a jogadora sabia também que existiam muitas equipes pelos quais ela poderia jogar, tornando ainda mais complexa a relação existente naquela fase.

Nas equipes de Santa Maria, ao mesmo tempo em que as jogadoras possuíam liberdade e consciência individual, havia limites impostos pelo time, algumas necessidades que eram impostas para que os objetivos da equipe fossem alcançados ou para que houvesse manutenção das amizades. Elas tinham a liberdade de sair da equipe para ir para outra ou também a liberdade de sugerir mudanças, mas dependiam de seu poder dentro do campo

esportivo, a força dos laços de amizade e também o quanto a sua falta poderia ser sentida pela equipe. E nesta mediação, ao mesmo tempo em que as jogadoras negociavam para que algumas de suas sugestões ou necessidades fossem atendidas, elas também por vezes tinham que ceder às deliberações da maioria do time.

Caso não estivessem satisfeitas com a equipe, elas sabiam que tinham a liberdade de jogar por outra. Porém, mesmo havendo esta possibilidade, algumas delas possuíam um vínculo tão forte com sua própria equipe que não seriam aceitas em outras. Em parte pela rivalidade, em parte porque elas próprias não gostariam de defender outra equipe (porque não era sua equipe do coração), algumas jogadoras permaneciam em suas equipes mesmo sem aceitar algumas imposições do campo futebolístico e por isso acabavam se desgostando, se desinteressando em continuar jogando.

***Pretinha** - Tu jogava futebol, futsal, futebol de salão, porque tu gostava, adorava chegá o domingo e tu í lá pro campo pra tu jogá, pra brincá, pra corrê, pra convivê com as outras gurias, com as otras colegas de otros time. E tinha time de montão! Vô te dizê! Só que não tinha aquela coisa... Hoje, não adianta, vão se desgostando... Tem time aí, por exemplo... baita time... E o restante só vai pra pagá a inscrição do torneio, 30, 40 pila e vão perdê sempre... Mas na época, pra nós, não interessava se nós ia perdê ou se ia ganhá... no domingo seguinte, a gente tava lá de novo. E se tinha torneio em ôtra cidade, a gente ia, a gente juntava dinheiro. 'Bah, fulana não tem, então fulana paga'... esse mês tu paga, mês que vem ela paga... e a gente ia! Qué dizê... a gente só tinha prejuízo, lucro nenhum! A não sê, pelo que eu te disse, pelo prazer.*

Nem sempre as jogadoras conseguiam ficar nas posições que mais gostavam. Dependendo das condições da equipe (devido ao número de jogadoras e à qualidade de jogo delas), estas posições precisavam ser negociadas. E as negociações não aconteciam apenas antes do início dos campeonatos ou competições, durante a realização deles, as posições podiam ser alteradas ou por um técnico, ou pelas próprias jogadoras (em consenso entre elas ou por imposição de alguma que detivesse o maior comando). Portanto, as posições não eram fixas. Outro fator muito importante para influenciar se uma jogadora entraria ou não em campo era se ela estivesse em um dia bom⁹¹. O momento, também chamado de "fase" da jogadora, influenciava na sua escalação. A jogadora podia demonstrar muita habilidade e potencial, mas, se não estivesse em uma "fase boa", poderia perder diversas oportunidades na "cara do gol"⁹² ou cometer algum erro que facilitasse à equipe adversária marcar um gol.

91 Quando a jogadora está num "dia bom", também pode-se dizer que ela está "inspirada" ou "endiabrada" (utilizado para quando a pessoa demonstra uma boa movimentação).

92 Estar na "cara do gol" é estar frente a frente com o goleiro. Errar um gol na "cara do gol" é errar um gol que

Inicialmente, várias delas começaram seguindo instruções de parentes ou maridos que iam aos jogos. As posições eram experimentadas conforme as características físicas e a habilidade demonstrada. Por não haver treinamentos, no início da prática em Santa Maria, as variações na quadra aconteciam muito mais devido à necessidade de suprir a ausência de posições dentro do campo. Os times às vezes eram formados alguns minutos antes de começarem os jogos, e jogadoras de outras equipes eram chamadas para "reforçar" as equipes ou "pra completá". Devido à falta de treinamentos anteriores, as equipes que eram formadas pouco tempo antes podiam sentir a falta de entrosamento. Esta noção da necessidade de treinamentos para proporcionar um maior contato com a bola (que proporcionava um maior conhecimento sobre elas mesmas) e um melhor entrosamento entre as jogadoras (que permitia um conhecimento de uma sobre a outra) foi essencial para a mudança de fases dentro da modalidade, de um jogo de lazer para um jogo mais competitivo.

No início da prática, havia a liberdade de beber e fumar à vontade, bem como as equipes eram formadas "em cima do laço"⁹³, sem treinamentos. Porém, com o aumento do padrão competitivo, as equipes começaram a se encontrar mais vezes durante a semana, para treinar e exigir mais disciplina das jogadoras. A partir deste momento, as equipes procuraram cercar mais a liberdade de mudança de equipes, para que suas equipes não "ficassem na mão", sem jogadoras. Participar de um campeonato com um plantel bom, não apenas aumentava as possibilidades de vitória, mas também o prestígio da equipe. Ter um "cano de equipe" ou participar de uma equipe com tal característica era participar de uma elite, de um "grupo forte", uma seleção da qual muitas jogadoras gostariam de participar. No entanto, dentro destas equipes havia muito do que as jogadoras chamam de "panelinhas"⁹⁴.

seria muito mais fácil de ser convertido do que se estivesse longe da meta. Quando alguém deixa de converter um gol fácil, também pode-se dizer que esse jogador perdeu um "gol feito" ou "gol dado", perdeu uma oportunidade muito boa.

93 Quando algo é feito "em cima do laço" significa que foi feito sem muito planejamento, rapidamente e próximo ao prazo limite de sua realização.

94 As panelinhas são formadas por afinidades, são agrupamentos de pessoas que se favorecem. No caso do futebol, a formação de "panelinhas" é prejudicial porque privilegia no time principal um determinado grupo, diminuindo exponencialmente as chances de que alguém que não seja da "panelinha" jogue, mesmo que apresente melhor desempenho ou habilidade. As "panelinhas" podem resultar na desistência e afastamento de pessoas que percebem não ter oportunidades de projeção dentro do grupo.



Fig. 3 – Esquema de posicionamento tático de jogadores em quadra de futsal.

Ao mesmo tempo em que as jogadoras dizem que o “grupo” é importante, elas sabem que a vitória também o é. Assim, não apenas as jogadoras precisavam fazer concessões, mas também tinham de tomar decisões que podiam desagradar a alguém do grupo. Geralmente as decisões eram tomadas pela maioria, porém algumas delas eram tomadas pela coordenação (ou *cabeças*), que assumia para si os aspectos mais racionais em termos decisórios, assumindo as complicações que elas poderiam ter em termos pessoais (como criar inimizade com alguma garota, devido à sua ação). As decisões pensadas em grupo eram mais facilmente aceitas, porém, quando alguma decisão era tomada pela coordenação unilateralmente, ela podia ter consequências maiores em termos de abalos ao grupo. E os sacrifícios feitos em nome do grupo eram permanentes nas práticas diárias, reforçadas no cotidiano das jogadoras, empreendendo esforços individuais em nome do todo.

Entrevistadora - E tu deixava de fazer algo pra jogá?

Tânia - Deixava de í em festa de aniversário... as minhas obrigações, nunca. Eu sempre fui organizada pra chegá a hora do futebol, eu consegui fazê tal coisa. Nunca deixei de fazê meus compromissos por causa do futebol. Agora festa ou aniversário eu deixava, porque eu tinha futebol na hora. E eu ia pro futebol.

Entrevistadora - E se era dia do futebol, o que tu dizias?

Tânia - Eu perguntava que hora ia ser, sempre foi assim. Eu agradecia se eu via que não podia e dizia que era na hora do futebol. Quando eu tava numa equipe, era um compromisso sério pra mim. Eu sempre pensei assim "Eu não vou prejudicá meus colegas", "Eu não vou faltá, porque eu treinei praquilo ali em parceria com fulana e não vô faltá"... só se fosse uma doença ou coisa assim... Mas se era festa eu dizia que tinha um compromisso nessa hora.

Com o intuito de valorizar o sentido humano dos trabalhos antropológicos, Ortner (2007) sugere que se preste melhor atenção à subjetividade dos sujeitos entrevistados. Para ela, a subjetividade também possui valor enquanto elemento de reivindicação política. A partir da utilização do conceito de *agency*, a autora afirma que as pessoas não são reféns da estrutura, também sendo agentes. Segundo Ortner (2007, p. 380, grifos da autora), "*agency* não é uma vontade natural ou originária; ela é moldada enquanto desejos e intenções específicas dentro de uma matriz de subjetividade - de sentimentos, pensamentos e significados (culturalmente constituídos)". Ortner (2007), afirma, portanto, que "(...) este sujeito produzido cultural/religiosamente, é definido não só por uma posição particular numa matriz social, econômica e religiosa, mas por uma subjetividade complexa, um conjunto complexo de sentimentos e medos, que são centrais para todo o argumento".

A ligação entre sujeito e cultura, interior e exterior, não se dá apenas no plano dos esportes ou dos passatempos. Esta intermediação entre as diferentes esferas também se dá no plano da linguística. A língua é símbolo externo utilizado pelas subjetividades para expressar os pensamentos do indivíduo. Ao utilizar a língua, o indivíduo utiliza uma estrutura de significação já constituída, porém, com a sua subjetividade, organiza os elementos mais favoráveis para a formulação das sentenças que expressarão seu modo de ser e estar no mundo. No caso das jogadoras santa-marienses, a utilização de expressões nativas é utilizada para organizar a posição das jogadoras em quadra, para organizar a equipe estrategicamente, para se definir e para entender as definições que outros agentes fazem das jogadoras.⁹⁵

Pode-se afirmar, também, conforme Elias e Dunning (1995), que a prática esportiva pode servir como instrumento de educação dos sentimentos. Relacionado com o processo civilizatório da humanidade, pode-se dizer que o esporte suavizou os costumes e hábitos dos indivíduos, privilegiando a cortesia e a polidez. Esta polidez está relacionada com a contenção de instintos, tornando o convívio mais agradável entre os indivíduos. Conforme Elias e Dunning (1995, p. 144), "en las sociedades avanzadas, los adultos tienen que reprimir

95 Para Geertz (2003, p. 369), o passatempo (e aí também podemos entender o futebol) pode ser utilizado com fins cognitivos. Ou seja, partindo de sua análise realizada sobre as rinhas de galo balinesas, pode-se entender que esta é uma prática que lida com um "vocabulário cognitivo" e, portanto, constitui-se como uma forma de "educação sentimental". Esta educação dos sentimentos suscita a reflexão sobre as ações do indivíduo no mundo, uma conexão entre o indivíduo e a sociedade, um aprendizado sobre o *ethos* de sua cultura. O sujeito, ao ver a rinha, conecta-se com outras temáticas, como morte, masculinidade, raiva (dentre outras). São sentimentos e sensações que acentuam o seu ser-estar no mundo e o fazem refletir sobre sua própria existência. Estes sentimentos expressam também sua subjetividade, sentida com maior ou menor intensidade acerca de um determinado assunto. Geertz (2003) pontua que estas subjetividades ativadas não são apenas particulares, mas estão também relacionadas com a condição de agente cultural.

con la mayor severidad durante su vida no recreativa la necesidad de enviar mensajes de naturaleza emocional".

O esporte, ao mesmo tempo em que estimula as emoções dos indivíduos, deixa explícito que não é qualquer tipo de emoção que pode ser demonstrada. O afloramento de emoções é controlado pelo esporte, de forma a reprimir o descontrole dos indivíduos. "En contrapartida, al impedir que los impulsos afectos y emociones busquen y encuentren satisfacción directa e inmediata, crean tensiones muy específicas" (ELIAS E DUNNING, 1995, p. 142). Estas tensões podem favorecer para que, em determinado ponto, os conflitos aflorem de maneira potencializada. Estas "explosões" podem resultar em ações menos racionais e mais emotivas, que trarão consequências à equipe.

A prática do esporte pode ser vista como uma educação dos sentimentos de seus praticantes, não apenas na medida em que realizam o controle de ações reativas, mas também como um instrumento de conhecimento do mundo e de si próprio. No esporte não só as habilidades físicas são desenvolvidas, mas também as emocionais.

***Cristiane** - O esporte, independente de qual seja, ele te dá habilidade, te dá qualidade de vida, te dá agilidade, te dá destreza e principalmente tu aprende a conviver com diversos tipos de..de personalidades, e tu tem que saber lidar com isso aí... É uma habilidade emocional que eu digo... fora das coisas físicas que o esporte te proporciona, aaa ... Tu aprende a viver numa comunidade, mais restrita, onde tu tem que respeitá, ã, as pessoas que tem pensamentos totalmente opostos aos teus, e tu tem que saber lidar com isso... E não é fácil não, mas é uma coisa que a gente aprende e acaba ficando até treinar isso aí.*

***Entrevistadora** - E tu achas que o futsal moldou a tua forma de ser, hoje?*

***Cristiane** - Com certeza, com certeza, principalmente a respeitá mais o outro como ser humano né, e..e eu só uma pessoa muito exigente, perfeccionista e isso aí é uma coisa que me assentou bastante.. a aprendê a conhecê o limite de cada um.*

***Daniela** - Eu acho que com o futebol eu aprendi muito o convívio do coletivo, de tu dividir as coisas, que eu acho que é uma coisa que o esporte em si traz pra gente. Mas muito mais em função do futebol que eu aprendi essa coisa do dividir sempre em partes iguais, porque quem ganha são os 11 ou os 5... todas ganham igual. Não tem de "essa ganhou mais" ou ganhou menos... não. É dividido em partes iguais, pra todas que entram na quadra. E não interessa se jogou uma hora ou cinco minutos.*

As limitações não apenas as corpóreas, mas também as limitações psicológicas, eram importantes para a união do grupo. As exigências nos torneios e nos treinamentos eram variáveis e se limitavam conforme o grupo respondia aos pedidos dos técnicos. Dentro dos grupos havia pessoas que possuíam maior afinidade. Estas pessoas geralmente possuíam mais

poder dentro do campo esportivo, por ter ideias semelhantes, ou já ter tido a oportunidade de conversarem sobre diversos assuntos e entrado em um consenso. Porém, estas relações mais íntimas também se tornavam problemáticas a partir do momento em que o jogo não era apenas um local de recreação, mas também um local de manutenção das amizades.

Entrevistadora - E o que é essencial numa equipe, pra ti?

Daniela - Eu acho que o sentimento de união da equipe. Eu acho que botô o pé dentro da quadra, do campo, seja lá onde for, tem que ser todo o mundo junto. É um por todos e todos por um... e sempre procurá fazê o melhor. Cada um fazendo o seu melhor, independente das limitações físicas, mas cada um fazendo o seu melhor, a equipe toda ganha. Então esse sentimento de união é indispensável em qualquer esporte coletivo.

Como toda família, dentro do futsal feminino santa-mariense havia as brigas, os conflitos, os elogios, os privilégios e a proteção. Os laços de amizade do futsal eram considerados por Rosana, por exemplo, mais fortes que os familiares, pois geravam um forte sentimento de pertencimento. Este pertencimento fazia contraposição às outras equipes e acentuava rixas com adversárias.

Ao ver uma colega do próprio time desrespeitada, algumas jogadoras não se continham e iam "tirar satisfação". O sentimento familiar envolvia a manutenção da honra da equipe (considerada uma família). Mexer com uma colega de equipe ou machucá-la era como realizar uma agressão às demais. Por isso a preservação da imagem de uma equipe era algo muito importante para os times. Ter um uniforme bem cuidado, "bonito" (nas palavras das entrevistadas), demonstrar organização, apresentar bom comportamento eram alguns dos quesitos importantes a serem demonstrados.

Maurine - Tu tem que sabê que quando tu entra num campo ou no futsal, tu tá levando um nome. É o nome de uma equipe pelo qual tu tem que respondê e respondê à altura, procurando sempre apresentá o melhor possível. E quando tu faz uma boa apresentação, ela é bem visualizada, ela começa a apresentá um bom nome. Essas coisas vão chamando atenção e vão conceituando o nome da equipe.

Além das questões relacionadas à estética da equipe, outras diretrizes com relação à conduta eram repassadas às integrantes do grupo. Algumas delas, por exemplo, eram que as jogadoras tinham que estar concentradas nos jogos, ficar junto com suas equipes (e não com as demais, bebendo ou fazendo festa, ficando cansadas). Elas deviam também estar atentas às equipes contra as quais poderiam jogar, para saber os pontos fracos e fortes e saber como melhor agir e se posicionar dentro de quadra.

***Formiga** - É, a gente tem que se portá mais ou menos como um atleta, né. Andá na linha, direitinho. Se o time ganha abrigo, ir todas bonitinha com abrigo, camiseta de passeio, essas coisa assim, tem que andá mais ou menos alinhado, né. Mas se não tem, tudo bem. E se tem, tem que í todo o mundo, se vestí direitinho, andá na linha e respeitá os adversário, né... Esse tipo de coisa.*

Estas diretrizes, principalmente aquelas relacionadas a evitar interagir com outras equipes, estavam associadas ao mecanismo de dificultar a perda de atletas por meio de comparações e criação de vínculos entre as mesmas. Quando a atleta ia para os torneios se divertir, beber e brincar com as colegas de outras equipes, ela poderia ficar cansada quando entrasse em quadra e diminuir seu rendimento em campo, o que não era bem recebido pelas outras jogadoras. Devido a estas preocupações, o sentimento de cuidado, de preservação da imagem da equipe, tornou-se algo tão importante para algumas jogadoras que elas criaram mecanismos de controle e vigília das demais colegas, certa disciplina sobre o “outro” (Foucault,1988).

***Maycon** - A gente era cuidada em boate, às vezes. A gente saia pra fazê boate e uma das gurias ia nos cuidá pra vê quem tava bebendo. Se tu tava bebendo, no outro dia tu não jogava bola.*

Havia jogadoras que eram contrárias a esta prática. Para Maycon, por exemplo, a vigilância às práticas das outras colegas de time era algo que não havia justificativa, pois eram equipes amadoras, em que as jogadoras queriam se divertir. Impor uma disciplina muito rígida a pessoas que praticavam o futebol porque gostavam, era algo considerado extremista e exagerado. Ao sentir o exercício de poder sobre a sua individualidade e a de outras colegas, havia jogadoras que se rebelavam com a situação, pois sequer havia compensação financeira que pudesse justificar uma submissão a algo que eram contrárias. Renata afirmou que havia equipes que, por exemplo, puniam as jogadoras cobrando taxas caso elas bebessem ou eliminando-as na escalação do time principal.

***Entrevistadora** - E que tipo de punição ganhava o pessoal?*

***Maycon** - Não jogá! Essa é a maior punição que tem, né! Do atleta não jogá... Treiná uma semana inteira e porque tu errô uma coisa, tu vai ficá no banco... essa era a grande punição.*

***Maycon** - Eu era contra ficar punindo as gurias, porque às vezes elas bebiam, chegavam atrasadas, aí eu era contra ficá punindo, porque ninguém ganhava nada pra jogá, né. A gente tirava do bolso.*

Havia equipes que, mesmo deixando as jogadoras mais habilidosas no banco de reservas, mantinham seu posicionamento em relação à disciplina. As equipes (ou as pessoas que estavam na sua coordenação) pensavam que, ao retirar da jogadora o que ela mais queria, esta mudaria seu comportamento e se adequaria às normas da equipe. Mesmo que este tipo de posicionamento levasse à derrota da equipe em um campeonato, mesmo tendo uma equipe muito boa, a punição das jogadoras habilidosas e que tiveram comportamentos não aceitáveis (como beber ou se atrasar e faltar aos treinos) era vista como uma medida positiva em longo prazo. Porém, tais atitudes geravam desgastes dentro do grupo. As jogadoras mais insatisfeitas deixaram suas equipes não porque pararam de gostar do futebol, mas sim porque não se adequaram às normas.

Stigger (1997), quando realizou um trabalho etnográfico com um grupo de jogadores de meia-idade em Porto Alegre, também relatou questões semelhantes às percebidas no futebol feminino santa-mariense. Segundo Stigger (1997, p. 54), a desistência possui motivações "que, por diversas razões, acontecem: outros interesses, incompatibilidades pessoais, compromissos profissionais ou familiares, etc. Além desses motivos, o que mais se percebe são os afastamentos por lesão ou aqueles que, voluntariamente, retiram-se por ficarem insatisfeitos com a sua participação/rendimento nos jogos" (STIGGER, 1997, p. 54).

O sentimento de pertencimento era tão importante para a equipe que elas consideram que o afastamento do futebol não se deu apenas por questões físicas, que envolvem a perda da vitalidade, da velocidade ou outras características que tinham quando jovens. Para elas, atualmente há a falta da sociabilidade existente com o grupo. Com relação ao passado, elas enunciam ainda que, em comparação com as jogadoras "mais novas", há a perda de uma categoria que era muito importante para elas: o amor à camiseta. Este amor, conforme Marta, "era tudo". Era doar-se para a equipe, dar o suor por ela, batalhar para que a equipe tenha verba suficiente para realizar as atividades, de ter pessoas que estejam dispostas a fazer sacrifícios para tentar fazer com que aquilo dê certo.

Marta - (...) eu me decepcionei com o futebol. Porque hoje, se tu olhá, o futebol não é a mesma coisa. Não tem mais torcida, não tem mais amor pela camiseta, as guria... não sei... tá muito diferente. A gente era muito coração e hoje em dia não é mais...

O "amor pelo esporte", que pode também ser entendido com relação ao gosto pela prática esportiva, fazia com que as jogadoras se dedicassem sem esperar retornos imediatos.

O gosto pelo esporte, conforme afirmação de jogadoras, como Érika, foi adquirido da família. Muitas das jogadoras possuíam famílias grandes e as equipes eram como que uma outra família, também grande, mas formada por mulheres. Nesta pequena sociedade matriarcal, o importante era estar de bem consigo mesma e em harmonia com os demais agentes. O contato com pessoas de variadas classes sociais também permitia um contato com diversos capitais culturais. Por ser um campo em que predominavam o que algumas jogadoras chamam de "classes menos favorecidas", o samba era o estilo musical mais prestigiado. O contato com diversos estilos musicais, mas principalmente o samba, fez, conforme suas falas, com que algumas também "aprendessem" a gostar deste estilo musical, bem como a respeitar os diversos "gostos musicais" das colegas.

***Renata** - Eu nunca gostei muito de samba, mas em futebol geralmente é o que dá, né. Então, hoje eu gosto. Acho que eu aprendi a gostá.*

O capital cultural não era apenas um dos fatores que influenciavam na afinidade das jogadoras. A questão do capital financeiro, segundo algumas jogadoras, influenciava nas formas de tratamento entre as atletas. Fazer parte de uma equipe em que grande parte das jogadoras tinha "maiores condições financeiras" era algo positivo. Ter um carro, uma moto ou um uniforme de qualidade melhor (com tecido profissional, como poliéster ou poliamida - em contraposição com a malha de algodão) eram elementos diferenciais. Além disso, ter alguém para levar e trazer nos treinos, era uma vantagem, uma facilidade que poucas jogadoras tinham.

***Cristiane** - Uma das coisa que marcou também, a gente entrava nas quadras aqui perto por aí tudo, diz lá vem as riquinha né. Claro, porque todo mundo de carro (risos). Eu tinha nojo daquilo, eu dava risada, ninguém respondia, mas era uma coisa enjoada, sabe... Ora rica! todo mundo trabalhava né... preciso ser rica pra andar de carro?! Também nossa fama era muito grande em relação a isso né (Risos) as guria só davam risada.*

***Érika** - Bah, nós sempre tivemos um probleminha. Não era questão assim de nós sermos rica dentro do grupo, dentro do grupo não tinha gente rica, mas tinha pessoas que tinham ou o pai o carro ou a tia o carro, nós dirigíamos. Alguns tinha moto. Então nós sempre chegávamos junto, nós saíamos junto e chegávamos junto de carro. Então já tinha né, história que hoje em dia essas "patricinha". Aí tá, a gente juntava dinheiro pra gasolina. Juntava dinheiro pra pagá uniforme, pra comprá as coisa e faltava uma meia, lavá, tudo. Então era tudo suadinho. Claro, que um monte tem as suas profissões hoje, né. Cada um um poquinho mais, um poquinho menos. Indiferente, depende da capacidade de cada um.*

***Maurine** - A nossa equipe era bem conceituada e parecia ter um nível um pouco*

mais elevado, mas não que a gente fizesse essa diferença, não, o contrário. Porque eu mesma sempre fui uma pessoa humilde e entrei sentindo que realmente o poder aquisitivo das gurias era melhor do que o meu. Mas mesmo assim eu nunca me senti discriminada.

Com relação à diferenciação no tratamento das jogadoras devido às condições financeiras, há uma divergência com relação ao discurso das jogadoras. Para algumas jogadoras, não havia diferença no tratamento. Estas consideravam muito a união das jogadoras após as competições, nas festas que eram realizadas. A integração entre todas estava na festa, na bebida, na comemoração da derrota ou da vitória.

Entrevistadora - *E dentro do futebol tu achas que tem diferenciação no tratamento entre as pessoas por questão de posses, escolaridade ou racial?*

Kátia - *Dentro do futebol, nunca existiu. Eu acredito que não. No meu modo de vê, acho que não. Não tem nada a vê se a pessoa tem uma profissão...ou é empregada doméstica ou é lixeira...acho que não é por aí...*

Entrevistadora - *Mas vocês tinham que jogá contra equipes que eram patricinhas?*

Kátia - *É... às vezes não dava pra tocá, né. Tinha, tinha... realmente, acho que tem até hoje. Não dá pra tocá que era falta ou isso e aquilo... Acho que existia e existe até hoje, as mais delicadas, no caso.*

Entrevistadora - *E um time que tem mais estrutura ou um uniforme mais bonito... tu achas que isso distancia essas pessoas de alguma forma?*

Kátia - *Não, de maneira algumas. Tanto que o meu time era o mais inferior, no caso... as gurias eram mais humildes... mas o fardamento, no caso... não por ser o meu time.. mas era o mais bonito. Tanto é que depois, muito tempo, fiquei sabendo... que uma jogadora me falô...Uma vez faltô gente e ela jogô pra nós. Nós tinha ido jogá em Restinga Seca, acho...*

Não me lembro bem... Aí ela disse pra mim "Sempre quis usá essa camiseta", sabe... Então, o pessoal gostava muito da camiseta do nosso time, achava bonita... E era bonita, mesmo.

Entrevistadora - *Mas e porque tu dizes que o time era inferior..*

Kátia - *É que as gurias, assim, o time do time era inferior em escolaridade. As gurias eram mais humilde, no caso, por isso... Não tinha uma profissão assim... (...) mas as gurias sempre nos trataram igual...nunca tiveram essa coisa de melhor ou pior, nunca teve essa diferença de tratamento.*

Porém, apesar da integração existente entre algumas equipes e jogadoras, houve jogadoras que afirmaram ser diferente o tratamento entre as jogadoras "menos favorecidas" e as que possuíam mais posses. As que tinham mais posses eram melhor tratadas. A expectativa de vida e as oportunidades de uma garota com mais capital financeiro eram consideradas maiores. As possibilidades de ter vantagens com este tipo de relação eram favoráveis, porém faziam com que algumas jogadoras se sentissem inferiorizadas.

Entrevistadora - *Como é que se dá. O que faz as pessoas se diferenciarem e serem diferentes?*

Maycon - Uma, porque joga bem. Se tu joga bem, tu é carregada no colo. Se tu tem posse financeira, piorô. Porque tu vai sê a bam-bam-bam da equipe. Isso diferencia.

A união é uma categoria muito importante para o coletivo das jogadoras. Um time desunido é um time que briga, em que as pessoas não possuem pensamentos semelhantes. A amizade, a união, a garra, a disciplina são características que as jogadoras consideravam importantes. Todas elas estão relacionadas com o respeito à outra colega, na valorização das características boas, bem como no respeito aos defeitos. Neste aprendizado, muitas destas mulheres dizem ter aprendido mais sobre o ser humano, a trabalhar em equipe e a respeitarem, além das limitações dos outros, suas próprias limitações. Estes limites, para algumas, deviam sempre ser superados.

Daniela - Eu sempre procurava mostrá o meu melhor, independente do esporte. Todo o mundo eu acho que quê essa superação, assim. E no jogá por jogá, na verdade, dentro da quadra existe aquela competição... é um drible a mais, uma jogada... então a tendência das pessoas é sempre mostrá o melhor, né. Não é mostrá pros outros, é mostra pra si mesmo que consegue fazê e que consegue se superá. Como depois de um tempo a idade vai colocando limites, aí a gente faz mais só pra se divertí mesmo, né?

As fortes relações de amizade entre as jogadoras foram fundamentais para a continuidade da prática. A dedicação ao esporte era o principal para elas. Não apenas a habilidade era algo importante, mas também o suporte que a jogadora fornecia ao grupo. Alguém que auxiliasse a conseguir patrocínio ou a conseguir um amigo que ficasse como técnico, que levasse água ou outros materiais para os treinos ou campeonatos... O esforço das jogadoras era importante para o grupo. Mesmo que houvesse reclamações, a importância das ações em prol da equipe não era questionada. Os problemas do time eram problemas levados para casa, para serem solucionados. O tempo dedicado à equipe era um tempo em que poderiam estar dedicando a outras atividades, mas que era direcionado para o coletivo. A valorização do futebol e ações feitas *para* o futebol tinham o intuito de ajudar o grupo como um todo, algo que as jogadoras percebem não haver atualmente.

Estér - Uma das coisas que não existe hoje e no passado existia muito é que as equipes eram uma família. Nós participávamos do dia-a-dia, uma das outras. Até na questão do namoro, do relacionamento. Se tu tivesse um namoro, um relacionamento em que tu era apaixonada e tu brigava, a gente ia lá tentá ajudá. Sabe, a gente ia... Cada equipe era uma família, e hoje tu não vê isso. Hoje é equipe-equipe.

Para algumas jogadoras, o jogo era apenas uma reprodução do "jogo da vida". A

competição dentro das quadras era apenas uma reprodução da competição da batalha diária por sobrevivência. Porém, esta batalha que é travada dentro das quadras possui regras que devem ser seguidas.

Estér - A vida não é uma brincadeira. A gente compete diariamente pra vivê, vamos dizê assim. Então, claro que tu tem que... Eu acho que a gente tem que aprendê a separá... Eu tô aqui jogando, eu sô tua adversária. Eu saí daqui, eu sô tua amiga, sô tua colega, vamo sentá, vamo conversá, não vamo levá isso pro pessoal, pra vida pessoal da gente.

Os afazeres ligados a suas profissões, o desgaste emocional ou corporal, as lesões em jogadas, as pressões sociais e diversos outros fatores fizeram com que algumas das entrevistadas parassem de praticar o futebol ou o futsal. Entretanto, o gosto continua ao assistirem jogos pela televisão ou irem aos ginásios para ver os jogos que são realizados agora, pela "nova geração".

Érika - Acho que o pessoal foi cansando. Umás foram parando, né... Ou por causa do serviço... não tem mais aquele tempo de tá saindo em torneio... A gente não tem mais aquele tempo que tinha antes.. Então elas fizeram o próprio tempo delas, né.. jogam só nos finais de semana. Porque antes jogava no sábado e no domingo ficava o dia inteiro todo no torneio... então ninguém tem mais tempo, né... cada um já seguiu o seu caminho.

Enquanto algumas desistiram, outras continuam a jogar. E consideram o jogo como algo sagrado, assim como o consideravam antes. Tão sagrado que profano é não estar lá, é não participar, não dividir aquele tempo com as colegas, não estar lá para celebrar o futebol.

Cristiane - Quarta fera pra mim é sagrado (risos). Agora amanhã, por exemplo, eu não vou ir, nem semana que vem, eu tô de férias, já tô enlouquecida, venho só na outra (risos) mas tudo bem! Ai tá loco eu não sei...quando não tem o meu corpo (risos) parece mentira correr uma horinha...não dá nada né! Mas pra mim é fundamental. E pra mim e prum monte de gente não fazem outra coisa a não sê ali né, ah é ótimo, excelente, o teu humor; tudo, fica maravilhoso!!

Certeau (1998) mostra como as artes de fazer podem ser constitutivas de ações criativas e de oposição ao *status quo*. Fazer cotidianos simples, investidos de características pessoais dos indivíduos, podem criar novas maneiras de estar no mundo, de apresentar o subjetivo em contraposição a uma suposta rigidez de certas estruturas. Escapando silenciosamente às regras cotidianas, os indivíduos alteram os objetos e códigos a seu modo. Ao empregar no fazer sua própria característica, o indivíduo utiliza a criatividade não apenas como forma de expressão, mas também de libertação. Os fazeres, prenes de sentido e

significação, quando investidos de subjetividade, desfazem consigo as pretensões de um engessamento estrutural, dando luz à maleabilidade de novas formas. A ação é assim, para Certeau (1998), podendo ser entendida como uma forma de resistência. Mesmo com a existência de uma multidão anônima, o cotidiano é a oportunidade de projeção individual. O cotidiano é a oportunidade diária de o indivíduo deixar sua marca autoral e projetar ao exterior o seu modo de fazer e de ver o mundo. Certeau (1998) mostra que o indivíduo não apenas está no mundo, ele também é autor. Ortner (2007) concorda com este pensamento, afirmando que

Sem dúvida há sujeitos culturais que totalmente incorporam, na forma de poder, a cultura dominante (o 'Homem-Davos') e, sem dúvida, existem sujeitos culturais que foram totalmente sujeitados, na forma de despoderamento, pela cultura dominante. De modo geral, no entanto, eu suponho no nível mais fundamental que para a maioria dos sujeitos, na maior parte do tempo, isso nunca funciona totalmente, e existem contracorrentes de subjetividade tanto como de cultura (ORTNER, 2007, p. 398).

4. ARQUIVOS DE SI: MEMÓRIAS EM PLÁSTICOS, CAIXAS DE SAPATO, BALDES OU ESTANTES

Relembrar, mesmo que sem querer. Para Artières (1998), a lembrança de fatos e situações por nós ordenada é mutável. A organização se dá por uma sucessão de ordenamentos que estão em constante mutação. O que era urgente ontem, hoje já pode não ser. "Passamos assim o tempo a arquivar nossas vidas: arrumamos, desarrumamos, reclassificamos. Por meio dessas práticas minúsculas, construímos uma imagem, para nós mesmos e às vezes para os outros" (ARTIÈRES, 1998, p. 2).

Ao revirar arquivos do passado, atribuímos sentido a nós próprios e damos significado ao que pensamos ser. E nesta "escrita sobre si", nas situações que ocultamos de nós mesmos em um futuro não tão longe, projetamos o que será a nossa releitura sobre nós, bem como as possibilidades de leituras que outras pessoas poderão fazer sobre nós. Arquivar materiais sobre si e sobre sua própria história torna o indivíduo ainda mais protagonista de sua própria história, ao escolher os acontecimentos mais relevantes sobre sua trajetória. Para Artières (1998), para existir, é preciso estar inscrito, é preciso deixar sua marca. Mas essa exigência do arquivamento de si não tem somente uma função ocasional. O indivíduo deve manter seus arquivos pessoais para ver sua identidade reconhecida. Devemos controlar as nossas vidas e talvez os arquivos nos concedam a ilusão disto ser possível. Nada pode ser deixado ao acaso; devemos manter arquivos para recordar e tirar lições do passado, para preparar o futuro, mas, sobretudo, para existir no cotidiano (ARTIÈRES, 1998, p. 7).

Os saberes que me foram passados são marcas da existência destas jogadoras que, em conversas que possuíam tempo pré-determinado por relógios, pelas atividades e compromissos das entrevistadas, falaram-me sobre o início do futsal feminino em Santa Maria. O ambiente destes diálogos também possuía espaço geograficamente determinado, sendo realizados no interior de seus próprios lares, os quais me foram abertos com a maior

das generosidades.

Partilhar geralmente é uma tarefa de difícil execução. Ela exige desprendimento, doação. Mas para estas mulheres transparecia um sentimento de prazer em poder falar sobre esta atividade que preencheu muitas de suas horas, que lhes trouxe alegrias, títulos e muitas histórias para contar. Entre nós, havia apenas o som de nossas vozes, o barulho dos carros, das motos e dos ônibus, alguns poucos passarinhos e, por vezes, alguns amigos ou familiares que passavam por ali para ver se estava tudo bem.

As recordações, guardadas na memória, vão sendo trazidas entre uma respirada e outra, em ritmos compassados ou descompassados, ansiosos ou comedidos. Aguardam apenas um simples chamamento, para reavivar lances extraordinários, sentimentos evocados no relacionamento entre as atletas e sensações vividas nas linhas de dentro ou nas linhas de fora, compreendidas entre os quarenta minutos de uma partida oficial ou apenas dez minutos de correria nas partidas dos torneios.

Seus feitos heróicos eram narrados em treinos, em conversas entre amigas, em mesas de bar. Não havia reis ou rainhas para subsidiar a arte que elas produzem, mas havia “mecenas” que patrocinaram os times em competições e torneios. Eram parentes, amigos ou admiradores desta iniciativa. Havia ainda aqueles que eram amigos, e havia os vilões dos contos, que tentavam destruir os seus feitos. Conforme as histórias eram contadas é que se conseguia ver os diversos matizes apresentados e entender os dilemas e dúvidas sobre qual ação deveria ter sido tomada.



Foto 9 – Entrevistada mostra balde onde são guardados livros, fotos e diversos materiais.

Como caprichosas lapidadoras de histórias, as jogadoras traziam estas lembranças de tempos em tempos para o seu ambiente por meio de narrativas. Sob a luz de novos entendimentos e percepções, são assim novamente pensadas, tendo como objetivo analisar o melhor meio para serem lapidadas e dotadas de significado. As facetas são marcadas, buriladas, lixadas... E, após um atento olhar e mais alguns retoques, elas estão prontas para serem trazidas ao público. Por vezes o trabalho desperta a atenção dos espectadores e em outras institui um mistério quanto à beleza da obra. Tais seleções de fatos e de artefatos que se deseja manter são selecionadas, rasuradas, sublinhadas e manipuladas segundo os interesses pessoais de cada jogadora. Para Artières (1998, p. 11), “arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência”.

Entre o coletivo e o individual, há a presença destas mulheres que, driblando as adversidades da época e as recomendações dos pais ou amigos, subverteram a lógica de que o futebol é para os meninos e as bonecas para as jogadoras. Subverteram a lógica essencialista que acredita que há características que são próprias dos “homens” e outras que são das “mulheres”. Conforme Butler (2003, p. 58-59), “(...) mulher é um termo em processo, um devir, um construir de que não se pode dizer com acerto que tenha uma origem ou um fim”. Assim, a categoria “mulher” é também uma construção, algo que se torna aparente com a expressão corporal, roupas e acessórios e que se cristaliza no tempo, auxiliando na formação dos sujeitos generificados. Para a autora, além de construída, a categoria “mulher” é reprimida pelas mesmas estruturas de poder. Para Butler (2003, p. 21), a busca pela emancipação se dá a partir do aumento da representatividade de reivindicações feministas, em contraposição a um *status* universal do patriarcado e de uma “categórica ou fictícia” estrutura de dominação responsável por subjugar as mulheres.⁹⁶

Foram estas jogadoras que, sofrendo com as chacotas e as coerções disfarçadas de brincadeiras, deixavam em segundo plano diversas outras atividades para dedicar grande parte de seu tempo ao futebol. É uma atividade que lhes alegra, que lhes é muito importante, demonstrada por afirmações como a de Aline Pellegrino (48 anos):

96 Para Butler (2003, p. 24), “levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuais e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de ‘homens’ aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo ‘mulheres’ interprete somente corpos femininos”.

Aline - Eu deixava qualquer coisa pra jogar futebol. Inclusive eu sou madrinha duma sobrinha (riso) e eu não fui no batizado dela porque era no dia do campeonato, e eu não fui.

(...)

isso me marcou porque fui bastante cobrada depois... mas é que minha paixão pelo futebol sempre foi muito grande e eu deixo qualquer coisa, jantares, ainda deixo hoje, toda quarta-feira todo mundo sabe que ninguém me convida pra nada porque quarta-feira é o dia do futebol e eu não abro mão.

Na fala de Aline podemos perceber a clara oposição existente nas relações referentes ao par individualismo - holismo. Segundo Dumont (2000), o individualismo é um valor fundamental para a sociedade ocidental, enquanto as sociedades tradicionais (como as orientais) fundamentam seus valores no coletivo. Segundo esta concepção, "o indivíduo que se basta a si mesmo continua sendo o principio, mesmo quando age no mundo" (DUMONT, 2000, p. 40). Pode-se afirmar ainda que "o único Bem é interior ao homem. A vontade do indivíduo é a fonte de sua dignidade e de sua integridade" (DUMONT, 2000, p. 47).

O individualismo (resultante da herança judaico-cristã) contrapõe-se ao holismo e reafirma-se como valor fundador das sociedades modernas. O indivíduo, assim, constitui-se em um valor supremo, tendo como prioridade a realização de suas vontades e desejos em relação aos interesses do "todo". Pode-se perceber que no discurso de Aline Pellegrino, assim como no de outras jogadoras, a essência deste individualismo desconsidera uma série de empecilhos e de outros discursos para priorizar aquilo que lhes proporcionava prazer e bem-estar. A ideia de que seus projetos, enquanto indivíduos, estavam acima das vontades coletivas (familiares) é patente. Neste sentido, estas mulheres são agentes (vide Ortner, 2007).

Ao lidar com as experiências de vida das jogadoras de Santa Maria, portadoras de representações variadas e procurar entender o que é mais significativo sobre os fatos evidenciados, esforcei-me ao máximo para conseguir realizar esta tarefa por mim considerada difícil. Esta é uma tarefa que exige bastante esforço, sensibilidade e responsabilidade. Tal afirmação pode ser feita devido à presença de uma inequívoca "(...) dificuldade de desnaturalizar noções, impressões, categorias, classificações (...)" (VELHO, 2003, p. 15) que fazem parte de nossa visão de mundo e são elementos basilares, quando necessitamos de um referencial.

Neste trabalho, por ter tido o privilégio de participar do término do período que denomino Primeira Geração do Futsal Feminino de Santa Maria e por vivenciar o seu contexto atual, creio que cabe trazer a constatação de que grande parte das jogadoras que hoje

jogam nas equipes da cidade sequer sabem da existência dos times anteriores, muito menos sobre histórias passadas e sobre como foi a passagem do futebol de campo para o futsal. Estas histórias não costumam ser comentadas nas equipes novas, até mesmo porque são poucas as “antigas” que participam desses times de competição. Nas equipes de hoje, muito pouco se fala sobre épocas passadas, a menos que elas estejam ligadas às histórias pessoais vivenciadas por atletas que participaram da outra fase, as quais relembram das competições de que participaram, dos lances testemunhados e das experiências compartilhadas.

Por meio das palavras escritas, procura-se evocar elementos que vão além das entrevistas, elementos que vão além da própria subjetividade antropóloga e das vivências corporais em campo. São elementos que resultam da palavra enunciada, cúmplices da movimentação dos enunciados e da coesão dos argumentos. Thompson et al. (2000, p. 85) traz uma importante consideração com relação ao ato de rememoração, pois, para ele, "no que diz respeito a grupos, as memórias são consideradas individuais, mas ocorrem os maiores conflitos quando as pessoas insistem em que as lembranças dos outros sejam iguais às suas". Uniformizar as memórias seria de um prejuízo imenso, pois cada ator social possui seus próprios interesses, seu próprio prisma e maneira particular de ver. Tais aspectos não podem ser desconsiderados na realização de pesquisas antropológicas que trabalham com memórias. Dessa forma, é necessário atentar que "ao tentarem descobrir uma única história, fixa e recuperável, alguns historiadores orais foram levados a negligenciar os muitos níveis da memória individual e a pluralidade de versões do passado, fornecidos por diferentes interlocutores" (THOMPSON et al., 2000, p. 67).

Muito mais do que um investigador dos dados concretos, o pesquisador deve questionar o não-dito, o não-percebido, aquilo que se encontra por debaixo dos olhares mais comuns e acima de olhares que não gostariam de ser percebidos. É adentrar na estrutura, vislumbrar o que está posto e a ruptura, é provocar questionamentos.

Com relação ao futsal feminino de Santa Maria, ele também possui suas peculiaridades. Dentro dele há diversas visões, diversas “éticas”⁹⁷ e diversos conceitos sobre como ele pode ou deve ser desenvolvido. As divergências com relação à profissionalização ou

97 Sobre as diversas “éticas” e visões dentro do futsal feminino, esta é uma questão muito interessante e que pode gerar muitas divergências. Estes desacordos também resultaram na dissolução de várias equipes, pois as componentes do grupo não possuíam as mesmas ideias sobre as práticas do grupo. Enquanto algumas pessoas possuem a visão de um esporte competitivo - e até mesmo de vitória a todo o custo - outras realizam a prática esportiva apenas para diversão, lazer, saúde, estética ou apenas como um passatempo.

continuidade do amadorismo foram frequentes nos discursos das jogadoras. Porém, deve-se considerar que algumas atletas participaram apenas da fase inicial do futsal feminino de Santa Maria e depois se afastaram das quadras, enquanto outras fazem parte dele desde o início e ainda permanecem participando das competições, dos auxílios.

A maneira de comemorar, de confraternizar com as outras equipes e até mesmo de viver o esporte é bastante diferente entre as duas gerações do futsal feminino de Santa Maria. Durante o exercício do ato de rememorar, procurei um melhor entendimento sobre os conhecimentos de importante significação social para o campo. Contudo, "o ato de rememorar, além de estar atrelado ao que se quer e se pode rememorar, pode conter distorções, descompassos, deslocamentos, ênfases e ocultamentos" (GOELLNER et al., 2007c, p. 55). As experiências, assim, sejam elas individuais ou coletivas, sofrem com o processo de esmaecimento biológico. Detalhes que antes eram recentes e podiam ser acessados com facilidade já não são mais lembrados. Pessoas que fizeram parte das histórias são involuntária ou voluntariamente esquecidas ou propositalmente ocultadas. Fatos vivenciados já não são mais pensados da mesma maneira. Este é um processo frágil e complexo, que demanda muita sensibilidade por parte do entrevistador. Por isso, o processo metodológico adotado deve ser adequado a cada segmento social, conforme os objetivos da pesquisa.

As próprias jogadoras assumem que certas posturas do passado não seriam repetidas no presente, devido à maneira como agora se enfrentam certas situações. Porém, isto faz parte de um processo. O envelhecimento e a aquisição de experiências diversas fizeram com que as jogadoras mudassem a maneira de observar e de agir no mundo, tendo outras expectativas e também exigindo outro nível de cobranças delas próprias e das outras pessoas.

As jogadoras santa-marienses elencam certos fatos da maneira que pensam ser a mais apropriada e, por vezes, também não conseguem relembrar determinados acontecimentos. Há a falta do que Halbwachs (1990, p. 34) chama de "pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum". Para exemplificar esta ausência, podemos analisar o depoimento de Érika:

Érika - Olha, eu digo assim que é difícil tu lembrá porque na época não ficava marcando. Quem mais registrava esses fato que ficava com isso na mente são as gurias que tavam jogando. Porque assim, quando tu não joga, tu não participa, tu pode até lembrá:- Ah, ela foi o que? Em 83, foi, foi 83, 84, 85, tu jogô? Não. Ah, mas eu joguei. Eu joguei no ano tal. Mas aí já existia antes.

Por ser uma novidade este estudo sobre as memórias das jogadoras de futsal feminino de Santa Maria, muitas das atletas voluntariamente se disponibilizaram a apresentar outras informantes, fazendo o contato prévio e posteriormente repassando os telefones para agendamento das entrevistas. Reafirma-se, assim, o entendimento de Queiroz (1991), para quem o narrador deseja transmitir uma experiência que considera digna de ser conservada. Com a realização de pesquisas qualitativas, como entrevistas semiestruturadas, as narradoras puderam expressar esferas de maior profundidade, maior envergadura, mais detalhes, cuja amplitude vai além de um fazer científico insípido, que se pretende imparcial, tal como as pesquisas meramente estatísticas e quantitativas realizadas no século passado.

São mulheres de diversas classes sociais, religiões, grupos étnicos e raciais, graus de escolaridade e, atualmente, até com diversos graus de envolvimento com a modalidade. Algumas continuam, “apaixonadas” pelo futebol, outras se afastaram tanto do futsal que só possuem contato com uma das colegas de equipe.

Érika - Assim ó, dentro do time tem ainda pessoas, mas que eu perdi o contato. São poucos que eu mantenho. Não tenho o vínculo do pessoal dos outros time, que eram adversário. Mas nós, são poucos.

Percebe-se, então, que as formas de tratamento que as lembranças possuem para elas também são diferentes. Enquanto algumas expõem na sala os troféus e possuem quadros, outras guardam suas medalhas em saquinhos plásticos ou caixinhas, guardados em lugares escondidos e sem o conhecimento dos demais. E entre mostrar e invisibilizar estas conquistas, há até mesmo quem tenha deixado os amigos e familiares levarem aqueles artefatos que propiciam este retorno ao passado, que facilitam o retorno das lembranças sobre títulos e conquistas. As medalhas são a representação do esforço empreendido dentro de quadra, elas são o coroamento pela resistência e persistência, são o reconhecimento de que aquela atleta estava entre as melhores. A competitividade era a chama que ascendia o interesse pela prática de algumas.

Simone - E daí foi, sabe, claro, aí foi aumentando aquela vontade de aprendê, de ganhá, sabe. De tu í numa competição e ganhá troféu, medalha, eu adorava aquilo ali. Daí foi crescendo, crescendo. Tanto é que... tudo que é, hoje em dia, é... difícil, claro, a gente tem a turma de brincadeira, mas o gostoso é competí. É, é competi. E eu sempre digo assim ó, competí, o competí, aquela coisa assim, saudável. Não é o competí com aquele objetivo, ah, de dizê pra todo mundo:- O meu time é bom. Não, o competi é aquela coisa gostosa assim.



Foto 10 - Álbuns de fotos guardadas em um baú. Entre as memórias de aniversários e outros eventos sociais, havia também fotos dos tempos do futebol.

Porém, os troféus e lembranças daquela época já não são dignos da mesma consideração que tinham na época em que foram conquistados. Renata ainda possui diversos troféus e medalhas em sua casa, mas explanou sobre quem geralmente prestigia a premiação

Renata - Só o pessoal, digamos assim, o pessoal que jogava, antes. Jogava junto ou não. Ai, pra recordá, elas querem olhá foto e coisa, também.

No entanto, a discriminação influencia até mesmo na exposição das conquistas, e a ex-dirigente Renata diz que havia muito preconceito, e que ainda existe. Que ela guardava os troféus na sala, mas que, quando as pessoas chegavam e perguntavam do que era, ela explicava que era do futebol, e as pessoas diziam "Que horror". Então ela resolveu passar para peça do fundo da casa.

Já ao contrário da vontade de Renata em querer expor e não poder, Maycon afirma que queria colocar todas as medalhas e premiações fora, mas que disseram para ela manter, porque aquilo era história. Porém, sem saber onde colocar aquele material que só “atrapalhava e ocupava espaço”, ela deu alguns troféus para uns sobrinhos e para a “gurizada do entorno”⁹⁸, para que eles tirassem a plaquinha, polissem e utilizassem como premiação em um torneio que eles iam realizar.

⁹⁸ A “gurizada do entorno” ou “piaçada das redondezas” se refere ao conjunto de meninos que moram próximo às jogadoras, são os vizinhos delas de rua ou de bairro.

Apesar da desvalorização dos artefatos materiais, devido ao afastamento e à mudança de necessidades em termos de espaços e prioridades, estas jogadoras dizem que os momentos vividos no futebol são marcantes. Algumas dizem que o principal está mantido na memória, os momentos bons e os fatos inesquecíveis. Podemos ainda entender, conforme Zanini (2006, p. 15), que "o sentimento de pertencimento, embora existisse, não possuía, para muitos, formas de expressão e nem de partilha". Por não fazerem parte dos jogos, devido a questões de forma física e outros compromissos religiosos ou profissionais, jogadoras como Maurine não participam do bate-papo com comentários após jogos recreativos, ainda realizados.

Tais questões, acerca da memória e da necessidade de elementos materiais que permitam trazer à tona as lembranças. “E, através desse jogo, pode desencadear uma relação entre tempo e memória, entre imagem e imaginário, dando um novo significado ao presente vivido” (BARBOSA, 2000, p. 275). Dessa forma, os troféus, certificados de participação, anotações, fotos e outros elementos materiais são uma forma de expressão e captação acerca do vivido, aumentando a possibilidades da realização de diversas leituras sobre o tecido da vida. A matéria serve como suporte para que as lembranças aflorem, para que os dados submerjam e deem luz a uma nova narrativa ou entendimento.



Foto 11- Sala de troféus de equipe. Foi reservada toda uma peça, exclusiva para as premiações.

Estes elementos serviram também como suporte para o reavivamento de lembranças. Porém, muitos fatos e sensações diárias deixam de ser registrados, e esses momentos vão se dissolvendo, misturando-se e mesclando com outras narrativas. Partindo destes elementos, elas se lembram de outras integrantes das equipes, relembram detalhes de onde os eventos aconteceram e o nome das pessoas (conforme anotações no verso das fotos) e conseguem lembrar a data de eventos esportivos que estavam gravadas nas medalhas, facilitando a construção das memórias. Os elementos materiais as auxiliam neste retorno ao passado, a fim de acessar elementos nostálgicos, geralmente momentos agradáveis, pois as fotos retratavam as vitórias e as alegrias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente impedidas de jogar futebol e praticar outros esportes considerados “violentos”, devido ao decreto-lei nº 3.199 - que vigorou até a década de 1980, as mulheres (re)iniciaram a prática esportiva, dentre outros motivos, devido à curiosidade que sentiam. Sentir aquelas experiências corporais era algo que lhes era proibido, e por muito tempo foi alvo de críticas por parte dos essencialistas e sexistas. O nível técnico das jogadoras era comparado ao masculino e, por isso, considerado inferior, sem o mesmo valor. Este fator, associado aos estigmas ligados à prática, dificultou o acesso e a continuidade de muitas mulheres na prática do futebol, afastando-as dos campos e quadras. Por serem mulheres, o futebol era uma área que não lhes era de direito, sendo uma área de reserva masculina (DEVIDE, 2005).

A constituição do futebol feminino em Santa Maria foi resultado de um processo de passagem do esporte amador para a tentativa de profissionalização. Porém, esta tentativa desestimulou várias praticantes e diminuiu drasticamente o número de equipes de futebol na cidade. Esta tentativa de profissionalização acarretou um aumento no controle das práticas e ações das atletas, que entravam em choque com as precárias estruturas que a modalidade possuía. Das jogadoras era cobrada uma atitude profissional, todavia os retornos financeiros não eram equivalentes às exigências que lhes eram feitas. Houve jogadoras que por isso se rebelaram contra essa prática excessiva de poder e promoveram rupturas nas equipes das quais faziam parte.

Para as jogadoras, a prática esportiva era geradora de prazer. O prazer que o futebol proporcionava não estava apenas ligado à liberdade de expressão, mas também à projeção delas socialmente. As jogadoras podiam expressar com este fazer, com esta prática, suas subjetividades. Mesmo sem compensações financeiras, algumas delas dedicavam muitos esforços e muito tempo na tentativa de melhorar as condições estruturais da modalidade, porém eram barradas pela falta de incentivos e de pessoas que quisessem também assumir este empreendimento. A responsabilidade pelas equipes era algo que, apesar de investir-lhes de poder, por vezes fazia com que o prazer do futebol fosse diminuído. As decisões tomadas

em nome da equipe podiam gerar inimizades, insatisfações e até mesmo revolta por parte das demais colegas de equipe. As negociações entre o que era preciso ser feito e os desejos das atletas rendia noites de sono perdidas para algumas dirigentes das equipes e podiam afetar o seu relacionamento com as demais jogadoras. Enfim, a trajetória deste campo esportivo, como analisado nesta dissertação, foi um processo tenso e complexo.

Mesmo perdendo o que consideravam seu "chão", ou terreno com o qual mais tinha afinidade, estas jogadoras buscaram outra forma para driblar a falta de participantes. Dessa forma, o futebol de salão (e posteriormente o futsal) foi uma alternativa para aquelas mulheres que se autodenominavam "apaixonadas" pelo futebol. Estas jogadoras que participaram da transição do campo para as quadras são denominadas neste estudo como jogadoras da Primeira Geração do futsal santa-mariense. Muitas delas pararam de competir e, conforme elas próprias afirmam, batem uma bolinha só pra se divertir, "sem compromisso". Apesar de terem largado as competições, algumas delas continuam jogando com grupos de amigas. Estes grupos são não apenas um passatempo ou um momento de descontração, mas proporcionam também momentos de reavivação da trajetória pela qual elas passaram. As experiências vividas servem atualmente para uma leitura do presente. As práticas antes realizadas são agora analisadas por outros vieses. Algumas rixas e animosidades ainda persistem, mas há algo em comum que une a todas: o amor pelo futebol.

Este "amor pelo futebol", presente em homens, mulheres e crianças das mais diversas idades, retrata a importância que a prática esportiva teve ou ainda tem na vida destas pessoas. Marcadas no passado ou inscritas em seus corpos, as marcas físicas ou psicológicas do futebol e do futsal ainda permanecem nestas mulheres, e quiçá poderão ter eco no panorama santa-mariense, incentivando que outras meninas se interessem e participem da prática esportiva, mesmo que seja apenas "pra completá".

Em suma, esta dissertação objetivou apresentar e analisar como a constituição de um campo esportivo pode ter em seu interior uma série de elementos que possibilitam análises variadas. Sabemos que há muitas outras possibilidades interpretativas no interior deste campo, contudo, em nível local, apresentar e ter como objeto de estudo tal processo histórico, revelou-se um exercício ímpar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADELMAN, Miriam. Mulheres-atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Revista Estudos feministas**, Florianópolis, 11(2), julho-dezembro, 2003, p. 445-465.

ALMEIDA, Anlessa Cristina; NEIVA, Gabriela. A participação feminina nos esportes de confronto: explorando o futebol americano da praia e *streetball*. **Anais do XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte**. Salvador, Bahia, Brasil, 20 a 25 de setembro de 2009.

AQUINO, L. O. R. Discurso lésbico e construções de gênero. **Horizontes Antropológicos**, v. 1, n. 1, p. 79-94, 1995.

ARANTES, Antonio. O que é cultura popular. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.11, n.21, 1998. Disponível em: <<http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2061>>. Acesso em: 20 jan 2009.

BARBOSA, Andréa Claudia Miguel Marques. O filme dentro do filme. **Rev. Antropol.** [online]. 2000, vol.43, n.1, pp. 275-281. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77012000000100013&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso: 16 mai 2009.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janáina. **Usos e abusos da história oral**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. pp.183-191

_____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **O poder simbólico**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRUHNS, Heloisa T. **Futebol, Carnaval e Capoeira: Entre as gingas do corpo brasileiro**. Campinas - SP: Papyrus, 2000.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Luís Roberto. **Quando Fazer é Refletir: Sobre a Importância do Ensino de Filosofia na Formação do Antropólogo**. Série Antropologia. Brasília, 1993.

CASTRO, Josué Tomasini. "Vá e conte ao seu povo": interpretações e mediações no trabalho antropológico. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 3, n. 1, p. 79-91, jan.-abr, 2008.

CERTEAU, Michel De. **A invenção do cotidiano:1**, Artes de Fazer. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

COELHO, Juliana Affonso Gomes. Voleibol: um espaço híbrido de sociabilidade esportiva. In: TOLEDO, Luiz Henrique; COSTA, Carlos Eduardo (org.). **Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

CORREA, Mariza. Do feminismo aos estudos de gênero no brasil: um exemplo pessoal. **Cadernos Pagu**, nº 16, 2001, pp. 13-30.

COSTA, Leda Maria. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. In: **Esporte e Sociedade**, Ano 2, número 4, Nov2006/Fev2007. Disponível em: <<http://www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc/>>. Acesso: 19 dez 2009.

DA MATTA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter 'Anthropological Blues'. In: NUNES, Edson (org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. Antropologia do óbvio. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, 1994, p. 10-17.

_____. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. O Esporte e o Jogo como Formadores de Comportamentos Sociais. **Seminário Internacional Esporte e Sociedade - Ações Socioculturais para a Cidadania.** Transcrição de Palestra para SESC Vila Mariana, 25 e 26 de novembro de 2003.

DAOLIO, Jocimar. As contradições do futebol brasileiro. In: CARRANO, Paulo Cesar. **Futebol, paixão e política.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000, pp. 3-20.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão:** a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Hucitec: Anpocs, 2007.

DEVIDE, F. P. **Gênero e Mulheres no Esporte:** História das Mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos. Ijuí: Unijuí, 2005.

D'INÇÃO, Mana Angela. Modos de ser e de viver: a sociabilidade urbana. **Tempo Social; Rev. Sociol. USP**, 4(1-2): 95-109, 1992.

DORNELLES, Priscila Gomes. **O futebol feminino de várzea: uma análise cultural.** Monografia de Especialização Pedagogias do Corpo e Da Saúde - Escola de Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande Do Sul. Porto Alegre, 2004.

DUMONT, Louis. **O individualismo:** uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DURKHEIM, Émile. **Divisão social do trabalho.** 3ª ed. Lisboa: Presença, 1989.

DUTRA, Claudia Pereira. **A prenda no imaginário tradicionalista.** Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-graduação em História, 2002.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **Deporte y ocio en em proceso de la civilización.** México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2005.

FARIAS, Cláudia Maria de. Superando barreiras e preconceitos: a trajetória do atletismo feminino brasileiro, 1948-1971. **Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008. Disponível em: <http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST67/Claudia_Maria_de_Farias_67.pdf>. Acesso em 28 jan 2010.

FONSECA, Cláudia. Quando cada caso NÃO é um caso - pesquisa etnográfica e educação. Trabalho apresentado na XXI Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, setembro de 1998. **Revista Brasileira de Educação**, Jan/fev/mar, nº 10, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade do saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, F. . "Futebol é 'coisa para macho'? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol". **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. n. 50, p. 315-328, 2005.

GASTALDO, Edison Luis. *A forja do homem de ferro: a corporalidade nos esportes de combate*. In: LEAL, Ondina Fachel (Org.) **Corpo e Significado**. 2a edição. Porto Alegre: Ed da Universidade / UFRGS, 2001.

_____. Esporte, violência e civilização: uma entrevista com Eric Dunning. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 223-231, jul./dez. 2008

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

_____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

_____. **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002.

_____. **La interpretación de las culturas.** Barcelona: Editorial Gedisa, 2003.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol** – dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOELLNER, Silvana. Pode a mulher praticar o futebol? In.: CARRANO, Paulo Cesar. **Futebol, paixão e política.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 79-94.

_____. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G.L.; NECKEL, J.F.; GOELLNER, S.V. **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *Mulher e esporte no Brasil: fragmento de uma história generificada.* In: SIMÕES, Antonio Carlos; KNIJNIK, Jorge (orgs.). **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho.** São Paulo: Aleph, 2004.

_____. Mulher e esporte em perspectiva. Disponível em:
<www.esporte.gov.br/arquivos/mulher_esporte/esporte_mulher.pdf>. Acesso: 15 jan 2009.

_____. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.19, n.2, abr/jun. 2005, p.143-151.

_____. *Mulheres, memórias e histórias: reflexões sobre o fazer historiográfico.* In.: GOELLNER, Silvana (org.). **Garimpendo memórias: Esporte, Educação Física, Lazer e Dança.** Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007, p. 13-26.

_____. História das mulheres no esporte: o gênero como categoria analítica. In: **XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e II Congresso Internacional de Ciências do Esporte, Recife. Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte [e] II Congresso Internacional de Ciências do Esporte.** Recife : Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007b. v. 1. p. 1-10.

_____. *Garimpendo memórias: esporte, educação física, lazer e dança no rio Grande do Sul.* In.: GOELLNER, Silvana (org.). **Garimpendo memórias: Esporte, Educação Física, Lazer e Dança.** Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007c, p. 53-62.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio de.

Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOBSBAWN, Eric. A produção em massa de tradições: Europa, 1879 a 1914. In.: HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JAEGER, Angelita Alice. Quando o músculo entra em cena: fragmentos históricos da potencialização muscular feminina. In.: GOELLNER, Silvana (org.). **Garimpando memórias: Esporte, Educação Física, Lazer e Dança**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007, p. 133-148.

KESSLER, Cláudia Samuel. **Futebol: de quem e para quem? uma análise antropológica contemporânea da prática esportiva entre mulheres**. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Santa Maria, 2009.

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n.9, p.103-117, outubro de 1998.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. **Femininos e masculinos no futebol brasileiro**. Tese (doutorado). São Paulo: IPUSP, 2006.

KNIJNIK, J. D. ; VASCONCELOS, E. . Mulheres na área no país do futebol: perigo de gol. In: Antonio Carlos Simoes. (Org.). **Mulher e Esporte - mitos e verdades**. 1 ed. Barueri: Manole, 2003, v. , p. 165-175.

KNIJNIK, Jorge Dorfman; SOUZA, Juliana Sturmer Soares de. Diferentes e desiguais: relações de gênero na mídia esportiva brasileira. In: SIMÕES, Antônio Carlos; KNIJNIK, Jorge Dorfman. **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho**. São Paulo: Aleph, 2004, 191-212.

LECZNEISKI, Lisiane. Corpo, virilidade e gosto pelo desafio: marcas de masculinidade entre os gurus de rua. **Revista Horizontes Antropológicos – Gênero**. Porto Alegre: PPGAS /UFRG, 1993.

LOPES, José Sérgio Leite. Considerações em torno das transformações do profissionalismo

no futebol a partir da observação da Copa de 1998. In: **Estudos Históricos**. Vol.1 nº 23, 1999.

LOPES SOBRINHO, Hermito. **Futebol e Reminiscências**: Relembrando o Futebol do Passado. Santa Maria: Editora Grafos, 1989.

LOURO, Guacira. Feminilidades na pós-modernidade. **Labrys**, Estudos feministas. Junho/dezembro 2006. Disponível em:
<<http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys10/riogrande/guacira.htm>>. Acesso em: 18 abr 2009.

LUCENA, Ricardo. **O esporte na cidade**: aspectos do esforço civilizador brasileiro. Campinas: Autores Associados, 2001.

MACHADO, Lia Zanotta. Gênero, um novo paradigma? **Cadernos Pagu**, n. 11, 1998, p. 107-125.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental** : um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da nova Guiné Melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MANSFIELD, Louise; CURTIS, Helen. Competing women: media representations of femininity and nacional identification at the Olympic Games in Athens 2004. **Esporte e Sociedade**, ano 4, n. 12, jul. 2009/out. 2009.

MAUSS, Marcel. Noção de técnica corporal. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EDUSP, 1974.

MELO, Victor Andrade de. *Futebol*: que história é essa? In: CARRANO, Paulo Cesar. **Futebol, paixão e política**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 11-28.

MEINERZ, N. E. **Entre Mulheres - Estudo Etnográfico sobre a constituição da parceria homoerótica feminina entre mulheres de camadas médias na cidade de Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Rio Grande do Sul, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

MIRA, Maria Celeste. O masculino e o feminino nas narrativas da cultura de massas ou o deslocamento do olhar. **Cad. Pagu** [online]. 2003, n.21, pp. 13-38. Disponível em:
<

83332003000200003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 18 abr 2009.

MOURA, Eriberto Lessa. O futebol como área reservada masculina. In.: DAOLIO, Jocimar. **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 131-148.

MOURÃO, Ludmila. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Revista Movimento**, ano VII, nº13, 2000.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 26, n. 2, 2005, p. 73-86.

ORTNER, Sherry B. Subjetividade e crítica cultural. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 375-405, jul./dez. 2007, p. 375 - 405.

PADILHA, Valquíria. A indústria cultural e a indústria do lazer: uma abordagem crítica da cultura e do lazer nas sociedades capitalistas globalizadas. In: Muller, Ademir; DACOSTA, Lamartine Pereira. **Lazer e Desenvolvimento Regional**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

PAIM, Maria Cristina; STREY, Marlene Neves. Marcas da violência de gênero contra a mulher no contexto esportivo. **Revista Digital** - Buenos Aires - Año 11 – n. 103 - Diciembre de 2006. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd103/genero.htm>>. Acesso em: 18 abr 2009.

PEIRANO, Mariza. **A Favor da Etnografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

_____. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PIBER, Gilson; CARVALHO, Sérgio. **O futsal em Santa Maria**: fragmentos históricos. Santa Maria: Palotti, 2008.

PILOTTO, Fátima Maria. *Diferentes tipos de corpos para diferentes tipos de esportes*. In.: WORTMANN, Maria Lúcia. **A produção cultural do corpo, da natureza, da ciência e da tecnologia**: instâncias e práticas contemporâneas. Porto alegre: Editora da UFRGS, 2007.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. In: BURGOS, Miria Suzana; PINTO, Leila M. S. **Lazer e estilos de vida**: reflexão e debate na perspectiva da “virada” da contemporaneidade.

Lazer e estilo de vida. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002, p. 9-26.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: TA. Queiroz, 1991.

REIS, Heloisa Helena Baldy. Espetáculo futebolístico e violência: uma complexa relação. In.: DAOLIO, Jocimar. **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 105-130.

RETONDAR, Jeferson José Moebus. Jogo: Ponto de encontro entre deuses e homens. In: FERREIRA, Nilda Teves. **Esporte, jogo e imaginário social**. Rio de Janeiro: Shape, 2003, p. 113-130.

REZER, Ricardo. **A prática pedagógica em escolinhas de futebol/futsal - possíveis perspectivas de superação**. Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação Física do Programa de Mestrado em Educação Física do Centro de Desportos na Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis - SC, 2003. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PGEF0067.pdf>>. Acesso em: 21 jan 2010.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornélia. A narrativa e a captura do movimento da vida vivida. **Iluminuras**: Série do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, n.º. 47. Porto Alegre: BIEV, PPGAS/UFRGS, 2002.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANCHES, Vanda Cristina; BORIM, Jayne Maria. **História e evolução do futsal feminino no Brasil e no Paraná**, 2007. Disponível em: <http://www2.unopar.br/unopar/sites/futsal_feminino/complemetos/historia_futsal.pdf>. Acesso: 10 nov. 2009.

SANTANA, W. C.; REIS, H. H. B. Futsal feminino: perfil e implicações pedagógicas = Female futsal: profile and pedagogical implications. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v.11, n.4, p.45-50, 2003. Disponível em: http://www.ucb.br/mestradoef/rbcm/11/11%20-%204/c_11_4_7.pdf Acesso em: 31 jan. 2009.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Revista Educação e Realidade**, n. 2, vol. 15. Porto Alegre, 1990, p. 5-22.

SILVEIRA, Raquel da. **Esporte, homossexualidade e amizade: um estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino**. Dissertação de Mestrado, Porto Alegre, 2008.

SILVEIRA, Tatiele dos Santos. A preferência das jogadoras de Futsal com relação ao perfil de liderança dos treinadores. **Portal Futsal Brasil**, 12 abr 2007. Disponível em: <http://www.futsalbrasil.com.br/artigos/artigo.php?cd_artigo=150>. Acesso: 4 mai 2009.

SIMMEL, George. Sociabilidade – Um exemplo de Sociologia Pura ou Formal. In: MORAES FILHO, E. (org.) **Georg Simmel: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983, p.165-181 (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

SIMÕES, Antônio Carlos. O universo das mulheres nas práticas sociais e esportivas. In: SIMÕES, Antônio Carlos; KNIJNIK, Jorge Dorfman. **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho**. São Paulo: Aleph, 2004, 23-46.

SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. História e a invenção de tradições no campo do futebol. In: **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro: FGV-CPDOC) Vol. 13, N° 23, 1999. Disponível em: <www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/261.pdf>. Acesso em: 28 nov 2009.

SOUZA, Juliana Sturmer Soares; KNIJNIK, Jorge Dorfman. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. In.: **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v.21, n.1, p.35-48, jan./mar. 2007. Disponível em: <http://www.usp.br/eef/rbefe/sumariov21n1/4_v21_n1_p35_48.pdf>. Acesso: 11 abr. 2009.

STIGGER, Marco Paulo. Futebol de Veteranos - um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano. In: **Movimento**. Porto Alegre RS: Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ano IV, n. 7, 1997,52-66.

STIGGER, Marco Paulo. Lazer, cultura e educação: possíveis articulações. In: **Revista Brasileira de Ciência e Esporte**. Campinas, v. 30, n.2, jan. 2009, p. 73-88.

STEVANUX, Ricardo Peixoto; RODRIGUES, Cae. **As questões de gênero no futsal feminino**. VIII Congresso Nacional de Educação - EDUCERE. III Congresso Ibero-Americano sobre violências nas escolas - CIAVE, 2008. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/771_759.pdf>. Acesso 11 jan. 2010.

TEIXEIRA JÚNIOR, Jorge. **Mulheres no futebol, a inclusão do charme**. Porto Alegre: Brasul, 2006.

THOMPSON, Alistair; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da História Oral**. 3ª ed. . Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

TOLEDO, Luis Henrique; COSTA, Carlos Eduardo. Apresentação. In: **Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

TORRÃO FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cadernos Pagu**, janeiro-junho de 2005, p. 127-152.

VELHO, Gilberto. O desafio da proximidade. In.: VELHO, Gilberto e KUSCHNIR, Karina (orgs.). **Pesquisas Urbanas: desafios do trabalho antropológico**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003, p. 11-19.

_____. Observando o familiar. In: VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987, p. 121-132.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e Alma – Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe**. Rio de Janeiro: Relume Duma, 2002.

WIDMAR, Michele Janete. Futebol feminino em Porto Alegre - RS. In: MAZO, Janice Zarpellon; REPPOLD FILHO, Alberto Reinaldo. **Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul: atlas do esporte, educação física e atividades de saúde e lazer no Rio Grande do Sul**, 2005. Disponível em: <http://www.cref2rs.org.br/atlas/cd/texto/fut_fem_poa.pdf>

ZAMBONI, Ernesta; GUSMÃO, Neusa. *Memórias do futebol: a antropologia e a história na formação do pesquisador*. **Educere et Educare** - Revista de Educação, vol 2, n. 3, jan./jul. 2007, p. 141-152.

ZANINI, Maria Catarina. **Italianidade no Brasil meridional**. A construção da identidade étnica na região de Santa Maria- RS. Santa. Maria: Ed.UFSM, 2006.